

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES  
CAMOUS DE CURITIBA II / PPGARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – STRICTO SENSU

DOROTÉIA WERNER DA SILVA

**À LUZ DE BRUEL:  
O PROCESSO DE CRIAÇÃO, PRODUÇÃO E DIFUSÃO DO DOCUMENTÁRIO**

CURITIBA

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES  
CAMOUS DE CURITIBA II / PPGARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – STRICTO SENSU

DOROTÉIA WERNER DA SILVA

**À Luz de Bruel:** O processo de criação, produção e difusão do documentário

Memorial Descritivo apresentado à banca de defesa do curso de Pós-graduação Mestrado Profissional em Artes, Linha de pesquisa – Modos de Conhecimento e Processos Criativos em Artes – da Universidade Estadual do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador(a): Profa. Dra. Salete Machado Cirino.

CURITIBA

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Werner da Silva, Dorotéia  
"À luz de Bruel": o processo de criação, produção e difusão do documentário / Dorotéia Werner da Silva.  
-- Curitiba-PR, 2024.  
115 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Salete Paulina Machado Sirino.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes) -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. O iluminador Beto Bruel e analogia da luz teatral e da luz cinematográfica. 2. O processo criativo do documentário " À luz de Bruel". 3. A produção do documentário " À luz de Bruel". 4. A difusão do documentário " À luz de Bruel". I - Machado Sirino, Profa. Dra. Salete Paulina (orient). II - Título.

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

**ATA nº 08 /2023 - PPGARTES  
BANCA DE DEFESA**

No dia 04/08/2023 de 2023, às 14 horas, em sala virtual, realizou-se a Banca de Defesa do Trabalho Acadêmico intitulado “*À Luz de Bruel: O Processo de Criação, Produção e Difusão do Documentário*”, do/a mestrando/a **Dorotéia Werner da Silva**, que contou com a presença dos/as professores/as doutores/as Salete Paulina Machado Sirino (orientadora), Dr. Hertz Wendel de Camargo, Dr. Paulo Humberto Porto Borges, Dra. Solange Straub Stecz, como membros titulares da banca avaliadora. Após a avaliação do Trabalho Acadêmico, a banca deliberou pela **APROVAÇÃO** da pesquisa. Nada mais havendo a discutir, o Exame de Defesa deu-se por encerrado e eu, professora orientadora e presidente da banca, lavrei a presente ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da banca de avaliação.

Recomendações: Recomenda-se que sejam feitas as alterações indicadas pela Banca avaliadora.

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Salete Paulina Machado Sirino (UNESPAR) – orientador/a

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** HERTEZ WENDEL DE CAMARGO  
Data: 22/04/2024 14:33:29-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo (UFPR)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** PAULO HUMBERTO PORTO BORGES  
Data: 22/04/2024 09:37:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Paulo Humberto Porto Borges (UNIOESTE)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** SOLANGE STRAUBE STECZ  
Data: 16/04/2024 15:05:53-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Solange Straub Stecz (UNESPAR)

## AGRADECIMENTOS

À todas as mulheres que nunca desistiram de lutar pelos seus direitos e sonhos.

À minha mamãe Hilda Sylvia que com sua simplicidade me mostrou que existia possibilidade de contarmos histórias através dos filmes.

À minha irmã e sócia Mirna Werner que sempre esteve ao meu lado e embarca nas minhas loucuras e ideias.

À Alvacy Plauda meu pai que sempre incentivou a leitura e dizia que era sempre possível chegar aonde eu quisesse através do conhecimento.

Ao iluminador e amigo Beto Bruel, pela confiança e generosidade em autorizar a criação do documentário.

À minha filha Flávia Scholz que sempre me apoiou e está a postos para quando preciso com sua generosidade e sabedoria.

À minha filha Luciana Scholz que está sempre ao meu lado e contribuindo com meu crescimento.

À Júlio Scholz meu filho que me salvou dos apuros que passei com as tecnologias.

À Renato Scholz meu filho que com sua sutileza e particularidade me auxiliou neste trabalho.

À Marcelo Werner, meu querido irmão que sempre apoiou e incentivou as minhas escolhas.

À Kelly Roncato que foi meu braço direito nesta escrita. Me apoiando nos momentos de dúvida.

À professora e orientadora Dra. Salete Machado Sirino por ter acreditado em mim, pelo apoio e orientação.

À professora Dra. Zeloí Aparecida Martins que sempre se colocou à disposição quando precisei.

À professora Dra. Solange Straub Stecz pelo carinho e apoio nesta jornada acadêmica e na vida.

A Marina Werner, minha filha do coração, sempre presente na minha caminhada e parceira de muitas trocas.

Aos meus parceiros de equipe no projeto do documentário “À Luz de Bruel” que foram extremamente importantes ao longo do processo. Sem eles nada seria possível.

À minha parceira e amiga Silvia Gabriela que dividiu comigo a direção do documentário.

À Renê Scholz que sempre me incentivou e proporcionou meu começo na carreira artística.

Aos professores do programa que através de seus ensinamentos e contribuições durante as aulas do mestrado.

À todas e todos que direta ou indiretamente me inspiraram e contribuíram para que eu concluísse este trabalho.

Agradeço imensamente as mulheres companheiras de profissão que nunca desistiram, defendem e lutam pelo cinema nacional como um espaço onde as mulheres possam transitar livremente e em todas as funções.

“Um filme só se completa quando passa a ter uma vida dentro do público a que se destina”.  
Jean-Claude Bernardet

## RESUMO

O memorial "À Luz de Bruel: O Processo de Criação, Produção e Difusão do Documentário" tem como objetivo apresentar o processo de criação e desenvolvimento do documentário de curta-metragem "À Luz de Bruel". Neste trabalho, apresento o desenvolvimento da ideia, do argumento e do roteiro, além das etapas de produção audiovisual: pré-produção, produção e pós-produção, até a difusão do produto finalizado em festivais e mostras. O personagem principal do documentário é o iluminador paranaense Beto Bruel. Ao longo do documentário, são apresentados depoimentos de personalidades do teatro nacional e do próprio artista. Com relação aos aspectos específicos dos processos em torno do documentário "À Luz de Bruel", utilizo interlocuções com integrantes da equipe para obter informações precisas e detalhadas. A partir de uma pesquisa exploratória e revisão de literatura acerca do audiovisual e documentário, foi delineado o referencial teórico utilizado no presente trabalho. Autoras e autores como Manuela Penafria, Bill Nichols e Eduardo Coutinho contribuíram na área do documentário. Destaco ainda Chris Rodrigues, que, a partir de sua extensa bagagem na produção cinematográfica, possibilitou que alguns pontos importantes fossem delineados. Para a discussão da direção e fotografia, utilizei as contribuições de Sidney Lumet, entre outras autoras e autores, que foram importantes para o desenvolvimento deste memorial.

**Palavras-chave:** Teatro, iluminação, documentário, cinema.

## ABSTRAT

The memorial "À Luz de Buel: The Process of Creation, Production, and Dissemination of the Documentary" aims to present the process of creation and development of the short film documentary "À Luz de Buel." In this work, I present the development of the idea, the argument, and the script, as well as the stages of audiovisual production: pre-production, production, and post-production, until the dissemination of the finished product in festivals and exhibitions. The main character of the documentary is the lighting designer from Paraná, Beto Buel. Throughout the documentary, testimonies from national theater personalities and the artist himself are presented. Regarding the specific aspects of the processes surrounding the documentary "À Luz de Buel," I rely on established conversations with team members to obtain accurate and detailed information. Through exploratory research and literature review on audiovisuals and documentaries, the theoretical framework used in this work was outlined. Authors such as Manuela Penafria, Bill Nichols, and Eduardo Coutinho have contributed to the field of documentary. I also highlight Chris Rodrigues, who, with his extensive experience in film production, enabled the discussion of some important points. For the discussion of direction and cinematography, I have used the contributions of Sidney Lumet, among other authors, who were important for the development of this memorial.

**Keywords:** Theater, lighting, documentary, cinema.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frame do filme "À Luz de Bruel" (2018) .....	19
Figura 2: Mapa de Luz da peça Lazarus Parte 1 (2019).....	23
Figura 3: Mapa de Luz da peça Lazarus Parte 2 (2019).....	24
Figura 4: Fotografia musical "Lazarus" .....	25
Figura 5: Fotografia musical "Lazarus" .....	25
Figura 6: Ópera "Fidélio" 2015, direção de Cristiane Jatahy .....	26
Figura 7: Frame do filme "À Luz de Bruel" (2018).....	28
Figura 8: Beto Bruel em cena .....	39
Figura 9: Imagem do argumentado documentário "À Luz de Bruel" .....	41
Figura 10: Imagem do roteiro do documentário "À Luz de Bruel" .....	43
Figura 11: Imagem do documentário "À Luz de Bruel" .....	44
Figura 12: Imagem do roteiro do documentário "À Luz de Bruel" .....	45
Figura 13: Imagem dos bastidores de gravação .....	49
Figura 14: : Foto do lançamento do filme "À Luz de Bruel" .....	52
Figura 15: : Entrevista para o filme com Luiz Melo.....	52
Figura 16: Imagem dos bastidores de Gravação.....	54
Figura 17: Imagens dos bastidores de Gravação .....	56
Figura 18: Certificado de Aprovação do projeto .....	62
Figura 19: Entrevista Marco Nanini .....	65
Figura 20: Entrevista com Felipe Hirsch .....	65
Figura 21: Entrevista com Otavio Camargo .....	66
Figura 22: Entrevista com Daniela Thomas .....	66
Figura 23: Filmagens .....	67
Figura 24: Equipe .....	68
Figura 25: Rafael Lopes na ilha de edição .....	70
Figura 26: Decupagem do roteiro do curta-documentário "À Luz de Bruel" .....	72
Figura 27: Decupagem do roteiro do curta-documentário "À Luz de Bruel" .....	73
Figura 28: Decupagem do roteiro do curta-documentário "À Luz de Bruel" .....	74
Figura 29: Ordem do dia do curta-documentário "À Luz de Bruel". .....	75
Figura 30: Boletim de som do curta-documentário "À Luz de Bruel". .....	76
Figura 31: Boletim de câmera do curta-documentário "À Luz de Bruel". .....	77
Figura 32: Cartaz do curta-documentário "À Luz de Bruel" .....	82

Figura 33: Equipe recebendo os prêmio no Festival de Cinema Curta Pinhais .....	85
Figura 34: 11º Festival CineFest Votarantim .....	86
Figura 35: Festival Votarantim.....	86
Figura 36: Festival Fescine de Pinhais .....	87
Figura 37: Festival Fescine de Pinhais .....	87
Figura 38: Festival Pedra Azul .....	88
Figura 39: Prêmio recebido no Festival Office 20 .....	88
Figura 40: Prêmio recebido no Festival Office 20 .....	89
Figura 41: Homenagem a Beto Bruel durante Festival da Lapa.....	89
Figura 42: Festival de Cinema Inhapim .....	90
Figura 42: Festival de Cinema Inhapim .....	90
Figura 43: Festival de Cinema Fesccta .....	90
Figura 43: Festival de Cinema Fesccta .....	90

### **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Tabela de Prêmios .....	20
Tabela 2: Tabela de Óperas .....	25
Tabela 3: Tabela dos principais festivais onde o documentário foi selecionado e premiado...78	

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CENA 1: O ILUMINADOR BETO BRUEL E A ANALOGIA DA LUZ TEATRAL E DA LUZ CINEMATOGRAFICA .....</b>	<b>18</b>
1.1 O Iluminador Beto Bruel.....	19
1.2 Analogia da luz teatral e da luz cinematográfica .....	28
<b>CENA 2: O PROCESSO CRIATIVO DO DOCUMENTÁRIO “À LUZ DE BRUEL” .....</b>	<b>34</b>
2.1 O encontro com a ideia do documentário e o roteiro .....	34
2.2 A primeira direção filmica .....	46
2.2.1 Experiência no campo do audiovisual .....	47
2.2.2 Primeira direção filmica em conjunto no documentário “ À Luz de Bruel” .....	50
<b>CENA 3: A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “À LUZ DE BRUEL” .....</b>	<b>59</b>
3.1 Desenvolvimento do processo da produção do documentário“À Luz de Bruel”.....	59
<b>CENA 4: A DIFUSÃO DO DOCUMENTÁRIO À LUZ DE BRUEL .....</b>	<b>78</b>
4.1 O processo de difusão do documentário “À Luz de Bruel” .....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE 2 .....</b>	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

O presente memorial apresenta o processo de desenvolvimento e criação do documentário “À Luz de Bruel”, desde a ideia, a pesquisa, o roteiro, a pré-produção, a produção, a pós-produção e a difusão para as telas do cinema, realizada por meio de mostras e festivais.

A idealização do projeto fílmico surgiu por meio de uma discussão referente à iluminação teatral e a importância da função e contribuição do iluminador cênico. Com o passar do tempo, fui observando e amadurecendo a importância de trazer à luz a figura deste profissional o iluminador teatral, que, geralmente, fica invisível em um canto escuro do teatro, enquanto trabalha para iluminar as cenas e os personagens e assim contribuir para que a magia do teatro aconteça.

Foi possível notar também a necessidade de falar sobre a luz, que traz novas informações sensoriais para a plateia, fazendo com que a experiência dentro do teatro seja mais completa. Afinal, como afirma Rudolf Arnheim “Sem luz, os olhos não podem observar nem forma, nem cor, nem espaço ou movimento” (1996, p.293). Tais questões são colocadas em cena no documentário “À Luz de Bruel”.

O curta-metragem retrata a trajetória do renomado iluminador paranaense Beto Bruel, e da arte desenvolvida por ele ao longo de sua carreira. Neste momento, apresento brevemente o iluminador Beto Bruel, figura central do documentário.

Luiz Roberto Bruel é paranaense, nascido na cidade da Lapa, em 1950, e atua como iluminador cênico há mais quarenta anos. Beto iniciou sua carreira no ano de 1971 no Colégio Estadual do Paraná, onde estudava. Neste mesmo ano, o grupo teatral do colégio resolveu inscrever uma peça no “Festival Nacional de Arte Colegial”, e perceberam que não havia o iluminador para a peça. Beto foi convidado e aceitou, mesmo sem nunca ter feito luz para uma peça. Sua primeira experiência foi bem-sucedida.

No ano de 1973, ele passou a fazer parte do “Grupo de Teatro Experimental Margem”, dirigido por Manoel Karam e continuou atuando como iluminador naquele contexto. No ano seguinte, Beto Bruel consolidou sua carreira profissionalmente na peça “Marat Sade” com direção de Oraci Gemba. Essa peça é considerada um divisor de águas na carreira de Bruel. É a partir desse momento que ele passa a trabalhar profissionalmente como iluminador, e foi com o sucesso da peça “Marat Sade” que o reconhecimento pelo seu trabalho começou a abrir portas para novos projetos.

Assim, no presente trabalho, o documentário retrata a carreira de um iluminador teatral, optei por adaptar o texto deste memorial à estrutura narrativa utilizada na dramaturgia como

uma sequência de cenas.

Na primeira cena, discorro de maneira mais detalhada e aprofundada sobre a trajetória do iluminador Beto Bruel, destacando pontos importantes na sua carreira, abordando os processos de trabalho que ele utiliza, as peças e espetáculos em que já trabalhou e os prêmios que recebeu ao longo da profissão.

Continuando com a narrativa da primeira cena, também abordarei a analogia entre a luz teatral e a luz cinematográfica, fazendo um paralelo sobre ambas. Essas duas formas de iluminação têm suas próprias características e objetivos específicos, que ajudam a contar a história e influenciam o resultado de cada arte.

O autor David Bordwell (2013) afirma: “A iluminação também pode articular texturas: a curvatura de um rosto, a textura de um pedaço de madeira, o rendilhado de uma teia de aranha, o brilho de uma joia. A iluminação molda os objetos criando sombras e destaques.” (BORDWELL, 2013, p.221). A partir desta definição é notável a importância da luz, tanto no cinema ou no teatro, onde ela desempenha um papel crucial, permitindo que os iluminadores criem uma experiência visual envolvente e transmitam emoções e significados por meio das imagens de um filme ou nas cenas de um espetáculo, assim estabelecendo o clima, criando atmosfera e transmitindo emoções aos espectadores.

A segunda cena apresenta o processo criativo do documentário “À Luz de Bruel”, que será dividida em subcenas. Inicialmente, vou discorrer desde o encontro entre a ideia do documentário e o roteiro com suas características e especificidades. Antes de produzir o documentário, as perguntas eram muitas: como escrever um roteiro capaz de guiar a construção desse personagem cujos contornos ainda não estavam definidos? Como dar voz a esse personagem? Qual seria a melhor forma de apresentar a trajetória do iluminador, valorizando o fazer artístico local? Todos esses questionamentos foram sendo respondidos a partir das contribuições de autores e autoras que serviram de base para a criação do roteiro primeiramente.

Para tanto, como metodologia para a escrita desta segunda cena deste trabalho, envolveu a pesquisa bibliográfica em teóricos e teóricas do roteiro e documentário, proporcionando uma base sólida para a criação. Assim, faço uso das contribuições de Syd Field, que apresenta as condições para escrever um roteiro, trazendo apontamentos abrangentes. Segundo Field (2001), “roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática”. Com base nas contribuições dos autores e autoras que serão mencionados, nesta segunda cena deste trabalho, apresento o processo de escrita do roteiro do documentário. Contribuí com a narrativa, por exemplo, o autor Doc Comparato, que nos traz um alento quando define que o roteiro não tem que ser uma estrutura vedada: “É unicamente orientativo, um ponto

de referência para o trabalho de filmagem, visto que a realidade muitas vezes interfere e introduz novos elementos não previstos” (COMPARATO, 1995, p. 341). Assim, destaco que o conteúdo do roteiro foi aparecendo aos poucos.

Primeiro, em conjunto com a roteirista Silvia Gabriela, codiretora do curta-metragem “À Luz de Bruel”, delineamos a ideia e passamos a buscar maneiras de apresentar o personagem, que é o iluminador. Optamos por uma abordagem em que ele lançasse luz sobre o conflito, utilizando o tempo dramático e mostrando claramente a ação, como se fosse um jogo de luz e sombra.

Além disso, decidimos apresentar Beto Bruel por meio dos depoimentos de outros artistas com os quais ele trabalhou ou iluminou. Essa escolha foi feita para ressaltar não só as suas habilidades como iluminador, mas também a sua contribuição na criação dos espetáculos. A partir dessas ideias, traçamos a narrativa do roteiro.

Destaco Eduardo Coutinho (apud Lins 2004:108) que mostra que “o documentário é um ato no mínimo bilateral, em que a palavra é determinada por quem a emite, mas também por aquele a quem é destinada, ou seja, o cineasta e sua equipe, quem estiver em cena”. Eduardo Coutinho (2004) destaca que o documentário pode ser considerado um território compartilhado tanto pelo locutor quanto por seu destinatário. Essa abordagem ressalta a importância da compreensão do documentário. O cineasta busca uma conexão com o público, despertando questionamentos, provocando reflexões. A resposta do público desempenha um papel crucial na recepção dessas mensagens documentais. Através da colocação de Coutinho, no qual ele reconhece essa dinâmica entre cineasta e o público, o documentário se torna um espaço de troca, um diálogo em que diferentes vozes e perspectivas se entrelaçam.

Já para Manuela Penafria (2004), o documentário desempenha um papel vital na ampliação de nossa compreensão sobre o mundo, proporcionando uma visão mais abrangente e complexa da sociedade, assim marcando nossa existência; “lembra-nos que fazemos parte do mundo e que interagimos com ele” (PENAFRIA, 2004, p.8).

Ao registrar os eventos do mundo, o documentário registra as transformações sociais e nos convida a refletir sobre a condição humana. Ele oferece uma janela para experiências, histórias e questões que podem ser desconhecidas ou negligenciadas pela mídia convencional. Dessa forma, Penafria (2004) destaca a função do documentário como “apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não veem ou lhes escapa” (PENAFRIA, 2004, p.5).

Assim, compreendo que se o conteúdo do documentário constrói a identidade do filme, ela também apresenta a sua verdade ao espectador. Nesse sentido, pode-se afirmar que, como

diretora em parceria com Silvia Gabriela na criação do filme documentário "À Luz de Bruel", a subjetividade é revelada através das escolhas estéticas utilizadas no documentário.

Penafria (2004) apresenta que o documentarista deve:

[...] ser livre para fazer suas próprias escolhas fílmicas de modo a transmitir-nos um ponto de vista sobre determinada realidade. Novos modos de ver o mundo podem implicar novas construções visuais. Experimentar o pulsar da vida das pessoas e dos acontecimentos do mundo no ecrã é o que o documentário tem de mais gratificante para nos oferecer. É, sem dúvida, um modo de incentivar um conhecimento aprofundado sobre a nossa própria existência.” (PENAFRIA, 2004, p. 9)

Para uma melhor compreensão sobre o documentário, utilizamos autores que embasam a teoria do documentário. Assim, por meio desta revisão bibliográfica, contaremos com contribuições de Manuela Penafria, Eduardo Coutinho, Bill Nichols, Fernão Pessoa Ramos, além de outros autores que foram consultados para a elaboração deste memorial.

No contexto do documentário "À Luz de Bruel", conseguimos encontrar a abordagem adequada para retratar o trabalho de um iluminador teatral, levando em conta as considerações de Bill Nichols (2004), que defende a ideia de que cada documentário possui uma voz única. E, para ele, cada voz é como uma marca digital, um jeito singular de enxergar o mundo.

De acordo com Bill Nichols (2004), existem seis tipos de voz no gênero documentário: performático, expositivo, poético, observativo, participativo e reflexivo. Para o documentário "À Luz de Bruel", optamos por utilizar as vozes participativa e expositiva, a fim de apresentar de forma mais completa e envolvente a história do iluminador teatral.

Dando continuidade nas subdivisões desta segunda cena, na sequência trago minha experiência no campo do audiovisual e a minha primeira direção fílmica e conjunta, a qual foi compartilhada com uma mulher, Silvia Gabriela. Dessa forma, evidenciamos a presença feminina em funções importantes das equipes cinematográficas e buscamos demarcar o protagonismo da mulher no audiovisual.

A indústria cinematográfica desde o seu surgimento sempre foi voltada para os homens. As mulheres eram vistas como incapazes para assumirem funções técnicas e até mesmo artísticas. Destaco as autoras Paula Alves e Paloma Coelho, (2015) que apresentam: “a presença de mulheres era exatamente isso, um fato raro, para as mulheres que se aventuravam na direção” (ALVES; COELHO, 2015, p. 171).

Durante minha atuação como diretora do documentário "À Luz de Bruel", pude vivenciar na prática a perpetuação de preconceitos de gênero na indústria cinematográfica. Ainda é comum ser alvo de olhares e atitudes masculinas que nos colocam em uma posição de submissão e exigem que mulheres se imponham com mais firmeza do que seria cobrado de um

homem em posição semelhante. Essa realidade reforça a necessidade de nós mulheres continuarmos ocupando tais espaços e de lutarmos por uma indústria mais justa e igualitária, onde todas as vozes e perspectivas tenham espaço e oportunidades de se expressar.

No entanto, é importante ressaltar que, mesmo diante desses obstáculos, a participação feminina tem ganhado espaço nas funções principais das equipes no cinema, e a direção compartilhada com Silvia Gabriela no documentário "À Luz de Bruel" é uma prova disso. Gradualmente, a indústria cinematográfica tem caminhado rumo a uma maior inclusão e representatividade de gênero.

Neste processo da direção conjunta, eu e Silvia discutimos muito sobre como seria a criação da estética visual do filme, sempre pensando em garantir a coesão entre a narrativa e a estética. De acordo com os conceitos de Jacques Aumont (2004) no livro Teoria dos cineastas: "o cineasta é um criador de um tipo particular: 'sem mãos', sem relação imediata com qualquer material ou ferramenta. É como estar no lugar de um maestro e orquestrar uma equipe inteira." (AUMONT, 2004, p.54). Dessa forma, o autor explica que o trabalho do diretor ou diretora é desenvolver, pensar e realizar o filme com base em suas escolhas.

Ainda na cena dois, apresento com mais detalhes como foi o meu início no audiovisual. É importante mencionar que minha paixão pela arte cinematográfica surgiu durante a infância e adolescência, quando tive contato com o cinema pela primeira vez e me encantei com a experiência de entrar em uma sala escura para assistir a um filme.

Com o passar dos anos, decidi que gostaria de atuar na área e comecei a buscar diferentes cursos e me conectar com pessoas que pudessem me auxiliar nessa jornada. Finalizei um curso de graduação e logo na sequência fiz uma pós-graduação em cinema. Além disso, aproveitei o momento para dar um passo importante em minha carreira e fundei minha própria produtora audiovisual, a Werner Produções Ltda.

Durante a pandemia do Covid-19<sup>1</sup>, decidi me dedicar aos estudos e ingressei no mestrado em Artes da UNESPAR, buscando aprimorar ainda mais meus conhecimentos na área audiovisual. Durante minha trajetória profissional, o ano de 2018 se destacou por ser o mais desafiador.

Naquele período, tínhamos três projetos em andamento. O primeiro deles foi o documentário "À Luz de Bruel", no qual assumi pela primeira vez a função de diretora

---

<sup>1</sup> A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 20 abr. 2023.



com Silvia Gabriela. No segundo projeto de documentário, intitulado "Tecendo a Vida", eu fiz a direção. Já o terceiro projeto, um curta-metragem de ficção chamado "Sola", e dirigido por Sérgio Bertovi, eu fiz a produção. Por meio dessas experiências, pude aprender cada vez mais e finalmente sair da teoria para vivenciar a prática do cinema.

Prosseguindo com a divisão do trabalho, na terceira cena abordarei o processo da produção do documentário "À Luz de Bruel". Farei um apanhado geral das etapas da produção, passando pelas decisões tomadas para definir a pré-produção, que é a etapa mais importante para tudo ocorrer bem quando se chega a produção. Então, discorrerei sobre a produção em si, momento em que ocorrem as gravações e é feita a captação de todo o material fílmico para o documentário. Por fim, falarei sobre o processo da pós-produção, no qual é feita a montagem e finalização do documentário.

Dando continuidade a apresentação da estrutura do trabalho, na quarta cena apresento a difusão do documentário "À Luz de Bruel". O caminho percorrido até chegar às telas. Descrevo também sobre a importância dos festivais e mostras para a produção independente dos curtas-metragens.

Com relação à fundamentação teórica, e aliada ao desejo de apresentar a trajetória do iluminador através de sua bagagem e experiência no documentário foi necessário dialogar com contribuições de autores e autoras da área do audiovisual.

Para fortalecer a base teórica e aprofundar na temática do audiovisual, recorri a diversos autores renomados da área. Chris Rodrigues (2007), por exemplo, contribuiu com seus estudos sobre produção cinematográfica, enquanto Sidney Lumet (1998) contribuiu com sua expertise em direção e fotografia em seu livro "Fazendo Filmes". Além disso, Bill Nichols (2007), Manuela Penafria (2004), Consuelo Lins (2004) e o documentarista Eduardo Coutinho foram referências importantes para embasar a escrita sobre a área de documentário.

Além dos autores mencionados, realizei entrevistas semiestruturadas com integrantes da equipe do documentário "À Luz de Bruel" para enriquecer a análise e compreensão do processo de criação e produção. Entre os entrevistados, destaco a diretora Silvia Gabriela, o diretor de fotografia Maurício Baggio, o editor e finalizador Rafael Lopes, o finalizador de som e mixagem, Ulisses Galetto, e o responsável pela trilha sonora, Rodrigo Stradiotto, em parceria com Felipe Ayres.

Almejo com o presente trabalho, esclarecer os processos envolvidos na produção de um documentário e demonstrar que, apesar de ser mulher e ter pouca experiência prática, foi possível criar um trabalho que alcançou seus objetivos e foi reconhecido.

## **CENA 1: O ILUMINADOR BETO BRUEL E A ANALOGIA DA LUZ TEATRAL E DA LUZ CINEMATOGRAFICA**

Nesta cena, apresento o iluminador cênico Beto Bruel, que há mais de quarenta anos vem exercendo esta função. Nascido na cidade da Lapa, no Paraná no ano de 1950, Beto tem sua primeira experiência como iluminador quando ainda estudava no Colégio Estadual do Paraná. No ano de 1971, recebeu um convite do diretor teatral Oraci Gemba para fazer a luz da peça “Marat Sade” e com o seu trabalho e sucesso da peça iniciou sua carreira profissional. Nunca mais parou e até hoje continua iluminando inúmeros espetáculos de teatro, ópera e dança. Ao longo de sua carreira, Beto desenvolveu um processo criativo e singular que trabalha a técnica, a sensibilidade e a intuição. Dando continuidade ao conteúdo da cena, vou descrever a trajetória de Beto Bruel, seu processo criativo e suas conquistas ao longo destas décadas.

Como segundo ponto desta cena, abordarei a analogia entre a luz cinematográfica e a luz teatral, traçando um paralelo entre elas. Observo que a luz é uma importante ferramenta em ambas as áreas, sendo responsável por criar ambientes, atmosferas e assim ajudar a contar a história.

No teatro, o responsável pela criação da luz é o iluminador ou a iluminadora. Esse profissional atua durante a montagem e ensaios da peça ou espetáculo. A luz teatral é mais abrangente criando um ambiente físico que faz parte da experiência vivenciada pelo espectador. Já no cinema, a luz é mais controlada e precisa, com a intenção de realçar intenções e detalhes específicos da cena.

A responsabilidade de criar a luz no cinema é do diretor de fotografia, que tem o auxílio da câmera, das lentes, das gelatinas e luzes para alcançar os efeitos desejados. Esta criação é concebida a partir do roteiro, da decupagem do roteiro e durante as filmagens. Mesmo que a concepção e realização da luz sejam diferentes tanto na área cinematográfica ou nas artes cênicas, ambas utilizam a iluminação como um recurso estético e dramático. Na sequência desta cena, apresento o iluminador Beto Bruel e sua trajetória.

Figura 1: Frame do filme "À Luz de Bruel" (2018)



Fonte: Acervo Werner Produções.

### 1.1 O Iluminador Beto Bruel

A figura central do documentário “À Luz de Bruel” é o iluminador cênico Beto Bruel. A decisão de trazer este profissional para o documentário foi jogar luz no seu ofício, que muitas vezes passa despercebido, mas que é fundamental, pois sem ele a mágica do teatro não aconteceria. Este profissional é um artista discreto, um poeta da luz que através de sua sensibilidade, com um toque de magia, conduz os olhos dos espectadores por meio da luz, assim aflorando inúmeras e diferentes emoções, deste modo enaltecendo a força e a beleza do teatro. O iluminador é quem cria a luz através de sua arte silenciosa e ao mesmo tempo impactante.

Luiz Roberto Bruel, conhecido por “Beto Bruel”, paranaense, nascido no dia 12 de maio de 1950, na cidade histórica de Lapa, cresceu na cidade de Guarapuava, no Paraná. Aos quinze anos de idade, no ano de 1965, mudou-se para Curitiba, onde vive até hoje.

Em 1971, Beto era estudante no Colégio Estadual do Paraná. Nesse mesmo ano, aconteceu o Festival Nacional de Arte Colegial, e o grupo do teatro do colégio resolveu inscrever uma peça. Ao pensarem na equipe da peça, perceberam que não havia alguém que pudesse fazer a luz. Beto foi convidado pelos amigos para ser o iluminador, mesmo sem nunca ter feito luz para um espetáculo. Ele aceitou o desafio e descobriu “um admirável mundo novo”, como ele mesmo define.

Em 1973, Beto Bruel passou a fazer parte do grupo de teatro dirigido por Manoel

Karam, no grupo amador de teatro experimental Margem. No ano seguinte, recebeu um convite do diretor teatral Oraci Gemba para fazer a luz para a montagem da peça “Marat Sade”, o que foi um grande desafio para o iluminador. Esta peça foi um divisor na carreira dele e de muitas pessoas que trabalharam neste projeto.

Discorro aqui, a importância e como foi o processo de criação da peça “Marat Sade” para o iluminador Beto Bruel e o desafio de fazer a luz pela primeira vez profissionalmente. Foi neste trabalho que ele conquistou o reconhecimento do seu ofício.

A peça tinha como diretor Oraci Gemba e ficou marcada não só pela sua temática forte e inovadora, mas também pelo desempenho e trabalho de iluminação de Beto Bruel, que na época iniciava sua carreira no mercado de trabalho. O iluminador teve muitos desafios pela frente, pois a peça se passava dentro de um manicômio e o intuito era criar uma atmosfera sombria e opressiva, mas também marcante e dramática.

Para ajudar na criação desse universo, Beto utilizou uma série de recursos técnicos que ajudaram a destacar as emoções dos personagens, como a utilização de sombras, cores fortes e contrastes entre luz e sombra. Uma das cenas mais marcantes da peça foi a que retratava a morte de Marat, onde Bruel conseguiu criar um ambiente totalmente fascinante e envolvente, com o uso de luzes avermelhadas e sombras projetadas sobre a parede, criando uma sensação de angústia e claustrofobia. Beto diz que “foi um espetáculo muito rico e desafiador onde ele foi descobrindo e aprendendo o processo na prática”. (BRUEL, Diário de Campo, 2023).

A formação técnica e artística do iluminador não foi acadêmica, Beto é autodidata e através de sua criatividade e observando outros iluminadores, ele foi aprendendo e se aperfeiçoando na profissão.

Ivo Godois (2011) ressalta que o conhecimento e aprendizagem nas funções técnicas do teatro ainda acontecem por motivação própria.

“A aprendizagem das funções técnicas, no teatro brasileiro, não ocorria e, ainda em sua maioria, não ocorrem através de ensino acadêmico. A bibliografia, no Brasil, sobre estas atividades ainda é escassa. O conhecimento era, e ainda o é, adquirido devido um interesse pessoal e longo acompanhamento da atividade em uma dedicação de tempo, paciência e atenção, como um pupilo que segue os ensinamentos de um mestre”. (GODOIS, 2011, p. 84)

Durante mais de quatro décadas, o iluminador fez diversas parcerias de trabalho, dentre as quais ele destaca aquelas com os diretores e diretoras, pois, segundo ele, para criar a iluminação, é preciso descobrir o que o diretor ou diretora quer e quais são seus pensamentos. Essa proximidade facilita muito o trabalho na sua criação.

Com o diretor Edson Bueno, a parceria já resultou em mais de cinquenta peças juntos.

Como diretor Felipe Hirsch, a cenógrafa Daniela Thomas, e o cenógrafo Felipe Tassara, Beto fez parte de um coletivo que resultou em mais de trinta peças. Sobre esta parceria, o iluminador destaca que trabalhar juntamente com a equipe de criação, no caso a cenografia, facilita muito o desenvolvimento do trabalho. Com a diretora Fátima Ortiz, ele trabalhou em mais de trinta peças.

O iluminador destaca que sua grande parceria é com os diretores e diretoras, pois o convívio ao longo dos anos com estes profissionais ficou mais fácil para ele, já que conhece bem a forma como cada um trabalha. Com tantos trabalhos e parcerias, Beto se tornou não só uma referência na iluminação, mas também um mestre para muitas pessoas que aprenderam o ofício com ele e hoje atuam no mercado.

Durante sua trajetória Beto iluminou várias peças de teatro como: “O Avarento”, de Molière com Paulo Autran, “A Vida Cheia de Som e Fúria”, “Nostalgia”, “Avenida Dropsie”, “Beije Minha Lápide”, “Pterodátalos” (2009), entre outros espetáculos. Foi o responsável também pela iluminação de óperas, shows, concertos, espetáculos de ballet, exposições, palestras e desfiles, além de ter feito a iluminação para alguns ambientes da casa cor, e de ter atuado como iluminador do Natal de Curitiba.

No decorrer da profissão, recebeu diversos prêmios. Dentre eles, cinco prêmios Shell como melhor iluminador, 25 prêmios Gralha Azul e seis prêmios Poty Lazzarotto. Em 2007 e 2011, Beto foi para Praga, na República Tcheca, onde representou o Brasil no congresso da Organização Internacional de Cenógrafos, Técnicos e Arquitetos de Teatro (OISTAT). No Festival de San Sebastian, realizado na Espanha, em 2009, participou com a peça “Avenida Dropsie”. Também em 2009, em Seul, na Coreia do Sul, recebeu a medalha de ouro no “World Stage Design”<sup>2</sup>. Abaixo segue a lista com os principais prêmios que o iluminador recebeu em sua trajetória.

---

<sup>2</sup> World Stage Design (WSD) é a primeira e única exposição baseada em designers para mostrar e celebrar o design de desempenho de designers individuais. Realizado a cada quatro anos, o WSD já viajou para quatro cidades, Toronto, Canadá (2005); Seul, Coreia do Sul (2009); Cardiff, País de Gales, Reino Unido 2013); Taipei, Taiwan (2017); Alberta, Canadá (2022). Disponível em: [https://www.citt.org/World\\_Stage\\_Design\\_Fr.html](https://www.citt.org/World_Stage_Design_Fr.html). Acesso em: 25 mai. 2023.

Tabela 1: Tabela de Prêmios

<b>PRÊMIOS, MEDALHAS E TROFÉUS RECEBIDOS POR BETO BRUEL DURANTE A CARREIRA</b>		
Ano	Espectáculo	Prêmio/ Medalha / Troféu
1974/75	"A Casa de Bernarda Alba – Direção Oraci Gemba	Prêmio Governador do Estado do Paraná - Troféu Gralha Azul
1975/76	"Greta Garbo, que diria acabou no Irajá – Direção Eddy Franciosi	
	"A árvore dos Mamulengos" – Direção Vital Santos	
1976/77	"Cinderela do petróleo" – Direção Roberto Menghini	
1977/78	Pelo conjunto de trabalhos	
1983/84	"Colônia Cecília" – Direção Ademar Guerra	
1984/85	"A história de muitos amores" – Direção Fátima Ortiz	
1986	Pelo conjunto de trabalhos	
1989/90	Pelo conjunto de trabalhos	
1990/91	Pelo conjunto de trabalhos	
1991/92	Teatro infantil - "Pluft, a fantasminha" – Direção Edson Bueno	
1991/92	Pelo conjunto de trabalhos	
1992/93	Teatro infantil – "O menino maluquinho" – Direção Fátima Ortiz	
1994	"Juventude" – Direção Felipe Hirsch	
1994	"Speedy, eu te amo" – Direção Édson Bueno	
1997	"Estou te escrevendo de um país distante" – Direção Felipe Hirsch	Troféu Poty Lazzarotto
1998	"Juventude" – Direção Felipe Hirsch	
2000	"A vida é cheia de som e fúria" – Direção Felipe Hirsch	
2002	"Motion" – Direção Carmem Jorge	
2003	"Vermelho sangue amarelo surdo" – Direção Édson Bueno	
2001	"Memória da água" – Direção Felipe Hirsch	Prêmio Shell
2005	"Avenida Dropsie" – Direção Felipe Hirsch	
2009	"Não sobre o amor" – Direção Felipe Hirsch	
2014	Não vejo Moscou da janela do meu quarto- Direção Silvana Garcia	
2019	"Lázarus" - Direção Felipe Hirsch	
2009	"Não sobre o amor" – Direção de Felipe Hirsch	Medalha de Ouro no Word Stage Design – International Organization of Scenographers, Theatre architects and Technicians – Seul, Coreia.
1974	"Marat Sade" – Direção Oraci Gemba	Prêmio Glauco F. De Sá Brito - Troféu Gralha Azul
2013	"Amores difíceis" – Direção Maíra Lour	Festival de Teatro da Amazônia
2015	"Beije minha lápide" – Direção Bel Garcia	Questão de Crítica
2017	"Nanook" - Direção Eduardo Ramos	FENATA-Festival de Teatro de Ponta Grossa

Fonte: Acervo Beto Bruel

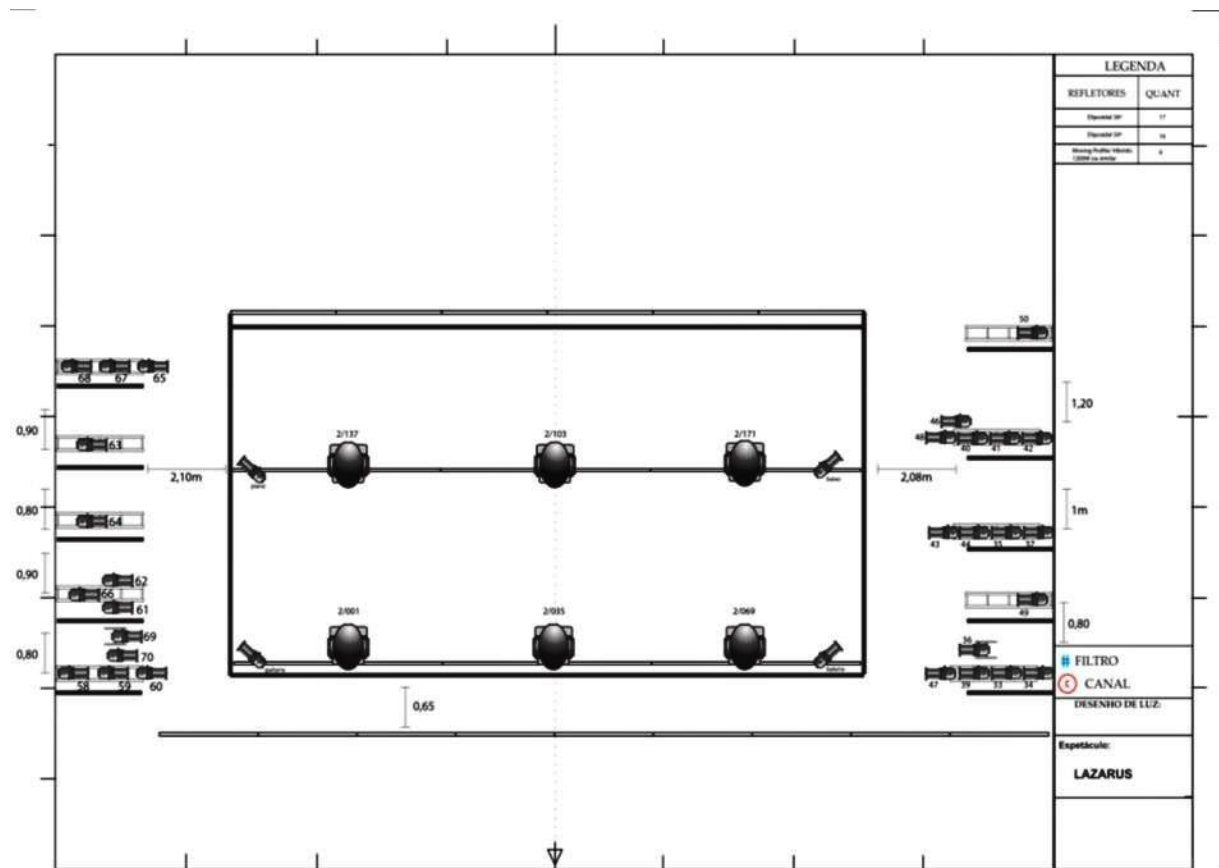
Para esclarecer como cria a luz em seu trabalho, Beto explica seu processo de criação. Ele afirma que, para entender o que o diretor ou a diretora desejam é necessário mergulhar em suas mentes. Ao compreender o desejo do diretor ou diretora, Beto pensa em cada detalhe cuidadosamente, desde a intensidade e tonalidade da luz, onde ela deve estar menos presente ou evidente, juntamente com o que é apresentado no palco, como cenário, objetos e até mesmo a posição dos atores e atrizes, tudo isso torna-se material para Beto criar a iluminação do espetáculo e desenvolver o plano de luz que irá potencializar a narrativa e atender as demandas

do espetáculo.

Após entender quais as necessidades do espetáculo e definir como vai montar a luz, Beto desenha o mapa de luz que serve como guia, tanto para ele em outras montagens do espetáculo, quanto para quem vai operar a luz quando ele não estiver presente. O mapa de luz é uma representação gráfica, que mostra a posição dos refletores, suas potências e as cores que serão utilizadas durante o espetáculo.

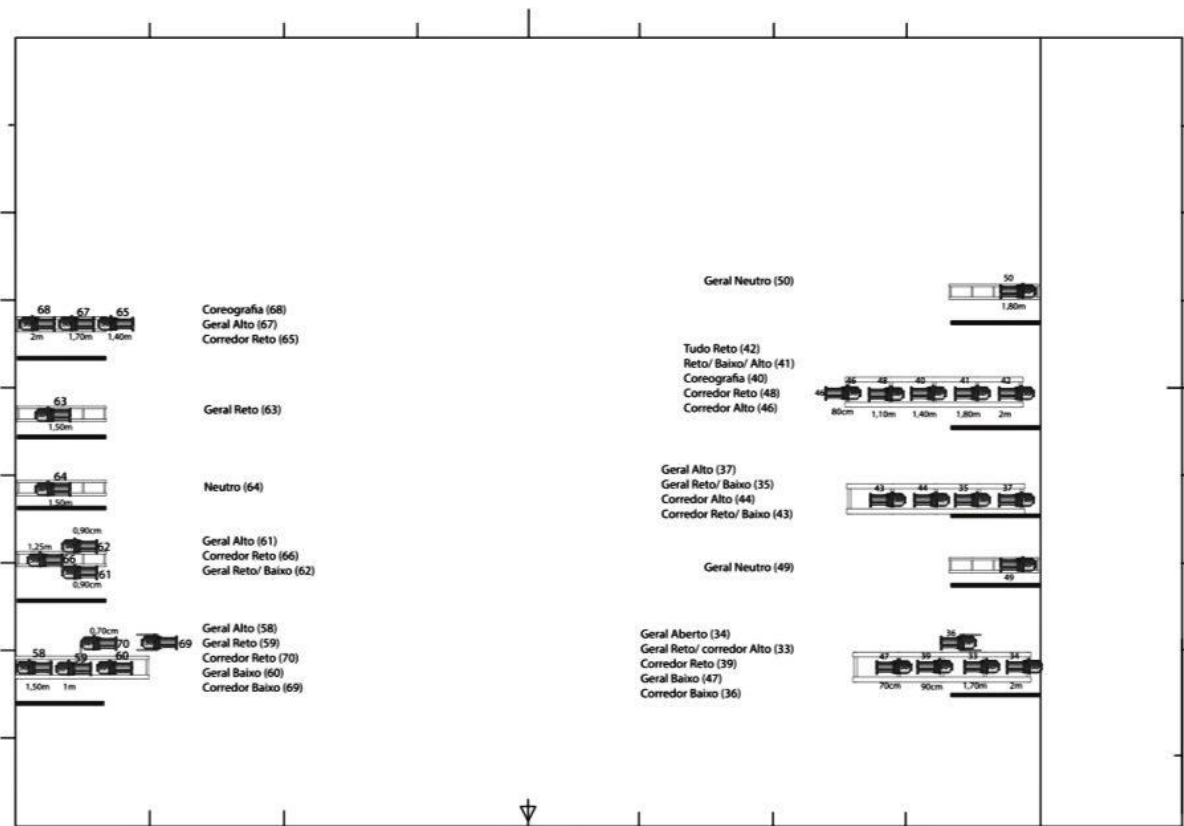
Segundo Beto “no mapa consta tudo o que o iluminador vai precisar seguir, tem a planta toda do palco e quais refletores que vão ser utilizados, quais varas, e onde os plugs vão ser ligados, o mapa é o roteiro da luz que vai ser instalada”. (BRUEL, Diário de Campo, 2023). Desta maneira, Beto deixa claro que o mapa de luz é uma importante e precisa ferramenta para o iluminador e toda a equipe técnica que vai operar a luz com eficiência e segurança nas montagens.

Figura 2: Mapa de Luz da peça Lazarus Parte 1 (2019)



Fonte: Acervo Beto Bruel.

Figura 3: Mapa de Luz da peça Lazarus Parte 2 (2019)



Fonte: Acervo Beto Bruel

Entre diversos trabalhos do iluminador Beto Bruel, destaco a peça "Lázarus" um musical que teve a estreia em 2019 com a direção de Felipe Hirsch. O responsável pela iluminação foi Bruel que utilizou a luz como elemento narrativo, assim destacando os personagens e ajudando a contar a história. Segundo Beto, ele utilizou vários recursos, como luzes móveis e efeitos especiais, uma iluminação bastante dinâmica, com mudanças de cor e de intensidade que acompanhavam o ritmo das canções e das coreografias". (BRUEL, Diário de Campo, 2023).

Beto acredita que a luz contribuiu na criação de um espetáculo visualmente envolvente e impactante. Além disso, Bruel, juntamente com o diretor e o cenógrafo criaram uma atmosfera futurista e tecnológica, que dialogava com a temática da peça. A iluminação ajudou a criar um ambiente de suspense e mistério, realçando as nuances da trama e tornando o espetáculo ainda mais emocionante.



Figura 4: Fotografia musical "Lazarus"



Fonte: Disponível em:  
<https://favodomellone.com.br/lazarus-musical-de-david-bowie-inaugura-teatro-em-sao-paulo/>.  
Acesso em 10 abr. 2023.

Figura 5: Fotografia musical "Lazarus"



Fonte: Disponível em:  
<https://favodomellone.com.br/lazarus-musical-de-david-bowie-inaugura-teatro-em-sao-paulo/>.  
Acesso em 10 abr. 2023.

É possível afirmar que a colaboração entre o iluminador e o diretor, em diálogo com o trabalho do cenógrafo, valoriza a iluminação cênica como um componente crucial na criação da cena teatral e musical. A tecnologia na iluminação aprimora e fortalece a conexão entre luz e dramaturgia.

Ao longo de sua carreira, Beto Bruel, além de peças teatrais, foi responsável pela iluminação de várias óperas. Um destaque é a ópera “Fidélio” (2015), dirigida por Christiane Jatahy. Esta obra é uma viagem cativante que vai da escuridão à luz, explorando uma variedade de emoções e temas. Segundo Beto, em 2023, “a luz tem um papel de destaque neste espetáculo, tornando-se uma linguagem visual que se comunica diretamente com o público, evocando sentimentos e criando tensões.” (BRUEL, Diário de Campo, 2023).

Figura 6: Ópera "Fidélio" 2015, direção de Christiane Jatahy



Fonte: Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/paranaense-beto-bruel-ilumina-aava145qiv0y0clou64fm4c>.

Acesso em 05 abr. 2023

Tabela 2: Tabela de Óperas

LISTA DE ÓPERAS ILUMINADAS POR BETO BRUEL	
ANO	OPERA
1975	“Telêmaco” - Direção Antonio Carlos Kraide
1983	“La Traviata” – Direção Oraci Gemba
1989	“Cosi fan tutte” – Direção Walter Neiva
1990	“O barbeiro de Sevilha” – Direção Marcelo Marchioro
1992	“Don Casmurro” – Direção Marcelo Marchioro
1997	“Orfeu e Eurídice” – Direção Carlos Harmusch
2006	“O Castelo do Barba Azul” – Belo Horizonte
2011	“Rigoletto” – 100 anos do Teatro Municipal de São Paulo “– Direção Felipe Hirsch
2012	“Violanta “e “Uma Tragédia Florentina” – Direção Felipe Hirsch
2015	“Fidélio” – Direção Christiane Jathy
2019	Orphée – Direção Felipe Hirsch - Rio de Janeiro, Brasil
2022	Orphée – Direção Felipe Hirsch - Lisboa, Portugal
2022	“Carmem encontra a Madame Butterfly” - Direção Bruna Steudel

Fonte: Acervo Beto Bruel

A iluminação, com sua habilidade de moldar espaços e guiar o olhar do espectador, desempenha um papel crucial no teatro. Beto, com sua vasta experiência em iluminação, responde humildemente à pergunta: “Qual é o seu papel no espetáculo?” De acordo com ele, seu papel é “ajudar a contar a história” (BRUEL, Diário de Campo, 2023).

Sua função está intrinsecamente ligada à dramaturgia, ao texto e à emoção. Ele vê a luz como um personagem que acompanha cada movimento do ator ou atriz. Ele utiliza toda a movimentação cênica como um ponto de partida para criar a iluminação. Portanto, a luz não é apenas um elemento de design, mas uma parte integrante da narrativa, contribuindo para a atmosfera e o impacto emocional da peça.

No teatro, a luz assume o papel de uma personagem silenciosa, ganhando vida pelas mãos do iluminador. Este artista, através de sua percepção aguçada e das diretrizes fornecidas pelo diretor, esculpe a luz que irá definir o tom do espetáculo.

No cinema, a luz é meticulosamente construída sob a orientação do diretor de fotografia. Este profissional utiliza a câmera como sua ferramenta, criando ângulos e enquadramentos que dão vida à imagem. A luz, neste contexto, é materializada através desta composição cuidadosa.

Na próxima parte da cena, explorarei a analogia entre a luz teatral e a luz cinematográfica, traçando paralelos entre essas duas formas de arte. Ambas, embora distintas em suas abordagens, são fundamentais para a criação de atmosferas envolventes e narrativas impactantes.

## 1.2 Analogia da luz teatral e da luz cinematográfica

Figura 7: Frame do filme “À Luz de Buel” (2018).



Fonte: Acervo Werner Produções.

A luz, tanto no teatro quanto no cinema, é mais do que um mero elemento de design. Ela é uma linguagem própria, um meio de comunicação que, embora silencioso, é poderoso e expressivo. No teatro e no cinema, a luz é usada de maneiras distintas, mas em ambos os casos, ela tem o objetivo de criar um ambiente visual que auxilia na construção da narrativa, evocando emoções, sensações e criando atmosferas.

A figura do iluminador é essencial nesse processo. Como a pesquisadora Nadia Moroz Luciani (2020) destaca, é crucial que o iluminador se envolva com o processo de criação do espetáculo desde o início do projeto. O iluminador deve estar atento às falas do diretor, às

expectativas do dramaturgo, à interpretação dos atores e à movimentação deles em cena. Essa observação cuidadosa é fundamental para compreender o ritmo do espetáculo e suas sutilezas.

Luciani (2020) argumenta que a luz é uma forma de linguagem e que o iluminador deve estar ciente disso. Ela adverte que acreditar que se sabe de antemão o que deve ser feito, ou que tudo está sob controle e será uma tarefa fácil ou tranquila, pode resultar em uma grande armadilha. Ela observa que é comum o diretor dispensar o iluminador das reuniões de equipe, alegando que a iluminação do espetáculo será uma tarefa simples, resolvida com uma luz geral e alguns poucos focos. No entanto, a realidade é muito diferente.

A luz no teatro e no cinema é uma arte complexa e multifacetada. Ela pode transformar uma cena, alterar a atmosfera, destacar ou ocultar elementos e, acima de tudo, contar uma história. A luz é uma personagem silenciosa, mas poderosa, que desempenha um papel crucial na criação de uma experiência imersiva para o público. Portanto, a importância do trabalho do iluminador não pode ser subestimada. A luz é a alma do espetáculo, e o iluminador é o seu guardião.

Luciani enfatiza que a criação de uma iluminação eficaz com recursos limitados é uma tarefa que pode ser ainda mais complexa do que quando se dispõe de uma abundância de recursos e equipamentos. A luz não é apenas um componente da obra, mas uma força vital que contribui para a narrativa, evocando emoções e atmosferas. Portanto, a luz não pode ser vista como um elemento isolado, mas sim como uma parte integrante da direção de arte, da atuação, da cenografia e da sonoplastia.

A pesquisadora Laura Maria de Figueiredo (2018) explica que, quando o teatro começou a ser realizado em espaços fechados, projetados especificamente para facilitar o encontro entre o artista e o público, “a arquitetura teatral tornou-se um ponto de confluência para o desenvolvimento das tecnologias que desde então oferecem suporte, tanto para enunciação de conteúdos cênicos no palco como para recepção sensorial a estes estímulos dirigidos à plateia”, (FIGUEIREDO, 2018, p 158).

Figueiredo (2018) observa que elementos como a escuridão, a meia luz e a neblina, quando habilmente incorporados pelo iluminador na cena, assumem um papel de destaque durante o espetáculo. São esses elementos que proporcionam ao espectador as sensações necessárias para captar de forma sensorial o desenrolar das ações.

“Na atualidade pode-se perceber que a iluminação de uma cena teatral é em primeiro lugar uma impressão visual e uma construção imagética que mistura luz e sombra, cuja origem é um recurso tecnológico – fonte de luz - num espaço específico no qual uma arquitetura instaurada, busca unir palco e plateia numa conformação relacional de infinitos estímulos e informações. A iluminação ocupa-se em primeiro lugar da

figura do corpo humano em cena, a presença viva e tridimensional da figura humana, sua linguagem viva e movente em busca de significar conteúdos. A fonte de luz pode ser um palito de fósforo ou o moving light de tecnologia de ponta, mas os/as criadores de luz para a cena irão sempre precisar escolher onde posicionar essa fonte de luz, em relação ao corpo da/do artista e/ou sobre o espaço cênico, determinando que ambas semovimentam no tempo certo em sintonia rítmica durante a cena, que acontece num espaço que precisa ser iluminado por fontes de luzes, que se mantenham acesas nas intensidades ideais para cada contexto da relação espaço – corpos, sejam esses últimos performers ou elementos cenográficos”. (FIGUEREDO, 2018, p.159)

Esta perspectiva chama a atenção, enquanto no teatro, local fechado, o processo de criação da iluminação pode ser mais livre, intuitivo e focado nas necessidades da história, no cinema ela ainda precisa ser pensada com base em outras variáveis: dia ou noite, estúdio ou externa, chuva, sol ou tempo nublado, amanhecer ou anoitecer. Por ser uma arte feita no mundo, a iluminação de cinema precisa ser pensada com base nas horas do dia e até na estação do ano em que a história vai ser filmada.

Por essa razão, ela é criada de maneira mais controlada e precisa, com o auxílio de equipamentos e tecnologias. No que se refere a esse assunto, Lumet (1998) afirma que iluminar é a parte que mais toma tempo (e, portanto, a mais cara) da realização de um filme. O autor complementa argumentando que “A maioria das reiluminações leva no mínimo duas horas. Quatro reiluminações levam um dia inteiro! Filmar diante da parede A e depois virar 180 graus para filmar diante da parede C, é geralmente um serviço de quatro horas, metade de um dia de trabalho!” (LUMET, 1998, p.31).

Segundo o autor, a película é limitada de muitas maneiras, por isso a iluminação da cena no cinema é tão importante.

“É um processo químico e uma de suas limitações é a quantidade de contraste que consegue captar. Pode se ajustar a muita luz ou a pouca luz. Mas não pode absorver muita luz e pouca luz no mesmo quadro. (A película) é uma versão mais pobre da nossa própria vista. Tenho certeza de que você já viu uma pessoa na janela num belo e claro dia de sol. A pessoa fica com uma silhueta recortada contra o céu. Não conseguimos distinguir as feições dela. Aquelas lâmpadas de arco voltaico corrigem o ‘equilíbrio’ entre a luz no rosto do ator e o céu brilhante. Se não as usássemos, o rosto dele ficaria completamente preto”. (LUMET, 1998, p. 82).

Lumet segue dizendo que, “evidentemente, há mais controle de uma cena de interior, onde o operador provê a luz artificialmente” (LUMET, 1998, p.82). É o caso do iluminador Beto Bruel, que utiliza a luz como uma personagem ao criar a iluminação do espetáculo. No ambiente do teatro, o sol não vai nascer, se colocar no meio do céu, depois se pôr. Ele pode, portanto, tomar todas as decisões que tiver de tomar sem se preocupar com nenhuma modificação externa.

Porém, para Lumet, existem algumas técnicas utilizadas na iluminação de cinema que

contribuem não apenas para as cenas, mas para o reconhecimento do espectador a determinados lugares e determinadas pessoas.

“A iluminação de fundo é um dos modos mais antigos e mais frequentemente usados a fazer com que as pessoas pareçam mais bonitas. A luz é projetada por trás do ator na direção da nuca e dos ombros. A luz é de maior intensidade do que a que atinge o rosto do ator. Se você já andou no bosque ao encontro do sol poente, ou olhou para o sul da Quinta Avenida num dia ensolarado, estando num ponto ligeiramente elevado, talvez recorde como as folhas ou a avenida pareciam belas. Isso acontece porque elas estavam sendo iluminadas por trás. A luz de fundo é muito usada nos filmes porque funciona. Tornou Dietrich, Garbo, todas elas, ainda mais bonitas do que já eram”. (LUMET, 1998, p. 84).

Ao explorar a luz e as conexões entre o teatro e o cinema, Xavier (1996) ressalta que existem inúmeros pontos de convergência entre essas duas formas de arte. O cinema frequentemente incorpora elementos do teatro, como a *mise-en-scène*<sup>3</sup> e a dramaturgia, criando uma simbiose artística que enriquece ambas as disciplinas.

Para exemplificar essa ideia, o iluminador teatral Renato Machado (2018) recorre ao exemplo de uma história clássica contada no teatro pela Cia Pequod<sup>4</sup> e adaptada para o cinema por Francis Ford Coppola. Ele destaca como a iluminação de uma peça teatral pode substituir a edição em um filme, criando uma atmosfera e um ritmo próprios que conduzem a narrativa.

Machado utiliza o filme “Drácula”, lançado em 1992 pela Columbia Pictures, como um exemplo perfeito para essa comparação. Ele sugere que a maneira como a luz é usada no filme, tanto para destacar os personagens quanto para criar um ambiente sombrio e misterioso, é semelhante à forma como a iluminação é usada no teatro para guiar a atenção do público e intensificar a emoção da cena.

Essa análise ilustra a complexidade e a importância da iluminação tanto no teatro quanto no cinema. Ela não apenas molda a maneira como vemos e interpretamos a ação na tela ou no palco, mas também desempenha um papel crucial na criação de uma atmosfera e na condução da narrativa. Portanto, a iluminação é um elemento fundamental na criação de uma experiência imersiva e envolvente para o público, seja no teatro ou no cinema.

“O filme tem uma estrutura quase clássica de narrativa, se o pensamos em relação à

<sup>3</sup> Expressão francesa que está relacionada à encenação. No audiovisual, tudo aquilo que aparece no enquadramento, por exemplo: cenário, atores, iluminação, decoração, adereços, figurino, maquiagem etc., constitui a *mise-en-scène*. Disponível em: [https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/documentario/glossario](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/glossario). Acesso em: 25 mai. 2023.

<sup>4</sup> A Pequod é uma companhia carioca de repertório, que se dedica ao teatro de animação e que aposta na interseção de linguagens como um de seus diferenciais. Desde sua fundação vem aprofundando experiências que tem resultado numa cena de renovação para o Teatro de animação e que tem refletido uma aproximação entre o cinema, o teatro, a dança e a cultura pop contemporânea. Disponível em: <http://www.pequod.com.br/2015/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

montagem. Mesmo tentando reproduzir a estrutura epistolar do romance de Bram Stoker em uma parte da narrativa, o objetivo da montagem do filme é permanecer invisível aos olhos do espectador. (...) a montagem do filme obedece ainda uma dinâmica intensa, com a ação fragmentada em muitos cortes, como é comum aos filmes de ação”(MACHADO, 2018, p. 188-206).

O autor explica que, na sequência final do filme, uma edição faz com que três personagens diferentes sejam acompanhados pelo espectador em três cenas distintas e entrecortadas, até chegar ao seu final. Essa mistura de suspense e ação mantém o espectador atento ao desfecho da história.

Já na peça, a mesma ação final é mostrada a partir de uma montagem diferente, que usa a luz como forma de edição. Os personagens estão em duas caixas localizadas em diferentes pontos do palco e a ação de cada um deles é mostrada a partir do momento em que a caixa onde se encontram é iluminada por um único foco de luz, vindo de cima para baixo. Se estivéssemos vendo o filme, seria como se a câmera estivesse dando close em um personagem de cada vez. É esse jogo de luz e sombra que dita a dinâmica da cena, deixando a narrativa ágil e repleta de suspense, até a sua conclusão.

Nesse contexto, o autor argumenta que o filme e a peça teatral se encontram em um ponto comum: a luz. Ele defende que, nesse caso, a iluminação do teatro assume o papel da montagem do filme. Atrelada à trilha sonora, a luz conduz o espectador para dentro da história que está sendo contada. Assim, apesar das diferenças de linguagem entre o teatro e o cinema, o público tem acesso à mesma história e termina de assisti-la sentindo o mesmo impacto emocional.

Observo que a luz é um elemento fundamental tanto no teatro quanto no cinema. Apesar das diferenças na forma de criar a luz em cada meio, existem pontos em comum. Ambas podem ser exploradas e utilizadas de diferentes maneiras para contar histórias. A luz ajuda a criar uma atmosfera adequada para as cenas, definindo o tom emocional, aprofundando a percepção dos personagens e acentuando os ritmos da narrativa.

No teatro, a luz tem um papel crucial. Ela direciona o olhar do espectador para os pontos de foco, dá profundidade ao cenário e ilumina os personagens. Em suma, a luz aprimora a percepção, proporcionando uma apreciação mais refinada dos detalhes. Isso permite uma imersão mais profunda e enriquecedora para os espectadores.

No entanto, o iluminador, ao desenhar a luz, utiliza como suporte o mapa de luz, que será seu guia em todas as apresentações do espetáculo. Com o mapa, o iluminador consegue planejar a luz com precisão, o que possibilita que outro profissional consiga executar a luz com maestria, sem alterar como foi concebida, na ausência do iluminador. Segundo o iluminador



teatral Rodrigues Assis (2016), o mapa de luz é uma ferramenta fundamental no processo de criação. Ele serve como um roteiro visual, orientando a disposição e a intensidade das luzes, garantindo a consistência e a qualidade da iluminação em todas as apresentações. Assim, a luz, seja no teatro ou no cinema, é mais do que apenas um elemento estético; é uma ferramenta narrativa poderosa que dá vida à história e conecta o público à experiência.

...é a representação gráfica de todos estes elementos quanto à disposição em um espaço[...] Para se criar o mapa é preciso ter o que se chama de ridertécnico do teatro, que é a descrição de todo o material/equipamento técnico que o espaço dispõe, tais como medidas de palco, refletores, maquinaria, carga máxima de energia que o teatro suporta, dentre outras especificações (ASSIS, 2016, p.107).

Ao passo que no cinema a luz tem um papel mais sutil, delicado e preciso. Assim auxiliando e compondo a cena através de formas e sombras, equilibrando o jogo de luz e sombra para permitir que a câmera capture cada detalhe e expressão. O diretor de fotografia desempenha uma papel essencial no cinema, colaborando com a edição e com a direção de arte, explorando os recursos visuais para capturar imagens, fortalecendo a narrativa proposta pelo roteiro, assim contribuindo para a estética e o impacto emocional do filme.

Ambas as formas de arte utilizam a luz como elemento narrativo, moldando a percepção do público e comunicando nuances sutis. Seja no cinema, onde a luz é capturada pela câmera, ou no teatro, onde é projetada ao vivo. No documentário “À Luz de Bruel” a luz foi pensada como uma personagem, ela dá o tom do documentário, ao lado da trilha sonora, é a responsável pela compreensão sensorial da obra, acentuando a história de forma impressionante e autêntica.

Na sequência do trabalho, a próxima cena apresenta o processo criativo do documentário “À Luz de Bruel”.

## **CENA 2: O PROCESSO CRIATIVO DO DOCUMENTÁRIO “À LUZ DE BRUEL”**

Nesta cena, apresento o processo criativo do documentário “À Luz de Bruel”. A ideia para o documentário surgiu de um desejo de explorar a trajetória do iluminador Beto Bruel e a arte da iluminação cênica. A primeira etapa do processo foi desenvolver um argumento sólido que servisse como base para a criação do roteiro.

Com o argumento definido, partimos para a criação de um roteiro estruturado de forma clara e coesa. O objetivo era construir uma narrativa envolvente e emocionante sobre a trajetória de Bruel, destacando a importância do trabalho do iluminador, um profissional que, muitas vezes, permanece invisível para o público.

Para a criação do argumento e do roteiro, realizamos uma pesquisa aprofundada sobre a carreira de Bruel. Essa pesquisa nos permitiu identificar os principais elementos que ajudariam a contar sua história. Com o argumento pronto, Silvia Gabriela assumiu a tarefa de escrever o roteiro. Com o roteiro em mãos, começamos a pensar na construção da narrativa do documentário.

Decidimos que o filme deveria se concentrar na figura de Bruel e no processo de criação e montagem de luz em espetáculos e peças. Queríamos mostrar seu trabalho nos bastidores, a construção de sua carreira, suas lembranças e os depoimentos de artistas que trabalharam com ele ou foram iluminados por ele. Assim, o filme poderia, aos poucos, revelar a história do iluminador, as técnicas e os equipamentos de luz que ele utiliza em seu ofício.

Na sequência da cena, que será dividida em três partes, vou apresentar primeiramente o encontro com a ideia do documentário e o roteiro, posteriormente, abordarei a minha experiência no campo do audiovisual e, por fim, discorro sobre a primeira direção fílmica, que foi conjunta com uma mulher.

### 2.1 O encontro com a ideia do documentário e o roteiro

“Há três lados da mesma história: o meu lado, o seu lado e a verdade. Ninguém está mentindo. As lembranças servem a cada um de forma diferente”.

Robert Evans

No ano de 2010, participei do curso de extensão "Introdução à Linguagem e Técnica Cinematográfica" da UFPR – Universidade Federal do Paraná. Neste curso tive meu primeiro

contato com o gênero do documentário. O professor Hugo Mengarelli<sup>5</sup>, a partir de suas falas sobre documentário e de sua notável generosidade, abriu um horizonte novo em mim. Suas aulas despertaram o meu interesse pela área e me motivaram a me aventurar na produção e direção de um filme documental. Neste mesmo curso, foi-me apresentado a filmografia Eduardo Coutinho. Ao ter contato com seu trabalho, fiquei encantada. Coutinho tornou-se uma grande referência em minha caminhada no gênero documental.

Quando surgiu a ideia de apresentar a iluminação de Beto Bruel em um trabalho audiovisual, o primeiro pensamento foi de transformar a história em uma narrativa documental, já que tínhamos imagens e sons de arquivo, além das falas do iluminador e das histórias que ele tinha para contar. Então, foi necessário lidar com a primeira dúvida: o que uma obra audiovisual precisa conter para ser compreendida como um documentário? O que é um documentário?

Fui atrás de respostas. A partir da revisão de literatura realizada, é possível destacar que o documentário é apontado como um gênero fílmico. De acordo com Manuela Penafria, "um documentário pauta-se por uma estrutura dramática e narrativa, que caracteriza o cinema narrativo. (PENAFRIA, 2004, p 68). A autora define que a estrutura dramática é constituída por personagens, espaço da ação, tempo da ação e conflito. Já Fernão Ramos, (2001 p.22) traz como definição de documentário:

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens- câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos(nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja essemundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados (RAMOS, 2001, p. 22)

Assim é possível perceber que as definições de Penafria e Ramos se complementam, oferecendo uma visão abrangente do que é documentário. Enquanto a autora destaca a estrutura narrativa e dramática do documentário, Ramos ressalta a importância das imagens-câmera e da tomada na construção da narrativa documentária. Ambas as abordagens enfatizam a importância do documentário como uma forma de expressão artística e informativa.

Dessa maneira, uma obra audiovisual conta com várias camadas de interpretações

---

<sup>5</sup> Ator, diretor, autor e professor de teatro, teve importante papel na criação do antigo curso profissionalizante de Formação de Atores da UFPR, base para a criação do atual curso de Tecnologia em Produção Cênica do Setor de Educação Profissional e Tecnológica. Foi o fundador da companhia de teatro Palavr/Ação e idealizou o Teatro Experimental Universitário (Teuni), localizado no Prédio Histórico. Disponível em: <https://ufpr.br/ufpr-lamentacao-falecimento-do-professor-aposentado-hugo-mengarelli/>. Acesso em: 22 mai. 2023.

sobrepostas: a do diretor, a do roteirista, a do fotógrafo, do personagem, do editor e, posteriormente, do público. Em todas essas esferas, a narrativa do documentário “À Luz de Bruel” foi sendo construída, a história foi se moldando, e se transformando.

Bill Nichols, por sua vez, entende que o documentário pode ser definido em contraposição a outras formas de cinema, como a ficção e a vanguarda. Ele compreende o conceito de documentário da seguinte maneira:

“A definição de ‘documentário’ é sempre relativa ou comparativa. Assim como amor adquire significado em comparação com indiferença ou ódio, e cultura adquire significado quando contrastada com barbárie ou caos, o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda”. (NICHOLS, 2004, p. 46).

Ainda segundo o autor, o documentário é um campo instável que se constitui de vozes e modos de produção. Nichols (2004) argumenta que "a voz do documentário é constituída da forma como demonstra sua visão sobre o mundo, tanto a partir da forma como o filme se estrutura como imagem e som quanto a partir de seu conteúdo” (NICHOLS,2004, p.46).

É notável que através dos seus conceitos para Nichols o documentário é muito mais que uma simples representação da realidade e sim uma construção artística que reflete a perspectiva do documentarista sobre o mundo e sobre o que é retratado. Pelo fato de o documentário não ser uma reprodução da realidade, Nichols compreende que ele tem uma voz própria. Em seu entendimento, este tipo de trabalho audiovisual traz em si uma visão singular do mundo. A voz de um documentário serve, de acordo com o autor, para demonstrar uma perspectiva, um argumento ou um encontro.

“A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer. A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. Assim como a trama, o argumento pode ser apresentado de diferentes maneiras”. (NICHOLS, 2004. p. 72).

Nichols (2004) define que os modos do documentário são formas de representação que se estabelecem como subgêneros do gênero documentário. Esses modos incluem: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. De acordo com o autor, esses modos representam convenções adotadas que expressam a maneira como a narrativa de cada filme é construída.

No entanto, é importante ressaltar que não se deve buscar um modo estático em cada documentário. Isso significa que um documentário pode não se encaixar perfeitamente em um

único modo ou pode transitar entre diferentes modos ao longo de sua duração. A flexibilidade e a fluidez desses modos permitem que os cineastas explorem diferentes abordagens narrativas e estéticas em seus trabalhos. Portanto, ao analisar um documentário, é essencial considerar a interação dinâmica desses modos e como eles contribuem para a construção geral da narrativa.

“A identificação de um filme com um certo modo não precisa ser total. Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização”. (NICHOLS, 2004, p. 135)

Com base nos tipos de documentários definidos por Nichols (2004), o projeto “À Luz de Bruel” foi concebido utilizando os modos participativo e expositivo. O modo participativo emprega conceitos das ciências sociais para conduzir a pesquisa de campo e a observação, e estrutura a narrativa a partir das experiências e vivências do entrevistado.

No documentário “À Luz de Bruel”, utilizamos entrevistas como mecanismo para coletar relatos, aproveitando todo o repertório do personagem e suas experiências cotidianas de trabalho para construir uma história única e envolvente. Nichols (2004) oferece uma compreensão mais profunda de como o documentário participativo se distingue de outras formas de documentário e de como ele pode ser usado para representar o mundo histórico de maneira autêntica, destacando a interação entre o cineasta e o tema.

“Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, e configura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo... O documentário participativo pode enfatizar o encontro real, vivido, entre cineasta e tema no espírito de O homem da câmera, de Dziga Vertov, Crônica de um verão, de Jean Rouch e Edgar Morin. Vemos como o cineasta e as pessoas que representam seu tema negociam um relacionamento, como interação, que formas de poder e controle entram em jogo e que níveis de revelação e relação nascem dessa forma específica de encontro”. (NICHOLS, 2004, p.158-159).

O filme “À Luz de Bruel” caracteriza-se pelo aspecto biográfico cuja premissa está em apresentar a trajetória do iluminador Beto Bruel tanto pela sua importância para o teatro paranaense e, por que não, para o mundo. Outro aspecto importante é o caráter de registro histórico da atuação do profissional para a memória da cultura.

Nesse sentido, destaco que o documentário expositivo é apresentado através do que se chama a “voz de Deus”, cuja voz do documentarista não se manifesta de forma explícita, pois o que busca está no personagem. Segundo a organização dos tipos ou modo do documentário, Bill Nichols (2004) apresenta: “o modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com

legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história” (NICHOLS, 2004, p. 142).

Assim, ao recontar sua história, o personagem Beto Bruel traz memórias, fatos históricos e reflexões acerca desse lugar particular por ele vivenciado no decorrer da sua vida e trajetória.

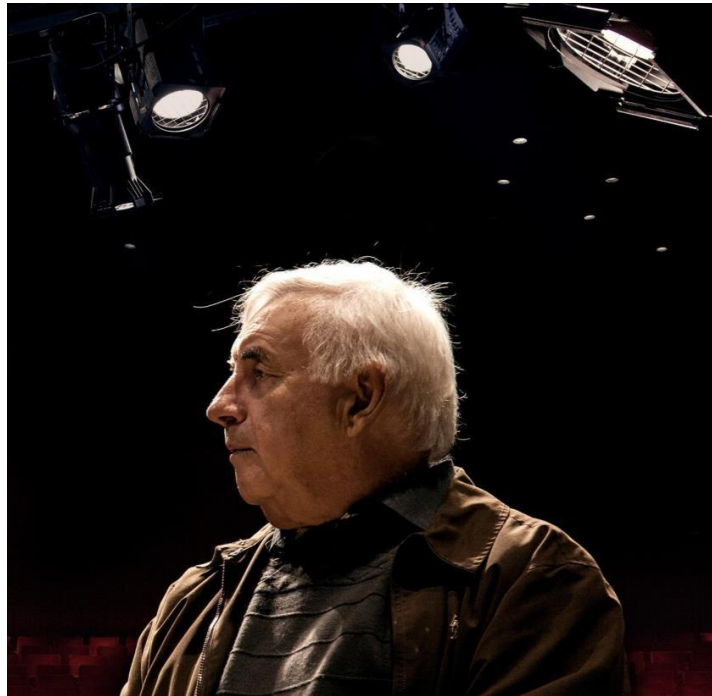
Esses fatos históricos remontam a uma parte importante da história do teatro paranaense. O olhar não se limita apenas ao personagem, mas também se estende à forma como ele é visto por outras personalidades da área cultural brasileira, como produtores/as, diretores/as, atores/atrizes, cenógrafos/as e técnicos. Essas recordações compõem parte do patrimônio cultural imaterial brasileiro.

“Entende-se por ‘patrimônio cultural imaterial’ as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e de continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana” (Convenção sobre o patrimônio imaterial”. UNESCO, 2003).

A trajetória do iluminador Beto Bruel mostra a identidade cultural do seu ofício, assim tornando uma representação social do teatro paranaense. Para transformar essa trajetória em um produto audiovisual, a primeira etapa foi discutir a ideia. Inicialmente, pensou-se em desenvolver um projeto cinematográfico sobre o ofício e a carreira do iluminador Bruel.

A ideia para o documentário "À Luz de Bruel" surge em meio a discussões e reflexões sobre a importância da luz cênica e da figura do iluminador teatral, que raramente é visto ou lembrado. A idealização do projeto foi definida em 2014. O próximo passo foi a pesquisa sobre o trabalho de iluminação do Beto Bruel. Ao final da jornada, havíamos encontrado vasto material em reportagens e vídeos. O próprio iluminador também nos apresentou e cedeu um enorme acervo particular sobre sua trajetória.

Figura 8: Beto Bruel em cena



Fonte: Acervo Werner Produções.

Era preciso mostrar o trabalho de Beto no teatro, sua vida, sua trajetória, suas lembranças, e por fim, os prêmios recebidos por ele ao longo da carreira. O processo do filme seguiu um planejamento de como seria o procedimento geral de apresentação do documentário.

Com a pesquisa feita, o próximo passo foi escrever a sinopse do documentário, abordando sucintamente o que é o filme. Neste momento, apresento o texto da sinopse de “À Luz de Bruel”: “O documentário ‘À Luz de Bruel’ retrata a trajetória do renomado iluminador paranaense Beto Bruel. Depoimentos de personalidades do teatro nacional e falas do próprio artista apresentam a importância da luz no espaço cênico”.

Com a sinopse pronta, já possuímos um norte para a escrita do argumento. Luiz Carlos Lucena (2012) traz algumas contribuições em relação a este processo:

“Baseando-se na sinopse, você deve em seguida construir o argumento, que no documentário funciona como pré-roteiro, direcionando toda produção do filme. Se na sinopse você revelou “o que é o filme”, indicando os personagens, o tema, os locais de filmagem, o tipo de material de arquivo a ser utilizado (fotos, gráficos). O argumento deve ser entendido como esboço do documentário, deve descrever o conteúdo do filme e o estilo de filmagem, ou seja, a estrutura básica do filme”. (LUCENA, 2012, p. 36).

A partir da ideia inicial, começaram a surgir inúmeras questões que precisavam ser consideradas, desde como estabelecer um fio narrativo até o que seria relevante ser mostrado no produto audiovisual. Algumas perguntas se tornaram imprescindíveis, como: quem é Beto Bruel? Quem é o iluminador paranaense Beto Bruel? O que sobre sua vida pessoal e profissional

deveria ser mostrado? Como e quando sua carreira se iniciou? Quais espetáculos seriam utilizados como referência de seu trabalho no filme? Tentando responder a essas questões, fomos delimitando o que seria necessário para a escrita do argumento e roteiro.

Segundo o autor Luiz Carlos Lucena (2012):

“Normalmente nossas ideias são muito amplas, abrangentes e abstratas. A concretização de ideias pouco específicas é muito difícil, é bastante complexo transformá-las em argumento e mais tarde em um roteiro - claro e conciso, tornando também complexa a etapa da produção”. (LUCENA, 2012 p. 34).

Depois deste processo e com a ideia definida, chegou o momento de sair em busca de material para a pesquisa sobre a vida e trabalho do iluminador. Por Beto ser uma figura reconhecida no cenário teatral paranaense, não foi tarefa difícil. Seu trabalho é reconhecido não só de maneira local, mas também nacional e internacional.

Conhecer um pouco mais sobre Beto Bruel durante a pré-produção do documentário não foi uma tarefa difícil. Embora um pouco tímido, porém bom de conversa, ele tinha muitas histórias para contar sobre sua paixão e dedicação ao teatro, a arte de iluminar, suas amizades e seus colegas de profissão. As conversas fluíam e uma lembrança puxava outra, o que permitiu que o argumento do documentário tomasse forma.

É preciso lembrar que o documentário “À Luz de Bruel” tem como objetivo não apenas apresentar a trajetória de um dos principais iluminadores do país, mas também trazer à tona a importância da iluminação no teatro e a complexa relação entre técnica e arte. Através das histórias e reflexões de Bruel e de seus colegas, o filme oferece uma visão privilegiada sobre o mundo do teatro e a importância da luz em sua criação. O processo de elaboração do argumento do documentário “À Luz de Bruel” serviu de base para a criação do roteiro, permitindo que a roteirista Silvia Gabriela definisse a estrutura narrativa do filme.



Figura 9: Imagem do argumentado documentário "À Luz de Bruel"

2

Roteiro: À Luz de Bruel

Argumento:

Beto Bruel é um artista paranaense de destaque no cenário artístico brasileiro. Nascido na Lapa em 1950, teve sua primeira experiência como iluminador ainda estudante no Colégio Estadual do Paraná em 1970. Iniciou a carreira profissional em 1971 com o já consagrado diretor e dramaturgo de teatro Oraci Gemba, também nascido no Estado.

Beto, que descobriu o ofício por acaso, desenvolveu e aprimorou a técnica com maestria. "Fui aprendendo o ofício enquanto exercia.<sup>1</sup>"

Seu trabalho é reconhecido não só no Brasil, mas também internacionalmente. Vencedor de inúmeros prêmios como: Troféu Galha-azul; Poty Lazarotto e o Prêmio Shell de Melhor Iluminador.

Recebeu, em 2008, a medalha de ouro no World Stage Design, em Seul (Coreia do Sul).

Foi um dos iluminadores que representou o Brasil no Congresso da OISTAT (Organização Internacional de Cenógrafos, Técnicos e Arquitetos de Teatro), realizado em Praga, na República Tcheca, em 2007/2011.

Bruel faz a iluminação de diversos espetáculos no país. Ilumina atores renomados como Marcos Nanini, Fernanda Montenegro, Regina Basto, Marieta Severo, Paulo Autran entre outros.

Além de iluminador de peças de teatro, Bruel também realiza trabalhos em eventos como shows, casamentos,

---

1

<http://redeglobo.globo.com/globoteatro/reportagens/noticia/2014/09/luz-da-arte-iluminador-premiado-beto-bruel-fala-da-parceria-com-nanini.html>

Fonte: Acervo da Werner Produções.

Com base no argumento, o roteirista cria o roteiro propriamente dito e, para isso, é preciso ter certa familiaridade com a escrita e na linguagem cinematográfica. Além de trabalhar na construção da ideia e no desenvolvimento do enredo. É importante usufruir da criatividade e técnica para utilizar as ferramentas de construção narrativa, bem como dominar a formatação do roteiro em si, incluindo elementos como diálogos, descrições de cenas e indicações de movimentos de câmera. O roteiro é uma etapa de extrema importância para a produção audiovisual e por tal motivo deve ser bem estruturado para garantir uma boa execução do projeto.

Para iluminar um cenário, o iluminador precisa saber a localização dos atores em cena, os tempos de luz e sombra, silêncio e fala, sendo só possível a partir do conhecimento da história que se está contando. Do mesmo modo, um roteiro nasce depois da produção de uma série de materiais, entre eles, o argumento, que nada mais é que a estrutura narrativa do filme contada de maneira simples, sem diálogos.

Destaco a contribuição de Syd Field (2001) que apresenta:

“o roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática”, explica. O autor também apresenta: “Seja ficção, documentário, comercial ou artístico, o roteiro é parte fundamental do processo fílmico e de todo o processo de criação cinematográfica” (FIELD, 2001, p.11).

Sem roteiro não há projeto, e sem projeto, não há recurso para produção. Foi com essa realidade que nos deparamos ao construir a narrativa do documentário. O roteiro foi escrito por Silvia Gabriela, a qual tinha uma questão, à priori: escrever um roteiro que guiasse a construção desse personagem cujos contornos ainda não estavam definidos.

Ao imprimir estas ideias no roteiro, elas precisaram ser lapidadas e desenvolvidas. Segundo a teoria de Bill Nichols (2004), “o documentário participativo se dá através da interação do cineasta ou do entrevistador com o personagem, de modo provocá-lo, instigá-lo a expor, narrar sobre aquilo que se deseja, ou até mesmo ser surpreendido (mesmo que desejado e esperado) por revelações” (NICHOLS, 2004, p.136).

No documentário “À Luz de Bruel”, a direção estabeleceu uma relação próxima com o iluminador por meio de conversas prévias às gravações, o que permitiu uma conexão maior com ele uma proximidade mais intensa durante a entrevista. Essa proximidade foi fundamental para que a poesia e a lírica emergissem de maneira predominante no filme, uma vez que as perguntas tinham o objetivo de explorar aspectos profundos e pessoais da vida de Beto Bruel, sem saber previamente quais seriam as respostas. Além disso, a direção trabalhou de forma sensível para captar a essência do personagem e trazer sua história à tona de maneira mais autêntica possível.

A questão principal que se coloca vem do dilema de lidar com o aspecto biográfico, de valorizar a trajetória profissional do personagem dentro de um contexto específico, mas sobretudo de mostrar a importância do iluminador para a produção do espetáculo.

Além do personagem protagonista, buscou-se outras personagens cujos depoimentos serviram para referenciar e mostrar o profissional Beto Bruel, bem como destacar a relevância do trabalho dele para a construção das peças, óperas, shows etc., de forma a pontuar a importância do profissional da luz no teatro por meio dos depoimentos.

Essa foi a base para a construção do roteiro, que se colocava como um guia, um cronograma de ações e de locações importantes onde o iluminador trabalhou, como o Teatro Guaíra, o Miniauditório (Glauco Flores de Sá Brito), o Teatro José Maria Santos, a produtora Tamanduá e o Colégio Estadual do Paraná onde o iluminador iniciou sua carreira. Essa estruturação permitiu que as entrevistas e cenas gravadas tivessem um direcionamento e uma lógica narrativa coerente com o tema abordado e a relação de Beto Bruel com os espaços.

O roteiro de um documentário é frequentemente concebido como uma estrutura fluida e flexível, capaz de se adaptar e evoluir conforme a produção avança. De acordo com o documentarista Guy Gauthier: “o documentário pode, no máximo, propor uma orientação, mas sua realização deve ser também uma descoberta, e o roteiro só se impõe após a filmagem” (GAUTHIER, 2011 p.13).

Figura 10: Imagem do roteiro do documentário "À Luz de Bruel"



Fonte: Acervo da Werner Produções.

Figura 11: Imagem do documentário "À Luz de Bruel"

3

ROTEIRO: À LUZ DE BRUEL.

SEQUÊNCIA 1 - DIA - INT. IMAGENS DE ARQUIVO - FOTOGRAFIAS E RECORTES DE JORNAL.

Filmagem de fotos e de reportagens de jornal, fazendo uma retrospectiva (linha do tempo) da vida de Beto Bruel.

NARRAÇÃO ENTRECRUZADA POR FALAS DE DO BETO

Luiz Roberto Bruel, conhecido por Beto Bruel, nasceu na Lapa em 1950. Relação com a família, com a cidade de origem, com São Luiz do Purunã, com a fazenda Tamanduá. Curiosidades da infância, dos antepassados. (pesquisa)

SEQUENCIA 2 - DIA - EXT. E INT. - COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

Entrevista com Beto Bruel sobre o início da carreira.

Entrevista com colegas e professores da época sobre Beto Bruel e sobre a história do teatro do colégio.

Sua ligação com o teatro começa quando...

Imagens de arquivo do Colégio ilustram a cena.

SEQUÊNCIA 3 - DIA - INT. - GUAIRINHA - (SALA DE ILUMINAÇÃO/EQUIPAMENTOS/PALCO)

A primeira experiência, como foi? Como era a peça? Outros momentos importantes no Guairinha. Experiências significativas.

Grupo Momento, na peça "Marat Sade", sob a direção de Oraci Gemba.

4 - SEDE DA TAMANDUÁ PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

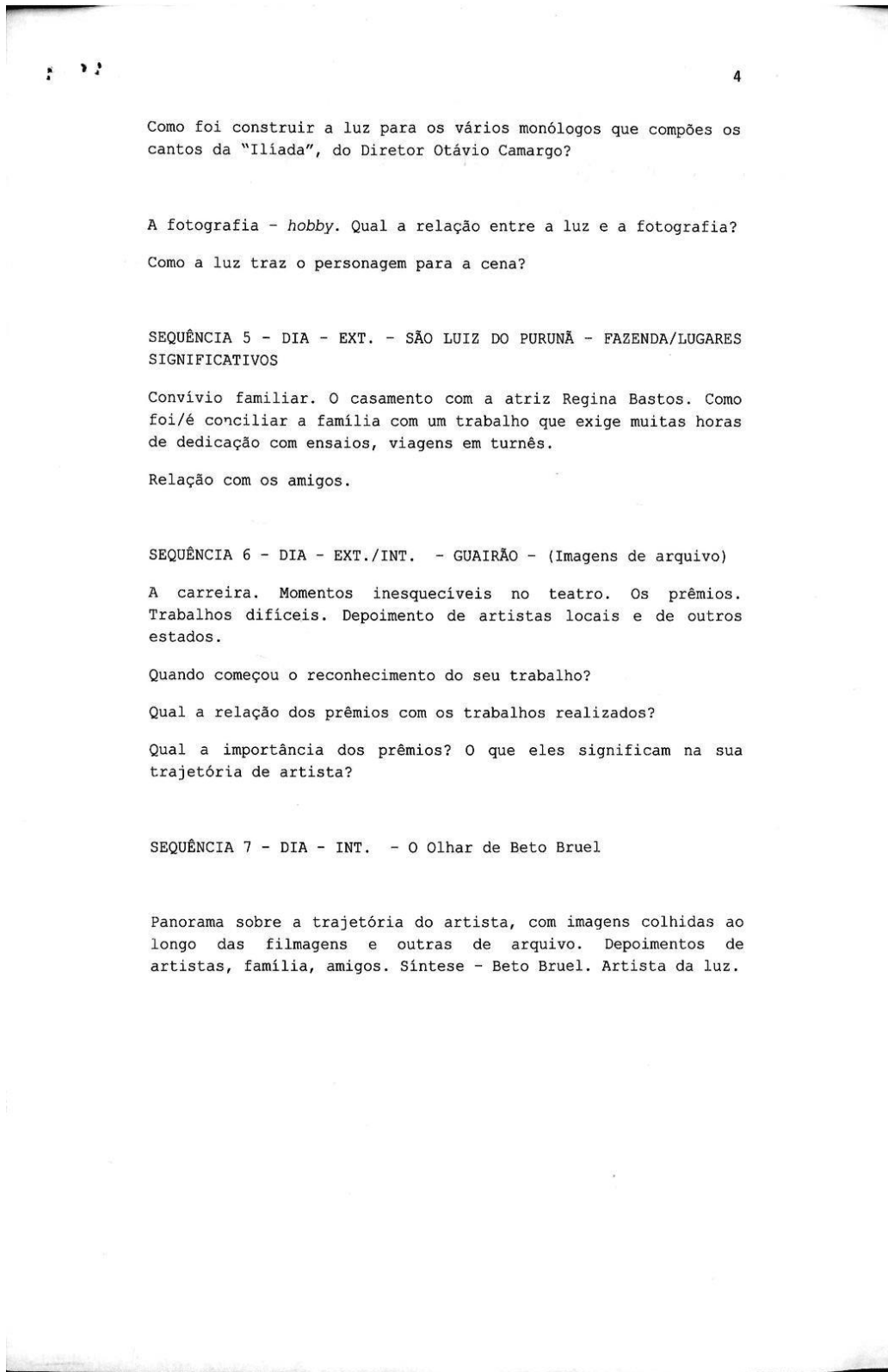
Como surgiu a empresa. O conceito de iluminar e as novas tecnologias. Como se deu a formação profissional. Como é formar uma equipe e ensinar esse ofício?

O que a luz revela?

Como ela contribui para caracterizar o gênero, como a comédia, uma tragédia.

Como é o trabalho da Luz para espetáculos como monólogos ou ao ar livre?

Figura 12: Imagem do roteiro do documentário "À Luz de Buel"



Fonte: Acervo da Werner Produções.

Para tanto, a pesquisa se fez imprescindível para a construção do roteiro como também para a formulação das entrevistas, além do trabalho que viria a ser feito pelo diretor de fotografia

e o caminho que a direção tomaria para definir tudo o que fosse importante, atraente, interessante e dramático na narrativa do filme.

Como referência fílmica a nossa inspiração adveio dos documentários em que a personagem é revelada na medida em que parte de sua obra também o é, como acontece nos filmes “L’amour Tout Court” (2001) dirigido por Raphael O’Byrne, e o filme sobre Sebastião Salgado “O Sal da Terra” (2015) dirigido por Wim Wenders e Juliano Salgado. Ambas as produções serviram como referências na construção da narrativa do filme.

O documentário “À Luz de Bruel” tinha como premissa falar sobre o ofício de iluminador bem como apresentar o trabalho do Beto Bruel, dando voz ao personagem e a outros profissionais locais, valorizando sua trajetória e o fazer artístico local. Com base nisso o roteiro foi finalizado, mas permaneceu aberto a alterações e ajustes que poderiam acontecer no decorrer das gravações caso as falas do iluminador e as falas das pessoas entrevistadas apontassem para novos caminhos a serem explorados. Na sequência da cena, apresento a primeira experiência conjunta na direção do documentário e em seguida apresento minha trajetória no campo do audiovisual.

## 2.2 A primeira direção fílmica

É notável que o nosso repertório começa quando ainda somos crianças por meio das vivências e estímulos que recebemos primeiramente das pessoas responsáveis pelo nosso cuidado e criação. Nosso repertório se expande no decorrer da vida através das experiências pelas quais somos expostos ou expostas, que podem ocorrer em diferentes esferas, como as instituições em que participamos desde a infância, pelas trocas com as pessoas que nos relacionamos, nossa formação educacional e profissional, entre outros.

Todo o repertório cultural e social que adquiri ao longo da minha vida, aliado aos cursos que fiz na área cinematográfica e as oportunidades que surgiram, contribuíram para que hoje eu me tornasse uma profissional competente e segura.

Como mencionado anteriormente, a minha relação com a área do audiovisual começou na adolescência, quando tive a primeira experiência assistindo um filme na sala escura do cinema. Essa experiência encantadora aguçou minha curiosidade em saber como acontecia a magia do cinema. Com o passar dos anos e depois de me dedicar aos estudos na área, surgiu a possibilidade de dirigir um documentário e vivenciar minha primeira direção fílmica.

Minha primeira experiência como diretora de cinema ocorreu em 2018, com o documentário “À Luz de Bruel”. Este foi o primeiro filme em que atuei como diretora,

juntamente com Silvia Gabriela, que também fez sua estreia na direção. Quando decidimos assumir a direção do documentário, tínhamos pouca experiência prática. Apesar de sabermos que seria um grande desafio, não nos intimidamos. Pelo contrário, nossa parceria nos encorajou a seguir em frente. Assim, Silvia e eu discutimos extensivamente as possibilidades para conduzir o processo de criação do documentário e estabelecemos uma colaboração durante toda a produção do filme.

Baseando-nos na afirmação de Sidney Lumet (1998), para aqueles que desejam dirigir, mas ainda não fizeram um primeiro filme, é essencial aproveitar as oportunidades. “Qualquer que seja o filme, quaisquer que sejam os auspícios, quaisquer que sejam os problemas, se há uma chance de dirigir, agarre-a! Ponto final. O primeiro filme justifica-se por si mesmo, porque é o primeiro filme” (LUMET, 1998 p. 17).

No próximo subcapítulo, detalharei minha experiência cinematográfica e alguns momentos marcantes da minha trajetória. Esses momentos ilustram os caminhos que me levaram até o presente e permitiram que eu exercesse minha primeira direção cinematográfica.

### 2.2.1 Experiência no campo do audiovisual

As minhas remotas lembranças sobre cinema vêm da minha infância, quando minha mãe, Hilda Sylvia, contando histórias sobre os filmes que assistia no cinema perto de sua casa na cidade onde ela morava nas décadas de 1950 e 1960. Lembro-me de muitas vezes vê-la sentada contando as histórias dos filmes para mim e meus irmãos. Minha mãe era uma frequentadora assídua do cinema e transmitiu o seu amor pela arte para mim. Aquelas histórias fervilhavam em minha cabeça e aumentavam minha curiosidade de entender como tudo acontecia ou mesmo como era feito.

Quando adolescente e ao assistir um filme pela primeira vez em uma sala de cinema, eu descobri um mundo novo e me encantei com a arte cinematográfica. A partir desse momento, a pergunta "como é possível fazer um filme?" Não saiu mais da minha mente.

A emoção foi tanta nessa primeira experiência que carregou comigo a trilha sonora repleta de significados, as memórias visuais das imagens, e aquela sensação que um dia eu iria entender e aprender como o cinema se faz possível.

Foi somente na idade adulta que compreendi que seguir uma carreira relacionada ao cinema exige um grande esforço, em um processo de evolução tanto individual quanto junto a outros profissionais. Com esse entendimento, decidi que iria trabalhar com audiovisual, e

então, fui atrás da formação.

Considero o ano de 2010 como o ano que dei início, de fato, a minha trajetória no cinema. Neste ano, comecei a fazer cursos na área cinematográfica para me aperfeiçoar tecnicamente. Desde então, nunca mais parei. Em meados de 2011, descobri que havia uma pós em cinema na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e fiquei interessada em cursar. O único problema era que eu ainda não tinha feito nenhum curso de graduação. Fui atrás da graduação e resolvi que faria o curso de Design de Moda.

No ano que me formei em Design de Moda, abriram as inscrições para a Especialização em Cinema com Ênfase em Produção na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Durante a especialização, tive o privilégio de contar com professores excelentes, e a cada aula, eu reforçava minha convicção de que aquele era o caminho que eu desejava seguir em minha carreira. Em 2017, durante a pós-graduação, fui convidada para trabalhar como assistente de produção no longa-metragem “Alex Câmera 10” dirigido por Cauê Serur. Com este convite, eu tive a oportunidade de vivenciar a experiência em um set de filmagem pela primeira vez, mesmo sendo assistente eu aprendi muito de como funcionava a produção de um filme.

Neste mesmo ano, abri a produtora “Werner Produções Ltda” em sociedade com Mirna Werner e, em seguida, aprovamos o projeto cultural do documentário “À Luz de Bruel” no edital da Secretaria de Estado da Cultura no Programa de Fomento e Incentivo à Cultura (PROFICE), o que possibilitou a sua execução após a captação dos recursos.

No ano de 2018, com a captação feita, chegou o momento de partir para a prática e para minha primeira experiência na direção, a qual foi compartilhada com Silvia Gabriela. Neste projeto, também trabalhei na produção juntamente com Mirna Werner, que foi a produtora executiva. Ao finalizar o documentário “À Luz do Bruel”, ainda neste mesmo ano fiz minha segunda direção, no curta-metragem documentário “Tecendo a Vida”, projeto aprovado e captado pelo Edital PROFICE.

Também em 2018, como mencionado anteriormente, fui produtora do curta-metragem de ficção “Sola”, com a direção de Sérgio Bertovi. Em 2020, em mais um projeto da Werner Produções, fui produtora do curta-metragem documentário “Se Não For Divertido Não Tem Graça”, com direção de Vinicius Comoti.



Figura 13: Imagem dos bastidores de gravação



Fonte: Acervo da Werner Produções.

Em 2022, fui convidada para produzir o média-metragem, documentário intitulado “Geração Cinemateca”, sob a direção de Miriam Karam. Neste mesmo ano, participei do telefilme “Os 80 Gigantes”, dirigido por Joana Nin, trabalhando como assistente de direção e diretora de produção.

Ao participar desses projetos, adquiri experiência prática e sinto que os conhecimentos adquiridos me forneceram mais força para enfrentar novos desafios. Cada processo vivenciado impulsionou-me a buscar aprimoramento e conhecimento constantes. Essa determinação levou-me a ingressar no mestrado em Artes e a escolher, como tema de minha pesquisa, um momento crucial em minha carreira. Sigo fazendo projetos para novos filmes e inscrevendo editais. Com esta bagagem adquirida nestes anos, sinto que a teoria e a prática vivenciada me impulsionam para seguir cada vez mais e não desistir.

Assim, no subcapítulo seguinte irei apresentar a primeira experiência na direção fílmica,

que foi compartilhada com Silvia Gabriela no documentário no documentário “À Luz de Bruel”.

### 2.2.2 Primeira direção filmica em conjunto no documentário “ À Luz de Bruel”

Antes de discorrer sobre o processo da primeira direção filmica que foi conjunta com uma mulher, Silvia Gabriela no curta-metragem “À Luz de Bruel”, é importante explanar sobre a direção no cinema. O papel da direção em uma produção cinematográfica é de suma importância, tanto no processo de criação quanto na execução de uma produção cinematográfica. O trabalho do diretor ou diretora se inicia na pré-produção, a qual é uma das mais importantes etapas na produção do filme, e que tem início muito antes das filmagens.

O diretor ou diretora é responsável por estabelecer a concepção narrativa e artística do filme, participar, se possível, desde a elaboração do roteiro e acompanhar todas as etapas até a conclusão da pós-produção do projeto. É importante ressaltar que o trabalho do diretor ou diretora não se limita apenas a estabelecer a concepção narrativa e artística do filme. É necessário ter uma boa comunicação, saber trabalhar em equipe, tomar decisões criativas e técnicas, garantir que as cenas sejam filmadas de acordo com a narrativa escolhida e coordenar uma equipe de diferentes profissionais.

Pode-se afirmar que cabe à direção o desafio de definir com clareza a visão que tem para o filme, a fim de que essa visão seja transmitida claramente à equipe que participa do projeto. O peso da responsabilidade de dirigir um filme aumenta ainda mais na direção conjunta, demandando maior dedicação no relacionamento interpessoal. Nesse processo, é fundamental ter em mente que a troca de ideias e a capacidade de ouvir são essenciais, uma vez que as decisões serão tomadas em conjunto, sempre com a clareza de como será contada essa história. Antes de abordar a temática da direção conjunta por duas mulheres no documentário “À Luz de Bruel”, é relevante apresentar os resultados de uma pesquisa recente sobre a presença das mulheres na direção cinematográfica. Esta pesquisa foi realizada por Fernando Antonio Prado Gimenez e publicada em dezembro de 2020 na Revista Livre de Cinema.

Gimenez (2020) analisou os dados disponibilizados pelo Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual – OCA ([oca.ancine.gov.br](http://oca.ancine.gov.br)), com o objetivo de traçar um panorama da presença feminina na direção de filmes brasileiros entre 1995 e 2019. Para o período de 1995 a 2018, os dados estão registrados no arquivo intitulado “Listagem de Filmes Brasileiros lançados de 1995 a 2018”. Para o ano de 2019, as informações preliminares foram obtidas no arquivo “Resultados Mensais do Cinema Brasileiro”, também disponível no site da OCA. Segundo o autor, o primeiro arquivo contém dados detalhados de 1.742 filmes brasileiros

lançados em salas de cinema entre 1995 e 2018. No segundo arquivo, é informado que, em 2019, foram lançados 171 filmes brasileiros. Para confirmar essa informação, o autor consultou o site Filme B ([filmeb.com.br](http://filmeb.com.br)), que disponibiliza informações sobre as estreias de filmes brasileiros a cada ano. “Este esforço permitiu que, para 2019, eu localizasse mais 47 filmes brasileiros. Assim, o total de filmes brasileiros lançados em 2019, cujos dados foram localizados por mim, chegou a 176 filmes, cinco a mais do que o informado no OCA”. (P. 111)”

Com base nessa relação total de 1.918 filmes, Gimenez fez uma listagem dos nomes de todos os diretores e diretoras informados. O resultado mostrou que, nesses 25 anos, 1.285 cineastas conseguiram lançar ao menos um filme nos cinemas brasileiros. Desses, 262 são mulheres e 1.023 homens. O que mostra que pouco mais de um quarto dos cineastas que lançaram filmes brasileiros entre 1995 e 2019 são mulheres.

De acordo com ele, os dados, quando separados por sexo, indicam que as mulheres têm um desempenho inferior aos homens na quantidade de filmes lançados no mercado. Enquanto 114 homens lançaram quatro ou mais filmes entre 1995 e 2019, as mulheres que atingiram esta marca foram 21.

A pesquisa de Gimenez (2020) mostrou ainda que, entre os 1.849 filmes brasileiros lançados no período, 78,5% foram dirigidos ou codirigidos por homens. A direção ou codireção de mulheres foi identificada em 16,1% dos filmes e, por fim, a codireção mista em 5,4% dos filmes.

Para o pesquisador, este desempenho, em hipótese alguma pode ser atribuído à menor qualidade dos filmes dirigidos por mulheres em comparação aos filmes dirigidos por homens. No entendimento dele, há duas variáveis que podem explicar a maior parte desta diferença: gênero dos filmes e empresa distribuidora. Quanto ao gênero dos filmes, os dados disponíveis os classificam em três categorias: animação, documentário e ficção. Em geral, os documentários costumam ter menos público que as outras duas categorias. Para os filmes com informação sobre público, a média de público dos documentários foi de 8.080 espectadores, enquanto a dos filmes de ficção foi de 298.131 espectadores.

Na questão da distribuição, o autor percebe uma barreira de acesso às grandes distribuidoras, o que, para ele, dificulta que os filmes dirigidos por mulheres tenham uma presença mais significativa no mercado. Para ilustrar esse ponto, Gimenez (2020) traz alguns dados sobre as maiores distribuidoras presentes no mercado brasileiro entre 1995 e 2019. “A Downtown/Paris, maior distribuidora do país, lançou, entre 1995 e 2019, 91 filmes. Destes, 79 foram dirigidos por homens, 10 foram dirigidos por mulheres e dois tiveram direção mista”.

Figura 14: Foto do lançamento do filme “À Luz de Bruel”



Fonte: Acervo Werner Produções

Figura 15: Entrevista para o filme com Luiz Melo



Fonte: Acervo Werner Produções

No artigo, Gimenez aborda apenas a questão da direção feita por mulheres. No entanto, afirma o autor, a presença feminina na indústria cinematográfica se faz notar também em outras

funções, tais como: roteiro, produção executiva, direção de fotografia e direção de arte. Um retrato mais completo poderia ser obtido ao considerar estas funções. Retomando o assunto do documentário “À Luz de Bruel”, é importante destacar que, mesmo sem a experiência anterior na direção, eu e Silvia Gabriela nos unimos e embarcamos em uma jornada de direção compartilhada. Nosso objetivo inicial era nos fortalecermos mutuamente no processo de criação do documentário “À Luz de Bruel”, além disso, buscamos trazer um olhar sensível e a expressão artística feminina para o filme. Através do diálogo e da complementaridade das ideias, exploramos diferentes perspectivas e experiências.

Rosana Kamita (2017) diz que as mulheres cineastas se dispõem a criar abordagens cinematográficas através do olhar feminino:

Quando a mulher se posiciona atrás das câmeras, muitas vezes sua intenção é justamente essa, imprimir uma nova ótica da representação de homens e mulheres que não se restrinja aos parâmetros ainda muito próximos a uma sociedade tradicional. O que muitas se propõem é estabelecer a construção de um olhar cinematográfico em bases diversas, originadas de uma nova forma de pensar as relações de gênero. Isso equivale a dizer que muitas cineastas optam por um contra cinema, subsidiado por linhas teóricas que apoiem essa nova perspectiva. (KAMITA, 2017, p. 1395).

A presença feminina na direção de “À Luz de Bruel” trouxe mais leveza ao set de filmagem. Entretanto, as expectativas surgem à medida que o processo avança e decisões devem ser tomadas em conjunto. Durante essa jornada, a minha primeira experiência compartilhada de direção foi um verdadeiro aprendizado de trocas e intercâmbio de ideias, o que expandiu horizontes e fortaleceu minha confiança para dirigir o próximo documentário. Além disso, também aprendi bastante sobre como montar a narrativa do filme e qual caminho seguir para atingir o resultado desejado.

Considerando o pensamento de Harris Watts (1999), no qual ele destaca que o diretor/a necessita encontrar a melhor forma de contar a história:

“Isso não é um convite para apresentar a história de maneira tendenciosa. É um apelo para você pensar numa forma de contar a história que a faça ter algum significado para o espectador. Os fatos isolados não são suficientes - você não está preparando um verbete para uma enciclopédia. Você precisa encontrar um ponto de vista a partir do qual irá contar a história. Sem um ponto de vista ou ângulos, uma história estimula a seguinte crítica: ‘E daí?’ ‘Lembre-se: programação experiências compartilhadas’. Uma história do tipo ‘e daí?’ deixa o espectador distante indiferente”. (WATTS, pg. 17. 1999).

Com base na reflexão acima, o autor destaca a importância de se encontrar a melhor forma de como apresentar a história ao espectador. É a partir das escolhas da direção que o



filme ganha alma, transpondo a realidade para a tela de forma subjetiva. Com a seleção cuidadosa de planos, enquadramentos e edição, é possível determinar o ponto de vista de um filme, e interferir na maneira como os espectadores vão compreender a narrativa.

Nesse processo, a direção é como se fosse a sensibilidade de uma artista, que ilumina a tela com uma história única e inesquecível para os espectadores. Nesse sentido, a autora Manuela Penafria refere que é por meio dos planos e da montagem que o realizador vai transmitir o seu ponto de vista, e deste modo definir o nível de envolvimento do espectador com cada cena interveniente do filme (PENAFRIA, 2004, p.2).

A direção conjunta do documentário "À Luz de Bruel" marcou o início de uma jornada repleta de incertezas e questionamentos para nós as diretoras. A preocupação com a criação da narrativa, o ponto de vista das diretoras, a maneira como a história seria contada e a estética do filme geraram dúvidas e inquietações. Mas foi nesse caminho desafiador que a criatividade minha e de Silvia floresceu, trazendo à tona a delicadeza e a força do trabalho em conjunto. E assim nasceu um documentário único, capaz de tocar o coração e a alma dos espectadores.

Figura 16: Imagem dos bastidores de Gravação



Fonte: Acervo Werner Produções

O objetivo era pensar na narrativa, e assim, desenvolver uma harmonia visual ao filme, para que ele tivesse sua identidade própria. Para alcançar esse resultado, observando o tema, optamos por utilizar a luz, aproveitando sua utilização para dar a estética que o filme precisava,

com a ajuda das imagens das peças de teatro que estão no documentário, e da fotografia do filme. Com base no diretor Sidney Lumet (1998), que acredita que, tendo o diretor decidido, por qualquer motivo, fazer um filme, é preciso entrar naquela ampla discussão crítica: de que se trata o filme? De que modo eu pretendo produzi-lo? A partir do quê, exatamente? Assim: “o trabalho não pode começar enquanto seus limites não estão definidos, e esta é a primeira etapa do processo. Torna-se o leito do rio em que todas as decisões subseqüentes serão canalizadas” (LUMET, 1998 p. 20).

Tendo consciência que ao fazer o primeiro filme é algo que se justifica por si, precisávamos de alicerces para fazê-lo. Por isso, a primeira decisão foi trazer para a equipe profissionais que já estavam atuando no mercado e já com larga experiência. Essa atitude foi crucial para conseguirmos um bom resultado com o nosso primeiro documentário.

Como explica Rabiger (2012), nenhum filme - de fato, nenhum trabalho artístico de qualquer tipo - surge sem escolhas e decisões conscientes e responsáveis. Cada novo filme exigirá que o documentarista entre em um novo mundo, decida o que é significativo nele e cristalize o que é importante no filme.

Desse modo, entende-se que o documentarista ao dirigir um filme deve:

“Estar criticamente consciente de cada aspecto que se desenrola no universo e nos personagens do seu filme; reter não apenas o que você aprendeu na sua jornada de descobrimento, mas também como aprendeu; utilizar o filme de uma maneira original e inventiva, de modo que o público obtenha uma jornada de aprendizagem igual ou melhor que a sua; expressar ideias sobre o significado e a natureza da realidade, não apenas mostrá-la de maneira pretensamente imparcial”. (RABIGER, 2012, p. 19).

Na prática da direção, a inexperiência pode gerar um medo inquietante. Porém, eu e Silvia, com coragem e determinação, decidimos somar talentos e convidar Maurício Baggio, um diretor de fotografia experiente, para se unir ao nosso projeto. Com sua expertise e sensibilidade, ele compreendeu nossas intenções e trouxe suas próprias percepções e ideias. Juntos, unindo diferentes visões, demos vida a uma obra singular que é o documentário “À Luz de Bruel”.

Figura 17: Imagens dos bastidores de Gravação



Fonte: Acervo Werner Produções.

Ao longo do processo da direção conjunta, tivemos muitas discussões sobre como iríamos materializar a narrativa fílmica. Para tanto, optamos por trazer a atmosfera do teatro, na qual o personagem e os entrevistados são iluminados de forma a criar o ambiente cênico combinando de forma harmônica com os registros (imagens de arquivo) fotográficos de cenas iluminadas por Beto Bruel.

Assim o documentário “À Luz de Bruel” incorpora as percepções dos profissionais, juntamente com as histórias e vivências do iluminador Bruel, construindo sua própria narrativa e expondo suas questões e significados por meio da realidade ali apresentada. Essa construção e a criação da narrativa foram surgindo aos poucos. Durante o processo, nós, as diretoras, aprendemos, experimentamos e crescemos em busca da melhor maneira em mostrar o nosso personagem no filme. Produzir um documentário é uma fonte de grande satisfação, pois nos permite contar histórias únicas e valiosas através da lente da câmera e das nossas perspectivas pessoais. Michael Rabiger destaca: “Você entra na vida das pessoas, envolve-se com seus problemas e mistérios, viaja por mundos novos com os melhores companheiros de viagem” (RABIGER, 2012, p.43).



Eu e Silvia definimos também que o documentário não se resumiria apenas a contar a história da trajetória do artista; ele deveria mostrar também a importância do seu trabalho, além dos processos utilizados por ele, para compor a luz dos espetáculos. Afinal, o personagem tem relevância na história da iluminação teatral no Paraná, e isso precisa ficar evidente para o espectador, que nem sempre sabe da existência do profissional da iluminação nem da importância dele para a composição final de um espetáculo cênico.

Rabiger (2012) apresenta que todo filme se presta a nos entreter e fazer pensar. Existem muitas maneiras pelas quais um documentário pode transmitir ideias sobre o mundo real ao público, e cada documentarista tem sua própria abordagem. Rabiger (2012) afirma que atualmente os documentaristas utilizam de todos os métodos narrativos imagináveis para envolver o espectador com ideias sobre a realidade. Como para destacar questões de um país periférico, explorar relacionamentos íntimos e improváveis, registrar eventos históricos ou até mesmo expor os meandros do poder.

Para o autor, a pessoa que dirige um documentário é essencialmente alguém que:

“Investiga pessoas, temas ou aspectos significativos da vida; faz o que é necessário para registrar eticamente o que quer que seja essencial e significativo; vive para expor as verdades e os conflitos subjacentes à vida contemporânea, apresenta empatia pela humanidade e desenvolve uma compreensão humanitária de cada novo mundo; coordena a filmagem para produzir uma história que seja cinematográfica e dramaticamente gratificante; envolve profundamente a mente e os sentimentos de um público”.

(RABIGER, 2012 p. 19)

Neste sentido, eu e Silvia na direção, juntamente com o diretor de fotografia Maurício Baggio, concebemos a narrativa fílmica e a narrativa visual do filme. Munidos de roteiro, da pesquisa e as referências, incluindo materiais de arquivo, fundamentamos cada escolha artística e técnica, num exercício de criação documental.

Na concepção da narrativa, em primeiro momento, abordamos o perfil do nosso principal personagem, o iluminador Beto Bruel, e decidimos como mostrá-lo no filme. A decisão foi que ele seria revelado aos poucos, através dos refletores no palco do teatro, à medida que a luz fosse acendendo, Beto surgia da sombra e a sua silhueta ia aparecendo até que sua figura se revelasse por completo.

Apesar das dificuldades que naturalmente surgem numa estreia na direção, o diretor de fotografia experiente trouxe um alento à equipe, minimizando quaisquer possíveis contratempos. No trabalho em conjunto, a equipe de audiovisual atuou de maneira colaborativa e coletiva, focando sempre no bem-estar do projeto. Nessa união da equipe com a direção e na troca de saberes, o documentário “À Luz de Bruel” foi sendo elaborado.

À medida que os desafios se apresentavam, a equipe se reunia em prol de soluções

criativas, seguindo o fluxo do processo. Compartilhar a direção revelou-se um enriquecimento singular, fruto da presença de duas mulheres à frente do projeto. Com delicadeza e sabedoria, nos intercalamos nas demandas do processo, imprimindo leveza e sensibilidade às decisões tomadas. O resultado foi um filme que ecoa a beleza e transmite a magia do cinema, repleto de significados.

Não por acaso, Lumet (1998), explica a diferença que faz para o projeto ter um diretor/a que conhece suas necessidades e limitações.

“Sei que, como diretor, sou responsável pelo produto final que é entregue ao público. Mas o quanto eu sou responsável? É o filme, realmente, um “filme de Sidney Lumet”? Eu dependo das condições do tempo, do orçamento, do que a atriz principal comeu no café da manhã, por quem o ator principal está apaixonado. Dependo dos talentos e das idiossincrasias, dos humores e dos egos, das opiniões e das personalidades de mais de cem pessoas diferentes. E isso faz parte do filme. Nesse ponto, não quero nem começar a analisar o estúdio, o financiamento, a distribuição, o marketing e assim por diante”. (LUMET, 1998, p.67)

O autor segue se perguntando: “Então o quanto sou independente? Como todos os chefes – e no set sou o chefe – sou chefe somente até certo ponto”, analisa. “E para mim, isto é o mais estimulante. Sou responsável por uma comunidade da qual preciso desesperadamente e que também precisa muito de mim. É nisso que está a graça, na experiência compartilhada” (LUMET, 1998, p.23). A harmonia entre as diretoras transparece nas escolhas estéticas que delinearão o documentário, e se estendeu à relação com o iluminador, no conforto do seu ambiente de trabalho. Foi então que a estética tomou forma, forjada pela essência teatral e por todos aqueles que acompanharam e viram o iluminador trabalhar.

O ambiente teatral trouxe para o filme, além da poesia, buscada a partir da escolha da música e do ritmo do curta, cores, luzes, acústica e cenários que levam o espectador a relembrar suas experiências dentro do ambiente do teatro: as cortinas, o piso do palco, as cores das poltronas, e tudo isso contribui para contar a história de Bruel sem que ele sequer esteja em cena.

Na cena seguinte, apresento todo o processo de desenvolvimento da produção do documentário "À Luz de Bruel".

### **CENA 3: A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “À LUZ DE BRUEL”**

Nesta cena vou apresentar o processo da produção percorrido para a criação do documentário “A Luz de Bruel”. A pré-produção foi um momento muito importante e necessário para a preparação e realização do filme. Nesta etapa foi definida a ideia para o documentário, que surgiu em meio a discussões e reflexões sobre a importância da luz cênica e da figura do iluminador teatral, que raramente é vista ou lembrada. A idealização do projeto foi definida em 2014. Tendo a ideia definida, foi feita a pesquisa sobre o trabalho de iluminação de Beto Bruel e um grande levantamento sobre sua carreira. Ao final da jornada, havíamos encontrado vasto material em reportagens e vídeos. O próprio iluminador também colaborou com a pesquisa e cedeu um enorme acervo particular sobre sua trajetória.

Era preciso mostrar o trabalho de Beto no teatro, sua vida, sua trajetória, suas lembranças, e por fim, os prêmios recebidos por ele ao longo da carreira. O processo do filme seguiu um planejamento de como seria o procedimento geral de apresentação do documentário. Com a pesquisa pronta o próximo passo foi desenvolver a sinopse do documentário nos trouxe mais clareza para a escrita do argumento. Com todo este material da pesquisa em mãos chega o momento de escrever o argumento e roteiro que deram base para toda a produção. Com o roteiro em mãos é hora de fazer um levantamento de tudo o que vai ser preciso para viabilizar o processo e as etapas da produção. Na sequência dessa cena detalhou como aconteceu a produção do documentário.

#### **3.1 Desenvolvimento do processo da produção do documentário “À Luz de Bruel”**

O processo de desenvolvimento do documentário tem início na produção, que se divide nas seguintes etapas: a pré-produção no qual diversos aspectos precisam ser pensados; a produção, na qual ocorrem as gravações; e a última etapa, que é a pós-produção, momento em que se realiza a finalização do filme e a distribuição para exibição.

Após a definição da ideia e a elaboração do roteiro, a pré-produção é a etapa seguinte do processo, em que a produção e a direção começam a tomar decisões cruciais para a realização do filme. É neste momento que se define a equipe técnica e artística, as locações, e define-se a estética e o estilo que serão utilizados para contar a história. É importante ressaltar que, durante

a pré-produção, todas as decisões tomadas têm impacto direto na produção e no resultado do filme.

Por isso, é importante que haja uma boa comunicação entre os membros da equipe e que todas as etapas sejam cuidadosamente planejadas e executadas. Desta maneira, garante-se que a produção siga dentro do orçamento e do cronograma estipulado, evitando problemas futuros. A pré-produção foi a fase essencial para que todo o processo de produção do documentário “À Luz de Bruel” fosse realizado com sucesso.

Dessa forma, destaco a contribuição de Michael Rabiger (2012) que afirma que o cinema, incluindo o gênero documentário, é uma arte social em cada estágio da sua evolução. “O documentarista trabalha em equipe, atrás e na frente das câmeras. Ele dirige, filma e edita um documentário de uma maneira colaborativa, e então outro coletivo - o público - reage ao trabalho realizado”. (RABIGER, 2012 p.13).

Esta reflexão sobre a colaboração e a reação do público, contribui para a realização de um trabalho mais enriquecedor e significativo. No documentário “À Luz de Bruel” foi pensada a melhor forma de apresentar as informações de maneira clara e envolvente para que o público ao assistir ao filme pudesse se sentir emocionalmente conectado ao tema abordado.

O autor ainda destaca quais são os ganhos que um documentarista obtém ao produzir um documentário. Para ele, o processo leva o documentarista para debaixo da superfície da vida até regiões mais misteriosas, onde se começa a viver a vida mais profundamente.

Documentaristas aprendem a valorizar a alegria, a dor, o comprometimento e o aprendizado que vêm do fato de estarmos vivos. Não é à toa que eles são uma companhia tão boa. Eles gostam de usar a tela para explorar o que acham fascinante ou escandalosamente injusto. Hoje você pode fazer isso sem dinheiro, poder ou posição, ou mesmo quase sem treinamento especial. O que você mais precisa é de coragem, além de uma vontade apaixonada para resolver mistérios e da persistência para transformar o que você coletou em uma história que explodirá na mente do público. (RABIGER, 2012, p.7).

John Grierson, considerado o pai do gênero documentário, em Rabiger (2012), definiu o documentário como um "tratamento criativo da realidade". Isso significa que, ao usar a criatividade para organizar e transformar fragmentos da realidade gravada em uma narrativa, é possível produzir um documentário. Na produção do documentário “À Luz de Bruel” o método utilizado pela direção foi gravar entrevistas individuais com Beto e com artistas que trabalharam com ele ou por ele iluminados, e selecionar imagens de arquivo que fariam um diálogo com os depoimentos do personagem e de seus colegas de trabalho. o que foi captado na produção, com base nos depoimentos a direção conseguiu construir uma narrativa coerente e significativa. E

na parte prática, foi solicitada as autorizações do uso de imagem do iluminador e demais participantes para a realização do documentário.

A produção em si envolve todos os processos e ações que são necessários para a execução de um filme. Nesse sentido, Chris Rodrigues afirma que a produção: “cuida da captação dos recursos, do custo do filme, do planejamento logístico, da tática da filmagem e do retorno do investimento aplicado, controlando a sua distribuição e exibição” (RODRIGUES, 2007, p. 68).

Nesta etapa, nem sempre há real noção das dificuldades que podem vir a surgir e a demanda de tarefas a serem realizadas é extensa. Sendo então necessário a atuação de um profissional capacitado que é o produtor ou a produtora. Esse profissional passa a integrar a equipe no início do projeto, já com a sinopse do roteiro, e permanece até o final, quando o filme começa a ser distribuído e exibido.

É a pessoa responsável pela equipe de produção, que vai organizar o desenvolvimento do projeto do filme. O profissional da produção deve possuir algumas habilidades como ser organizado, saber negociar, comandar pessoas. A produtora Claudia Natividade (2018), no artigo “Reflexões sobre a produção no cinema brasileiro”, in “Cinema Brasileiro e Educação”, organizado por SILVA, A. D.; SIRINO, S. P. M, aponta: “Nesse sentido, pode se afirmar que o produtor cinematográfico é o estrategista da obra audiovisual; aquele que antecipa e resolve os problemas dos projetos e das produções, preferencialmente antes que eles aconteçam”. (NATIVIDADE IN SILVA, A. D.; SIRINO, S. P. M, 2018, p. 43)

Na produção do documentário “À Luz de Bruel” a produtora executiva foi a Mirna Werner, que coordenou todos os aspectos da produção do filme e deu todo o suporte necessário para a direção, bem como apoio para as diferentes equipes em todas as etapas do filme. Sobre esta questão, Rodrigues (2007) enfatiza: “cabe à produção administrar burocraticamente e artisticamente estes departamentos, a fim de promover os meios para que o diretor e os diversos departamentos atinjam os melhores resultados, no prazo e orçamento preestabelecidos.” (RODRIGUES, 2007, p. 68).

Dessa forma é possível observar a importância da figura de um profissional na produção em um projeto fílmico. A produção tem a finalidade de viabilizar o processo para que tudo ocorra da melhor maneira possível. Segundo Luiz Carlos Lucena (2012), existem três correntes principais da produção de documentários: “a corrente clássica, com o uso da voz over narrando um fato, história, biografia etc.; o cinema direto norte americano, com o uso da câmera olho; e o cinema verdade francês, que permite a interferência do cineasta” (LUCENA, 2012, p. 45) e elas têm fundamentado a maioria das produções do cinema de não ficção no Brasil e no mundo.

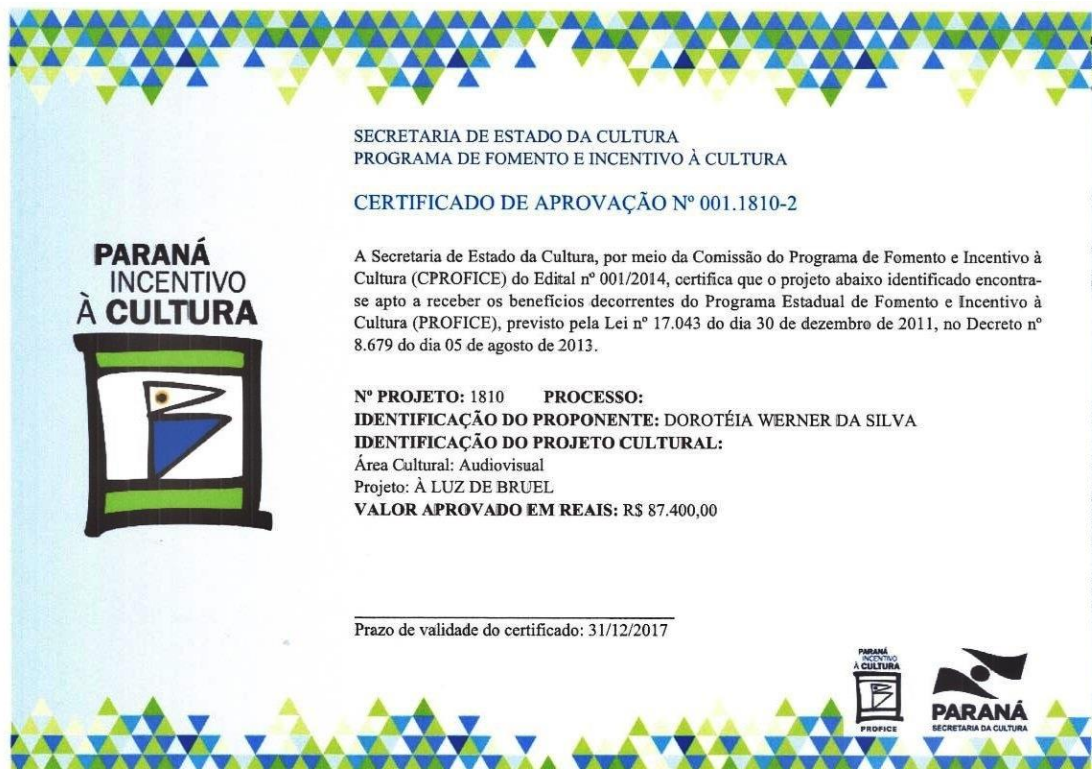
No documentário “À Luz de Bruel”, se faz presente um dos preceitos citados por Lucena, o clássico, no qual o diretor não interfere na história, nem se utiliza de câmera olho, em vez disso promove uma investigação do tema utilizando entrevistas com o personagem principal e outros personagens que atuaram com ele no decorrer de sua carreira.

Já na obra do documentarista Eduardo Coutinho, observa-se algo diferente no seu processo em que ele adota a linha do cinema direto, registrando opiniões, declarações e relatos dos entrevistados apresentados sem a sua interferência – o que pode ser visto no filme Edifício Master, por exemplo.

No processo de abordagem de como seriam e aconteceriam as entrevistas realizadas no documentário “À Luz de Bruel”, as diárias com os entrevistados foram combinadas previamente para evitar problemas com agendas futuras. Lembrando que o orçamento que tínhamos era limitado e foi muito importante manter as coisas sob controle e evitar grandes mudanças que pudessem afetar na produção.

Nesse sentido, vale lembrar que o documentário “À Luz de Bruel” teve seu projeto cultural aprovado no edital da Secretaria de Estado da Cultura no Programa de Fomento e Incentivo à Cultura (PROFICE), e a captação dos recursos foi feita através de uma produtora especializada que foi contratada para fazer a captação.

Figura 18: Certificado de Aprovação do projeto



Fonte: Acervo Werner Produções.

Ainda na pré-produção tínhamos para as entrevistas, diversos nomes de pessoas que trabalharam ou foram iluminadas por Beto ao longo de sua carreira. No primeiro momento, eu e Silvia tínhamos a intenção de convidar as mulheres que aprenderam o ofício com o Beto, bem como técnicos que trabalharam com Beto nos teatros da cidade de Curitiba/PR, mas devido às agendas dos profissionais e às datas das diárias, não foi possível.

Os entrevistados/as que participaram haviam sido convidados neste primeiro momento, e pela sua disponibilidade, acabaram por ser suficientes diante da qualidade de seus depoimentos. Foi uma tarefa importante selecionar os entrevistados cuidadosamente, a fim de que cada um trouxesse uma perspectiva única e valiosa sobre a obra e vida do iluminador. Além disso, as entrevistas não eram apenas um momento de captar depoimentos e informações dos entrevistados, mas uma grande oportunidade de estabelecer uma conexão com eles, e assim construir uma relação de confiança e criar um ambiente de troca propício para que as histórias fluíssem naturalmente. Para as entrevistas, a produção juntamente com a direção teve uma importante tarefa em escolher lugares que ajudassem a contar a história. Sendo estas escolhas um elemento crucial para a narrativa visual do documentário.

Os ambientes pré-selecionados para as diárias de gravação com Beto Bruel foram locais importantes em sua carreira, como o Colégio Estadual do Paraná, onde ele estudou e iniciou sua carreira; o Teatro Guaíra, onde o iluminador se tornou oficialmente um profissional do mercado e fez a luz de diversos espetáculos ao longo de sua trajetória; também o Teatro José Maria Santos, onde Beto, durante as gravações, estava montando a luz de diferentes peças; e, por último, a empresa de luz e som "Tamanduá", que por muitos anos pertenceu ao iluminador. Com estas escolhas, trouxemos para o filme os espaços em que Beto passou parte de sua carreira e lembrando que estes locais contribuíram para a narrativa visual do filme.

Com a pré-produção concluída, a produção do documentário "À Luz de Bruel" ocorreu sem grandes contratemplos. A primeira etapa das gravações foi a entrevista com Beto Bruel, realizada no Teatro Guairinha, que faz parte do complexo do Teatro Guaíra. No mesmo dia, tivemos a oportunidade de gravar também com o diretor Octávio Camargo o que facilitou o processo e permitiu que aproveitássemos o tempo de forma eficiente. A escolha da locação no Teatro Guaíra foi estratégica, uma vez que este local tem uma importância histórica para Beto e com o tema do nosso documentário.

Na manhã seguinte continuamos a entrevista de Beto no Colégio Estadual do Paraná. Esta diária foi muito emocionante, pois as falas de Beto remontavam ao início de sua carreira ali no colégio, onde tudo começou. Na parte da tarde fomos gravar com Beto no Teatro José

Maria Santos, onde tivemos a oportunidade de ver o iluminador executando seu ofício e assim foi possível compreender o processo de seu trabalho na prática. Durante o processo das filmagens, captamos as falas tanto de Beto quanto dos entrevistados, buscando destacar a qualidade profissional e de que forma a iluminação é relevante para a construção de qualquer espetáculo. Para a gravação das entrevistas com os demais participantes optamos por escolher diferentes locais que foram indicados por eles.

Tínhamos no projeto um orçamento destinado às viagens necessárias para capturar os depoimentos dos entrevistados/as que ainda faltavam e moravam fora de Curitiba. O ator Luís Melo foi gravado em São Luiz do Purunã, Paraná, no Campo das Artes, onde ele reside. Para esta diária, fomos de carro e tudo ocorreu muito bem, Melo foi muito pontual em suas falas.

Fretamos uma van e fomos para a cidade de São Paulo/SP. Chegando lá, fomos ao Teatro Paulo Autran, no Sesc Pinheiros, onde Beto estava ensaiando a luz para a peça "Ubu - Rei", dirigida por Daniel Herz e estrelada por Marcos Nanini, que nos concedeu a entrevista no camarim do teatro. Esta diária foi muito enriquecedora, antes da entrevista do Nanini, passamos a tarde com o Beto no ensaio da luz da peça. Tivemos a oportunidade de acompanhar todo o processo do trabalho do iluminador ajustando os detalhes que faltavam para finalizar a montagem da luz da peça. A cenógrafa Daniela Thomas cedeu a entrevista em seu escritório, também na cidade de São Paulo/SP.

Já o diretor teatral Felipe Hirsch gravou a entrevista em seu apartamento, também localizado em São Paulo/SP. Hirsch nos recebeu com muita simpatia e a entrevista foi melhor do que o esperado. Ele contou muitas histórias sobre o iluminador Beto pelos muitos anos de parceria.

Para todas as entrevistas ocorreram sem transtornos, a produção para a viagem foi pensada com muito cuidado, desde a reserva do hostel em que a equipe se hospedou, as refeições para a equipe, o traslado e deslocamento da equipe na cidade de São Paulo com a van e finalmente o retorno para Curitiba. Na sequência, detalho como foi o trabalho de fotografia do documentário durante as gravações.



Figura 19: Entrevista Marco Nanini



Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 20: Entrevista com Felipe Hirsch



Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 21: Entrevista com Otavio Camargo



Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 22: Entrevista com Daniela Thomas



Fonte: Acervo Werner Produções.

Com tudo alinhado começa a parte prática da direção de fotografia. Durante as gravações, além da captação das imagens e do som, o cuidado com a fotografia do documentário foi imprescindível. O fotógrafo do documentário Maurício Baggio destaca:

“Retratar um artista que trabalha com a luz é um grande desafio para um diretor de fotografia. Como utilizar a luz para o audiovisual? Seguir a mesma linha de iluminação do retratado ou fazê-la completamente diferente para criar contraste entre o trabalho do diretor de fotografia e o do iluminador.” (BAGGIO, 2023, Diário de Campo).

Durante a produção, nas gravações e diárias, Maurício Baggio optou por uma solução

prática e simples no processo da iluminação, que pudesse ser montado rapidamente, principalmente na viagem para São Paulo/SP. Baggio optou por uma luz mais prática, chegando a denominá-la de kit. Embora a praticidade fosse o mais importante, o fotógrafo manteve todos os cuidados que o filme merecia na montagem da luz. Como algumas diárias aconteceriam no mesmo dia e não haveria muito tempo hábil ou até mesmo espaço para montar uma luz mais complexa, essa solução foi de grande valia.

Um dos momentos em que este kit foi utilizado foi para a gravação com o ator Marco Nanini, que foi realizada entre ensaios do ator para a peça Ubu - Rei. O complemento deste kit prático e rápido foi com fontes de luz da própria locação onde foram captados os demais depoentes.

No caso de Felipe Hirsch, o que cria um certo brilho ao plano é uma luminária da sua sala, reposicionada para compor o quadro. Com a cenógrafa Daniela Thomas, devido ao tamanho do espaço utilizado para a gravação, o processo foi eliminar certas reflexões de luz e aproveitar a iluminação natural que o espaço oferecia. Com Luís Melo, o trabalho para o diretor de fotografia foi mais fácil, pois a gravação em um espaço teatral o que proporcionou a utilização de certos recursos do próprio espaço, assim permitindo um maior controle e desenho da luz sobre os objetos.

Figura 23: Filmagens



Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 24: Equipe



Fonte: Acervo Werner Produções.

No que se refere às gravações com o Beto, a escolha da locação foi baseada em tê-lo no próprio ambiente de trabalho, e este não poderia ser melhor, um dos palcos do Teatro Guaíra, em Curitiba. É comum quando se retrata um profissional, deixar como pano de fundo as suas ferramentas. E em um filme em que o personagem principal é um iluminador, por que não usar como fundo os refletores? Mesmo tendo um fotógrafo a ideia da utilização veio das diretoras que juntamente com Baggio foi discutida a ideia e acatada por ele. E assim surgiu a ideia de Baggio complementar o kit prático com sequências de refletores de teatro acesos no fundo, misturando assim o clássico fundo preto de um palco com o brilho das lâmpadas da iluminação teatral.

Desde a concepção do filme, as diretoras e o diretor de fotografia tiveram várias conversas sobre como seria a fotografia do documentário. Como usar os aspectos visuais para apresentar a narrativa do filme? Para tanto, foi decidido que por meio da fotografia do documentário, procurou-se trazer a atmosfera do teatro, em que o personagem e os entrevistados/as são iluminados de forma a compor o ambiente cênico, compondo de forma harmônica com as imagens de arquivo das peças iluminadas por Beto Bruel. O contraste entre o “claro e escuro” - não como no “cinema noir” - traz um ambiente acolhedor na maioria das cenas, que também mostram de modo discreto outros elementos do cenário, como poltronas, spots de luz e objetos.

Essa dicotomia se estabelece tanto no depoimento dos entrevistados e entrevistada

apresentando o caráter criativo e colaborativo do personagem, como também pelas histórias narradas por ele próprio, construindo dessa forma a narrativa fílmica e visual do documentário. Assim, é apresentado ao espectador o valor histórico para o espaço cênico do profissional iluminador Beto Bruel e todo o seu processo criativo por meio dos espetáculos e peças iluminadas por ele.

Vale lembrar que na pré-produção foram escolhidos todos os integrantes da equipe, mas que alguns profissionais só entram no projeto na pós-produção do filme.

Nesta etapa, passamos a pensar na trilha sonora do filme e, para isso, firmamos uma parceria com os compositores Rodrigo Stradiotto e Felipe Ayres, que tentaram transpor a linguagem visual impressa por Beto Bruel à música.

Eu e Silvia, juntamente com os profissionais decidimos que a trilha sonora seguiria uma estética minimalista, com temas melódicos curtos e coesos, porém apresentando pequenas variações a cada movimento. Com isso, foi possível criar um forte contraste de dinâmicas, emulando a oposição entre claro/escuro, uma representação musical dos pontos focais das fontes de luz cênicas. A partir da interlocução com o compositor Rodrigo Stradiotto, destaco uma de suas falas em relação a este processo:

“A linguagem direta, porém, repleta de lirismo de Beto Bruel, foi um outro ponto que reforçou a opção por uma composição mais limpa e objetiva, que em muitos momentos remete aos temas de Philip Glass e Ryuichi Sakamoto. As cordas utilizadas, apesar de harmonicamente respeitarem a mesma estética, com a sua sonoridade trazem uma certa ambiência de sensação levemente trágica, mas entendendo-se aqui o trágico como o elemento cênico, a estrutura narrativa original das artes cênicas. Ou seja: se as frases do piano remetem diretamente ao personagem central do documentário, as cordas nos levam ao seu ambiente de trabalho: o palco”. (STRADIOTTO, Diário de Campo, 2023).

Desta forma, Stradiotto e Ayres, para traduzirem as paletas de cores possíveis na iluminação cênica, decidiram utilizar intervenções de instrumentos fora do rol dos sinfônicos. Sintetizadores analógicos modulares surgem em diversos locais das composições para ampliar a paleta de cores através do uso de timbres que se contrapõem às teclas e cordas, em mais um movimento para transpor a luz e suas matizes para dentro da trilha sonora.

Quando recebemos a trilha composta por Felipe Ayres e Rodrigo Stradiotto, percebemos o belo conjunto que tínhamos em mãos. A partir do material sonoro captado juntamente com a trilha sonora já composta, foi dado início ao processo de montagem, de tratamento da cor e finalização do filme. Para a edição do material captado e todo o material de arquivo para o documentário, contamos com a participação do profissional Rafael Lopes, que exerceu as funções no filme de montador, colorista e finalizador, tornando-se uma figura essencial no

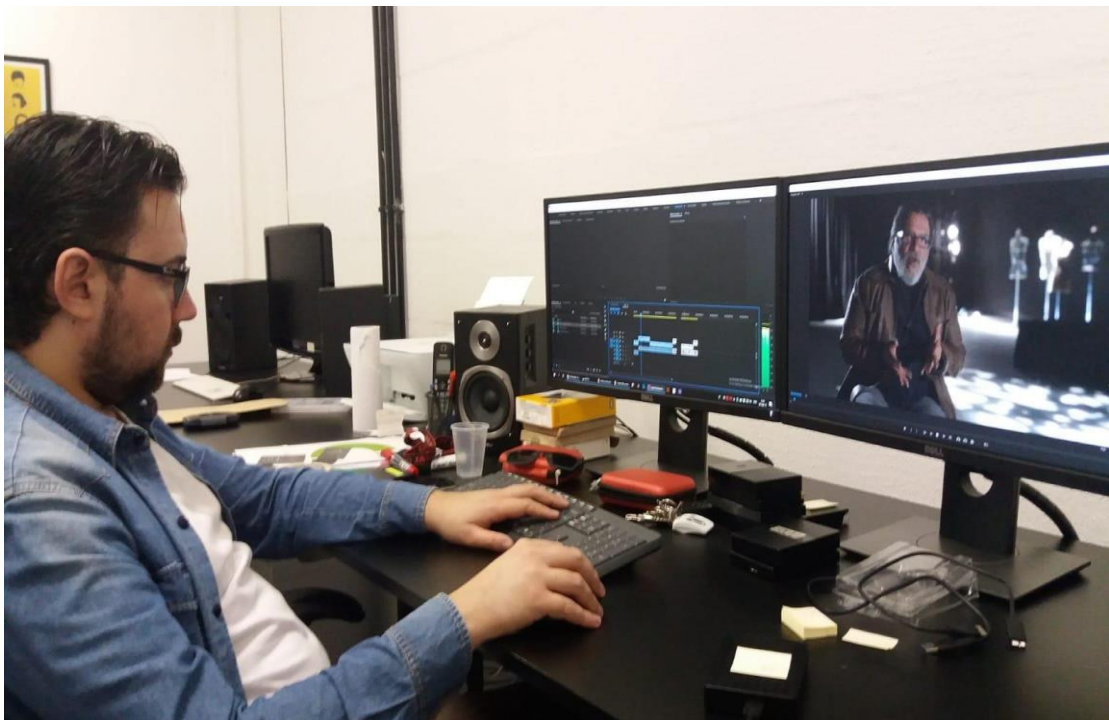


projeto. Ressalto a fala de Rafael Lopes, que discorre sobre o processo:

“O documentário “À Luz de Bruel” exigiu um árduo trabalho de montagem. Beto Bruel é um artista técnico, com uma longa carreira, muito bem documentada. Foram inúmeros trabalhos dentro e fora do país. Portanto, o material de arquivo era composto por vastos registros fotográficos, em vídeo, documentos, mapas de luz, depoimentos dos entrevistados, falas do próprio artista, recortes de jornais, cartazes e entrevistas colhidos durante décadas”. (LOPES, 2023, Diário de Campo).

Na ilha de edição, Rafael Lopes estabeleceu uma comunicação eficiente com as diretoras. Eu e Silvia pudemos discutir e traçar a montagem do documentário de maneira harmoniosa juntamente com Rafael. Para a edição e montagem do material, alguns pontos foram favoráveis, como o fato do iluminador Beto Bruel possuir o dom da oratória e ter facilidade em contar histórias. Sua facilidade na fala foi positiva, pois acrescentou conteúdo ao documentário, mas também tornou o material bruto bastante extenso; o mesmo aconteceu com o material das entrevistas de seus diversos parceiros e artistas de destaque como Luiz Melo, Daniela Thomas, Felipe Hirsch, Marco Nanini, entre outros.

Figura 25: Rafael Lopes na ilha de edição



Fonte: Acervo Werner Produções.

Quando todo o material estava disponível para a edição, o primeiro desafio do editor Lopes foi conseguir criar uma linha narrativa para o documentário. Foram semanas de decupagem do material, discussões, testes e cronogramas de edição até a montagem encontrar

um rumo que contemplasse a grandeza do personagem, bem como as expectativas nossas como diretoras, juntamente com as expectativas do montador. O resultado foi um filme que conta a trajetória de Beto Bruel e ainda consegue explorar poeticamente o potencial e a estética do seu trabalho. A diretora Silvia Gabriela acrescenta:

“A escolha da montagem trouxe um olhar para a trajetória do Iluminador Beto Bruel e não somente sobre o trabalho do iluminador. A partir dessa escolha, também se optou em observar um equilíbrio entre destacar a trajetória de sucesso e reconhecimento do trabalho de Bruel para não se cair apenas em um enaltecimento do artista, mas sobretudo em valorizá-lo enquanto profissional.” (GABRIELA, 2023, Diário de Campo).

A parceria entre nós, diretoras, e o montador possibilitou a criação de um documentário que apresenta a trajetória de Beto de uma maneira lírica, muito pelo caráter sentimental do próprio personagem, mas também pela representação poética das imagens, dos cenários produzidos, da trilha sonora e, sobretudo, da montagem. No momento em que a montagem estava praticamente pronta, somente faltando a finalização do material fílmico, o filme foi para as mãos do profissional da edição de som e mixagem.

Para finalizar e mixar o som do documentário “À Luz de Bruel”, contamos com a experiência de Ulisses Galetto. Na finalização do som, o design acompanhou a dinâmica da montagem e mesmo do personagem: ambos sutis, delicados e muito eficientes. Os ambientes, quase neutros, foram editados com poucos sobressaltos, para depoimentos e histórias simples, mas profundas e amorosas. Os efeitos, incluindo aí elementos de foley (sons derivados de ações humanas), foram utilizados apenas como reforços do som direto, que já trazia quase todas as texturas necessárias para a narrativa.

Em interlocução para a escrita deste trabalho, Ulisses Galetto complementa:

“A mixagem em 5.1 aproveitou sobretudo a espacialização das ambiências e de eventuais reverberações para as vozes dos depoimentos, tudo dentro da mesma intenção discreta e objetiva que norteou todas as etapas de edição, pré-mix e mixagem final. Um som delicado para um filme delicado.” (GALETTTO, 2023, diário de Campo).

Assim que o filme retornou para Lopes, o finalizador da cor, o processo foi finalizado. Como apresentado anteriormente, a montagem revelou uma escolha. Algumas entrevistas e cenas foram descartadas. Como a entrevista com dois técnicos do teatro que trabalharam com Beto. Esse processo difícil, por vezes doloroso, foi conduzido coletivamente a partir do nosso trabalho na direção em parceria com montador, buscando criar uma atmosfera harmônica entre as imagens, entrevistas, pesquisa de arquivos fotográficos e a trilha sonora.

Quando nos sentamos para assistir ao corte final do documentário, foi notável que

nossas expectativas, enquanto diretoras, foram alcançadas. Foi perceptível que o resultado do processo foi satisfatório, visto que a obra apresentada cumpre com a premissa de compor um registro documental para a história do teatro paranaense do artista iluminador Beto Bruel.

Seguem abaixo alguns documentos utilizados durante a produção do documentário “À Luz de Bruel”.

Figura 26: Decupagem do roteiro do curta-documentário "À Luz de Bruel"

IMAGEM	SOM/ entrevista
<p>SEQUÊNCIA 1 - ENTREVISTADO: ABEL -</p> <p>CENA 1 - Plano médio -</p>	<p>Como veio a conhecer o Beto Bruel? Como é/foi trabalhar com ele? Há um fato marcante neste tempo de trabalho? Como é o iluminador Beto Bruel?</p>
<p>SEQUÊNCIA 2 - ENTREVISTADO DIRETOR OCTÁVIO CAMARGO</p> <p>CENA 1 - Plano médio. Octávio Camargo sentado na plateia.</p> <p>CENA 2 - Plano Próximo.</p>	<p>Como é trabalhar com Beto Bruel?</p> <p>Seu último trabalho foi a "Ilíada", na qual a luz tem um grande papel. Como foi a construção desse trabalho?</p> <p>Entre outros trabalhos, Beto Também fez a luz para a peça "Catatau". Um monólogo, com uma concepção cênica na qual a luz também tem uma grande importância. Como foi a construção da luz nesse espetáculo?</p> <p>Como é o iluminador Beto Bruel? Há um fato marcante nesse tempo trabalho em conjunto?</p>
<p>SEQUÊNCIA 3- Guairinha. Beto</p> <p>CENA 1 - Luz aos poucos revela o artista (Beto).</p>	<p>O que é luz?</p> <p>O que a luz revela?</p> <p>Qual o papel da luz no teatro?</p> <p>Por que a luz é uma arte?</p> <p>A luz delimita? Realça? Como é o comportamento da Luz nos</p>

Fonte: Acervo Werner Produções.



Figura 27: Decupagem do roteiro do curta-documentário "À Luz de Bruel"

<p><b>Colégio Estadual:</b></p>	<p>gêneros como comédia, drama, no teatro infantil. Como foi o início da sua carreira como iluminador? Como era a peça?</p> <p>Qual foi a importância do Colégio para o teatro paranaense?</p> <p>Primeiro trabalho profissional. Grupo Momento. Peça Marat Sade de Oraci Gemba.</p> <p>Qual foi a peça que apresentou um grande desafio?</p>
<p><b>Teatro Guairinha</b></p>	<p>Como foi trabalhar com Octávio Camargo no grande projeto Ilíada e também em Catatau de Paulo Leminski.</p> <p>Com Marcos Damaceno, na peça O artista em fuga a Luz tem um grande papel. Como foi a concepção deste trabalho, no qual a luz faz um recorte de cada personagem?</p> <p>Com Felipe Hirsch e Daniela Thomas você realizou vários trabalhos importantes. "Trilhas Sonoras de Amor Perdidas" foi um espetáculo cujo cenário e luz são responsáveis pela criação de um espaço inusitado. Qual foi o papel da luz na construção desse espaço? O último trabalho foi A tragédia Latino-americana, como foi compor a luz para esse espetáculo?</p> <p>Como foi o trabalho com Marcos Nanini na peça sobre Oscar Wilde? Como as mudanças tecnológicas interfeririam no campo da luz nesse trabalho?</p>

Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 28: Decupagem do roteiro do curta-documentário "À Luz de Briel"

<p>cena 2 - plano próximo.</p>	<p>Como é iluminar o balé? Qual a diferença entre a luz de um espetáculo teatral e um show?</p> <p>Prêmios e reconhecimento. Quais prêmios você já recebeu?</p> <p>Qual a importância desses prêmios para sua carreira?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>■ Iluminação - Beto Briel por "Não vejo Moscou da janela do meu quarto"</li> </ul> <p>Como foi representar o Brasil no Congresso da OISTAT (Organização Internacional de Cenógrafos, Técnicos e Arquitetos de Teatro), realizado em Praga, na República Tcheca, em 2007/2011?</p> <p>Entre outros epítetos, você já foi chamado de "o senhor da luz", como você se define como iluminador?</p>
--------------------------------	---

IMAGEM	TEXTO
<p>SEQUÊNCIA 4 - Tamanduá -</p> <p>O áudio, em princípio, será feito no Guaira. Poderá ser feito na Cabine de Luz e som no guaira.</p>	<p>Falar da empresa: Como surgiu a empresa Tamanduá? A necessidade de se criar a empresa</p>

Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 29: Ordem do dia do curta-documentário "À Luz de Bruel".

EDITAL PROFICE 2015	Data: 19/01/2017
Filme: À LUZ DO BRUEL	
Diretor: Silvia Gabriela e Téia Werner	1º (primeiro) dia de filmagem
Produtor: Téia Werner	

## ORDEM DO DIA

<input type="checkbox"/> externo	<input checked="" type="checkbox"/> dia	<input type="checkbox"/> locação	AMBIENTE
<input checked="" type="checkbox"/> interno	<input type="checkbox"/> noite	<input type="checkbox"/> estúdio	LOCAL: Centro Cultural Teatro Guaíra: 1) Guairão: Cabine de luz e som. 2) Guaírinha: Auditório Salvador de Ferrante: Palco.

SEQUÊNCIAS	1	2	3	4						
------------	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--

	horário
Direção e assistente	8h 30 min.
Equipe de Fotografia	8h 30 min.
Equipe de Som	8h 30 min.
Produção e assistente	8h 30 min.
Maquiadora	9h 30 min.

equipamentos especiais
Duas câmeras
Som: Boom e lapela.

cenografia

atores	horário	figurino
Abel	manhã	
Octavio Camargo	11 horas	Camisa/cami seta escura
Beto Bruel	13 horas e 30 minutos	Camisa escura

contra-regra

condução	local e horário

observações
Sequência 1 na Cabine de som e luz do Guairão.
Sequência 2, Platéia do Guaírinha.
Sequência 3, Palco do Guaírinha.
Sequência 4, Beto na cabine de som.

produtor
Mirna Werner e Téia Werner
assistente de direção: Sergio Bertovi

Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 30: Boletim de som do curta-documentário "À Luz de Briel".

**FELIPE RIBEIRO**  
 Técnico de som  
 felipeaugusto\_26@hotmail.com  
 (41) 99627-9270

Data <i>23/09/14</i>		BOLETIM DE SOM		Página <i>1</i>	
Projeto: <i>A Luz de Briel</i>					
Direção: <i>Três Wally Silveira Gabriela</i>			Produção:		
Sample Rate <i>48 kHz</i>		Bit Rate <i>24</i>	File Format <i>.wav</i>	Microfonista:	
Gravador: <i>Zoom H16</i>		Microfones: <i>1- head NTG-2 2- lapela Sennheiser ew63</i>			
Cena	Plano	Take	Faixa	Tracks	Observações
<i>1</i>	<i>1</i>	<i>1</i>	<i>1</i>	<i>1-head 2-lapela</i>	<i>ok (algumas ruínas de fundo)</i>
<i>1</i>	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>2</i>	<i>1</i>	

*Daniela Thomas*

Figura 31: Boletim de câmera do curta-documentário "À Luz de Bruel".

Título da Produção: À Luz de Bruel		19/01/2017					
Diretor: Silvia Gabriela e Téia Werner / Dir. de Fotografia: Maurício Baggio							
<b>BOLETIM DE CÂMERA DIGITAL</b>							
Câmera 1:	4:3	16:9	Câmera 2:				
Operador de Câmera: MAURÍCIO	30i	24P	Operador de Câmera: RAFAEL				
Fita N°	plano N°	take N°	TC In	TC Out	Lente	F-Stop	observações (filtros, shuttr...)
<del>1</del>	<del>01</del>	<del>01</del>			<del>24-20</del>		ABEL N OK / refeita 2 perguntas. OK JOÃO LUIZ VINDICIO OK 2 novas perguntas OK! OCTAVIO CAMARGO OK! ref. final do take (cliques)
<del>1</del>					<del>28</del>		
					50		
01	01	01			28/50		
01	01	02			28/50		
01	01	03			28/50		
02	01	01			28/50		
02	01	02			28/50		
03	01	01			28/50		
03	01	02			28/50		
04	01	01			28/50		BETO BRUEL  - takes de continuidade da cena 04 Bruel. Vários
04	01	02			28/50		
04	01	03			28/50		
04	01	04			28/50		
04	01	05			28/50		
04	02	01					
		Total Fitas:			Assinatura 1º Assistente de Câmera: Rafael.		

Fonte: Acervo Werner Produções.

Na sequência, apresentarei o caminho percorrido pelo filme "À Luz de Bruel" até chegar às telas, por meio de mostras e festivais de cinema, os prêmios recebidos, as dificuldades e limitações do processo.

## **CENA 4: A DIFUSÃO DO DOCUMENTÁRIO À LUZ DE BRUEL**

Nesta cena vou abordar o processo da chegada do documentário “À Luz de Bruel” nas telas, através das mostras e festivais. Trazendo assim a importância deste circuito, que além do aspecto comercial são espaços de encontro, discussões e troca entre os profissionais e iniciantes da área cinematográfica.

É importante destacar que, os festivais e mostras são as primeiras janelas de exibição de um curta-metragem, onde os filmes circulam, são vistos e conseguem projeção no mercado audiovisual. De acordo com a pesquisadora Tetê Mattos os festivais representam iniciativas ordenadas “em mostras ou sessões capazes de promover o produto audiovisual brasileiro, respeitando-o como manifestação artística e disponibilizando-o à sociedade, com proposta de periodicidade regular” (MATTOS, 2013, p.118),

A autora Mattos enfatiza a importância de realizar mostras e sessões que promovam o produto audiovisual brasileiro, reconhecendo-o como uma manifestação artística e tornando-o acessível à sociedade. Assim as mostras e festivais de cinema exercem um papel importante na divulgação e valorização dos curtas e médias metragens e até mesmo de longa metragens, permitindo o acesso destas obras para um número maior de espectadores e possibilitando mais oportunidades, visibilidade e reconhecimento para cineastas independentes no mercado cinematográfico.

Abaixo discorro sobre este circuito das mostras e festivais e o caminho que levou o documentário “À Luz de Bruel” para ser exibido ao público.

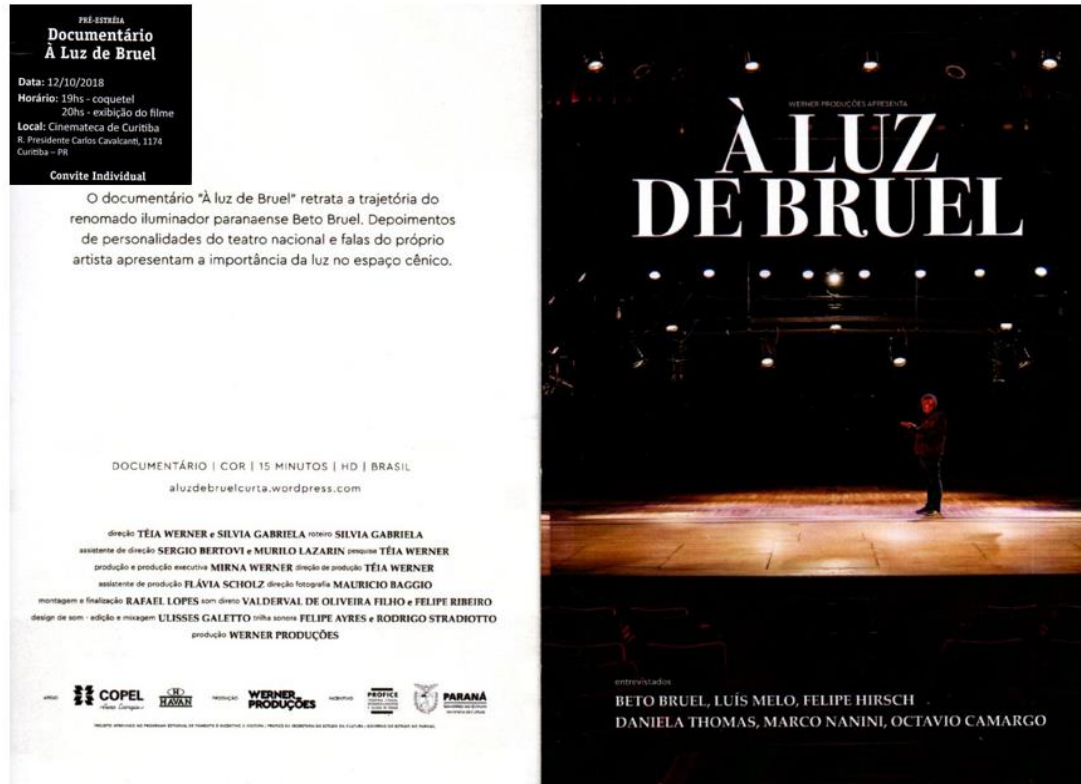
### **4.1 O processo de difusão do documentário “À Luz de Bruel”**

A difusão do documentário “À Luz de Bruel” teve início com o seu lançamento na Cinemateca de Curitiba, em 2018. Esse evento ultrapassou a mera estreia cinematográfica, transformando-se em um momento de celebração da arte cinematográfica. A plateia, composta por cineastas, artistas, entusiastas do cinema, amigos e familiares, aguardava com expectativa a revelação dos bastidores da iluminação teatral.

Na atmosfera envolvente da Cinemateca, as luzes se apagaram e a tela ganhou vida com imagens do filme. Beto Bruel, o iluminador homenageado, estava presente, e compartilhou suas reflexões sobre décadas de dedicação à arte da iluminação. Após a exibição, o público teve a

oportunidade de participar de um bate-papo com a equipe responsável pelo filme. Perguntas foram feitas, risadas foram trocadas e a conexão entre o público e a obra se fortaleceu.

Figura 32: Convite para a pré-estreia



Fonte: : Acervo Werner Produções.

O lançamento do documentário gerou críticas positivas e repercussão na imprensa local. Apresento abaixo algumas matérias que saíram na imprensa.

Figura 33:Matéria da imprensa



Fonte: Disponível em: <https://www.zebeto.com.br/2018/10/11/a-luz-de-beto-bruel/> Acesso em 25 jul. 2020



Figura 34: Matéria na imprensa

**ESCOTILHA** CULTURA DIÁLOGO E INFORMAÇÃO

Reportagem Política Cinema Televisão Literatura Mús

Home > Cinema

## ‘À Luz de Bruel’: a poética da luz em Beto Bruel

Um dos grandes expoentes da iluminação teatral no Brasil é foco no curta-metragem ‘À Luz de Bruel’, que homenageia o paranaense Beto Bruel.

por Valsuí Júnior — 31 de outubro de 2018 em Cinema AA

**B**eto Bruel nasceu na cidade paranaense de Lapa, no Paraná. Entrou no mundo da iluminação por acaso, quando nos anos 1970 foi convocado pelos colegas do Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, para dirigir a iluminação em uma peça teatral. O universo iluminado de Beto estava apenas começando a dar forma. Em *À Luz de Bruel*, curta-metragem com direção de Téia Werner e Silvia Gabriela e produzido pela Werner Produções, é possível entender um pouco mais sobre a poética da luz que guia Beto Bruel.

De fato, ninguém vê o iluminador ao longo de uma peça teatral. Porém, se não fosse por ele, nenhuma história poderia ser contada. É o iluminador que traz ritmo e poesia para dentro do cosmos mágico do teatro. Mais do que isso: é ele quem proporciona as ilusões de ótica que vemos sentados em nossas poltronas e que nos faz acreditar em uma narrativa sendo construída ali, simultaneamente a nossa própria existência.

*À Luz de Bruel* dialoga com diversos personagens em torno da experiência da luz de Beto Bruel no universo teatral, dentre os quais o ator Luis Melo, a cenógrafa Daniela Thomas e o diretor Felipe Hirsch, sobre a importância da iluminação não apenas no caráter técnico do teatro, mas no fazer narrativo da cena em si. “Meu cenário existe porque a luz existe, e só funciona se estiver em perfeita sintonia com a luz”, explica a cenógrafa Daniela Thomas.

Fonte: Disponível em: <https://escotilha.com.br/cinema/filme-luz-bruel-teia-werner-silvia-gabriela-resenha-critica/> Acesso em 25 jul. 2022.

O trailer do curta-metragem "À Luz de Bruel", está disponível online, como complemento de divulgação no link [https://youtu.be/Y69u76uFaZs?si=hA6mq19Zlqkj3o\\_Y](https://youtu.be/Y69u76uFaZs?si=hA6mq19Zlqkj3o_Y). O site oficial do documentário "À Luz de Bruel" complementa o trailer com informações detalhadas sobre a produção, incluindo a ficha técnica, entrevistas com o diretor e equipe, fotos de bastidores no link: <https://aluzdebruelcurta.wordpress.com/>.

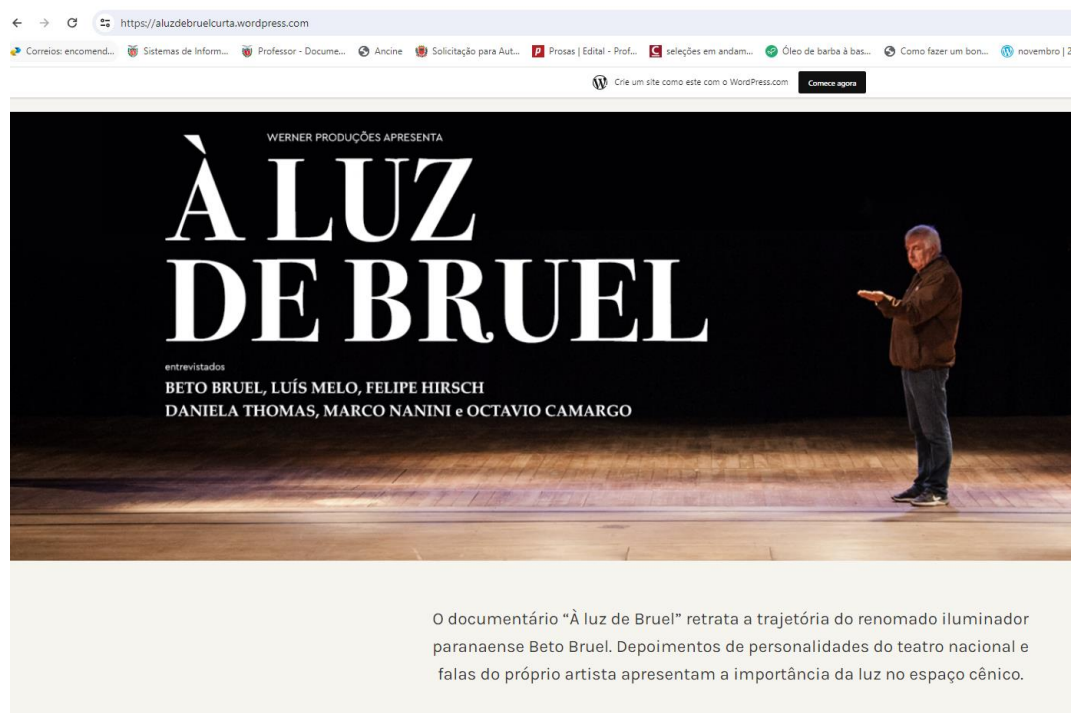


Figura 35: Frame do trailer



Fonte: [https://youtu.be/Y69u76uFaZs?si=hA6mq19Zlqkj3o\\_Y](https://youtu.be/Y69u76uFaZs?si=hA6mq19Zlqkj3o_Y) Acesso em : 22 out.23.

Figura 36:Imagens do site do filme

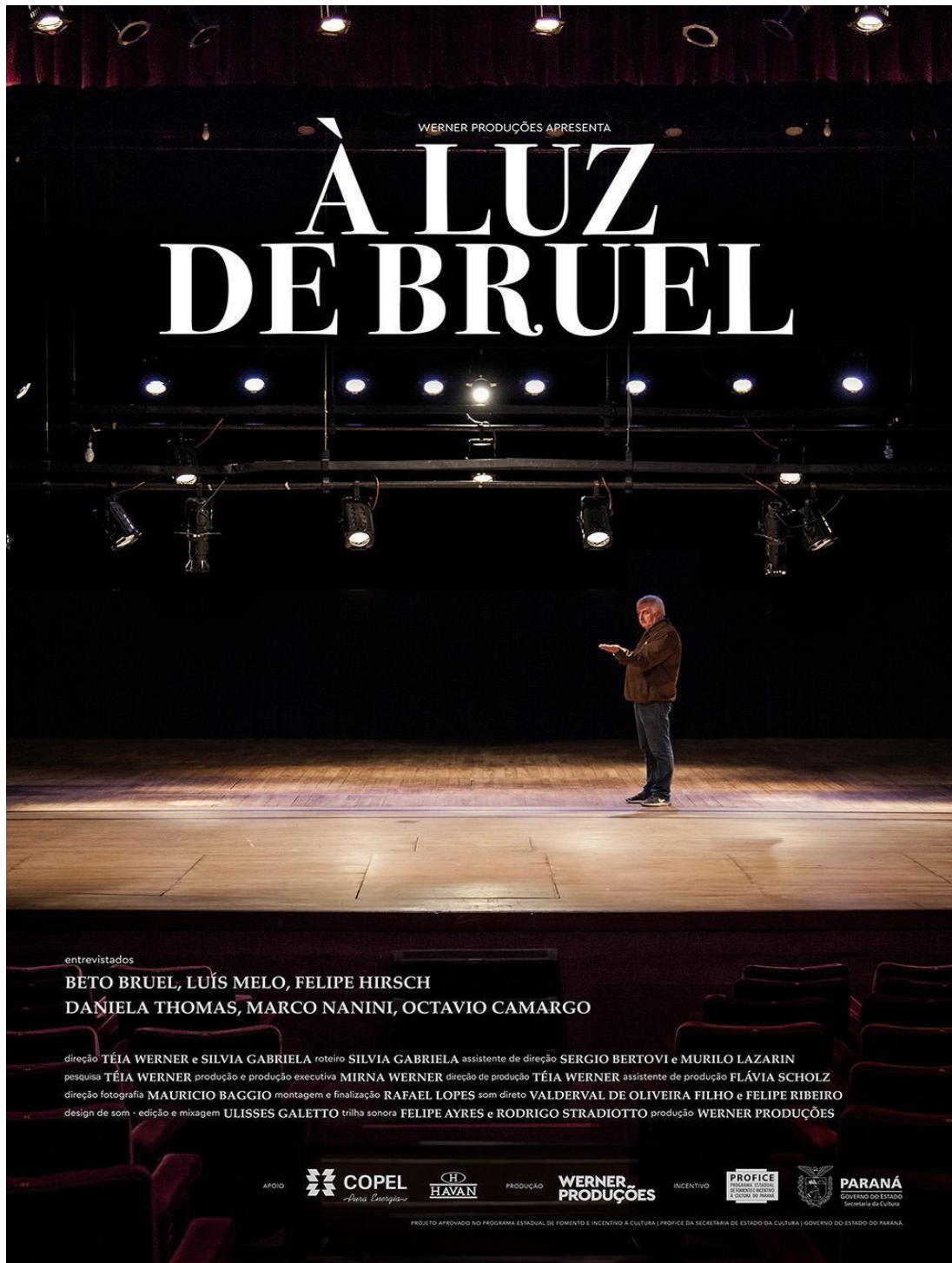


Fonte: <https://aluzdebruelcurta.wordpress.com/> Acesso em: 10 ago. 23.

O circuito de mostras e festivais é extremamente enriquecedor para o cinema, pois além de exibir os filmes que dificilmente alcançariam o público, oferece também oportunidades de qualificação profissional através de cursos e oficinas na área cinematográfica. Durante estes eventos, é possível estabelecer contato com profissionais da área, onde é possível a troca de ideias e discussões sobre a produção, difusão, ou qualquer assunto que seja de extrema importância para quem é realizador. Ressaltando também a oportunidade de conhecer profissionais renomados, diretores, produtores. Para tanto as mostras e festivais contribuem para o fortalecimento do setor audiovisual, assim alcançando um público mais diversificado.

Isso porque fora do circuito de mostras e festivais estão as salas de cinema e os canais de TV e streaming, também responsáveis por levar conteúdo audiovisual ao grande público, mas de uma forma bastante distinta e de difícil acesso ao produtor independente.

Figura 37: Cartaz do custo-documentário "À Luz de Bruel".



Fonte: Acervo Werner Produções.

Observando dados divulgados pela Ancine, podemos afirmar que, no que se refere à distribuição de conteúdo audiovisual, percebemos que em nosso país ainda faltam mecanismos de apoio para a difusão em larga escala do cinema feito aqui, especialmente o cinema independente. Para embasar esse trabalho, fiz uma pesquisa rápida no site da Ancine, e encontrei, na seção Mercado Audiovisual Brasileiro, a planilha "Dados Gerais do Mercado Audiovisual Brasileiro 2002 a 2021", produzida pelo Observatório do Cinema Brasileiro-OCA. Fiz um recorte para compreender os números dos últimos cinco anos pesquisados por eles, de 2017 a 2021.

Pude observar que nesses últimos anos, a participação da produção independente brasileira nos chamados “canais de espaço qualificado”, que se referem ao percentual de tempo e de conteúdo de obras brasileiras independentes, veiculado em canais brasileiros, tanto de TV aberta quanto fechada e streaming, giram em torno de 12%. O restante do tempo é ocupado por conteúdo vindo de grandes produtoras brasileiras e estrangeiras.

Falando sobre salas de cinema, ficou evidente que, nos últimos anos, o Brasil recebeu e distribuiu uma quantidade muito maior de filmes estrangeiros do que brasileiros. Os dados de 2021, por exemplo, mostram que as salas de cinema receberam um público de pouco mais de 52 milhões de espectadores. Desses, pouco mais de 51 milhões foram assistir filmes estrangeiros, e apenas 911 mil foram ver filmes brasileiros.

Sendo este o cenário atual, e observando que, também de acordo com a Ancine, existem cerca de 4 mil festivais e mostras de cinema ao redor do mundo, fica evidente a necessidade de o produtor independente precisar buscar nas mostras e festivais nacionais e internacionais um público interessado e muitas vezes qualificado para mostrar sua obra pela primeira vez. Desta forma ao finalizar o documentário fomos em busca dos festivais e mostras para inscrever o filme. Sendo “À Luz de Bruel” o primeiro filme produzido pela Werner Produções Ltda, no início enfrentamos algumas dificuldades por falta de experiência em relação às inscrições em festivais.

Devido a inexperiência acabamos perdendo prazos importantes para o processo de inscrição, o que nos levou a buscar orientação com amigos e colegas experientes da área. Felizmente, conseguimos inscrever o documentário em vários festivais e mostras e para a nossa alegria o filme foi selecionado e premiado em alguns festivais. A lista completa segue abaixo.

Tabela 3: Tabela dos principais festivais onde o documentário foi selecionado e premiado

<b>FESTIVAIS NO QUAL O DOCUMENTÁRIO FOI SELECIONADO E PREMIADO</b>		
<b>Festival de Cinema Cinemaz – 2021</b>	Documentário "À Luz de Bruel"	Melhor Direção
<b>Festival de Cinema Cinemaz – 2021</b>	Documentário À Luz de Bruel"	Melhor Fotografia
<b>13ª Curta Canoa - 2021</b>	Documentário" À Luz de Bruel"	Seleção Festival
<b>Festival Independente de Cinema OFFICINE 20 - 2021</b>	Documentário "À Luz de Bruel"	Melhor Fotografia
<b>Festival Independente de Cinema OFFICINE 20 - 2021</b>	Documentário "À luz deBruel"	Melhor Montagem
<b>Festival Independente de Cinema OFFICINE 20 - 2021</b>	Documentário "À luz deBruel"	Melhor Montagem
<b>Inhapim Cine Festival - 2020</b>	Documentário "À Luz deBruel"	Melhor Fotografia
<b>FestCine Pedra Azul - 2020</b>	Documentário" À Luz deBruel	Seleção Festival
<b>FestCine Pinhais - 2019</b>	Documentário "À Luz deBruel"	Melhor Documentário
<b>FestCine Pinhais - 2019</b>	Documentário "À Luz de Bruel"	Melhor Direção
<b>Festival de Cinema de Santa Teresa - 2019</b>	Documentário" À Luz deBruel"	Seleção Festival
<b>CineFest Votorantim - 2019</b>	Documentário "À Luz deBruel "	Seleção Festival
<b>Festival de Cinema da Lapa -2018</b>	Documentário "À Luz deBruel" - Beto Bruel foi homenageado no festival.	Seleção Festival

Fonte: Acervo Werner Produções.

Neste processo de seleção "À Luz de Bruel" rodou mostras e festivais e conquistou alguns prêmios, inclusive dois prêmios, de melhor direção e de melhor documentário, no primeiro festival em que foi inscrito, no ano de 2019 no 7 FESTCINE - Festival de Cinema "Curta Pinhais". Com a conquista destes prêmios, a nossa primeira direção, minha e de Silvia Gabriela, foi coroada. Mas é importante ressaltar que essas premiações não foram mérito apenas da direção, mas sim de toda a equipe de profissionais que trabalharam ao nosso lado no projeto. Esta primeira premiação foi uma conquista coletiva.

Figura 38: Equipe recebendo os prêmio no Festival de Cinema Curta Pinhais



Fonte: Acervo Werner Produções.

O documentário foi inscrito em mais de 50 festivais, sendo selecionado em alguns, e também recebemos diversas negativas, muitas vezes por não seguir a temática do festival, entretanto, o reconhecimento que adveio das mostras e festivais no qual o documentário foi aceito foi bastante gratificante para toda a equipe. Formado por festivais e mostras, o circuito alternativo, foi de suma importância para a exibição e circulação do documentário “À Luz de Bruel” pois assim conseguimos alcançar o público. Estes espaços oferecem uma oportunidade para as produções independentes, de baixo orçamento e com temáticas diversas. De acordo com SILVA et al. (2019):

“o circuito alternativo de festivais e mostras vem ganhando cada vez mais espaço e importância no cenário audiovisual brasileiro, com eventos acontecendo em diversas regiões do país. Esses eventos permitem que produções independentes, que muitas vezes não teriam oportunidade de serem exibidas em grandes salas de cinema, possam ser exibidas para um público interessado e engajado”. (SILVA, 2019, p.42)

Apesar da importância para o cenário audiovisual, o circuito alternativo de festivais e mostras, ainda enfrenta inúmeros desafios. Um dos principais é a falta de recursos financeiros para a realização dos eventos, que muitas vezes são organizados por pessoas apaixonadas por cinema, além disso os organizadores enfrentam muitos desafios como a falta de público muitas vezes e a dificuldade de captação de recursos financeiros para a realização desses eventos.



Mesmo com tantas dificuldades, o circuito alternativo ainda é a primeira janela para os muitos filmes. A seleção do documentário “À Luz de Bruel” em festivais e mostras proporcionou para mim e Silvia a oportunidade de acompanhar a exibição do filme junto ao público, o que foi muito gratificante, muitos aprendizados e trocas.

Figura 39: 11º Festival CineFest Votarantim



Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 40: Festival Votarantim



Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 41: Festival Festcine de Pinhais



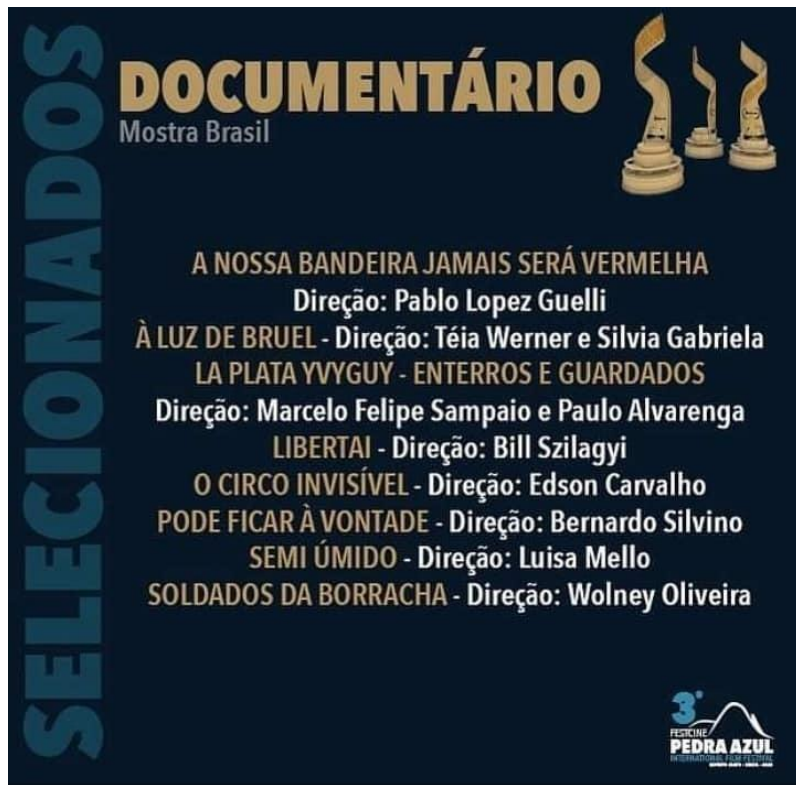
Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 42: Festival Festcine de Pinhais



Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 43: Festival Pedra Azul



Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 44: Prêmio recebido no Festival Office 20



Fonte: Acervo Werner Produções.



Figura 45: Prêmio recebido no Festival Office 20



Fonte: Acervo Werner Produções

Figura 46: Homenagem Beto Briel durante Festival da Lapa

**24/11 SÁBADO**

- 10h ▶ Sessão Acessibilidade - Filme com áudio-descrição - Classificação Indicativa: 12 anos / **Benzinho** (95') de Gustavo Pizzi
- 16h ▶ Mostra AVEC - Associação de Vídeo e Cinema do Paraná - Classificação Indicativa: 12 anos / **Andarilhos** (20') de Eduardo Prante / **Você Ainda Não Está Morta** (22') de Ana Johann / **Vai, Vai, Vai** (10') de Francisco Sandmann / **Primavera de Fernanda** (19') de Estevan de la Fuente e Débora Zanatta / **Clube da Insônia** (25') Tulio Viaro
- 20h ▶ Mostra de Curtas-Metragens Paranaenses - Classificação Indicativa: Livre / **À Luz de Briel** (15') de Têia Werner e Sílvia Gabriela  
Entrega de Diploma de Mérito para o iluminador Beto Briel.

**Homenagem ao ator Osmar Prado com a entrega do Troféu Tropeiro por sua trajetória de destaque na televisão e no cinema brasileiros.**

/ **Mostra Competitiva** - Classificação Indicativa: 13 anos / **10 Segundos Para Vencer** (120') de José Alvarenga Jr  
A extraordinária trajetória de Éder João até se tornar um dos maiores jogadores da história. Um homem dividido entre a paixão pelo esporte e a vida em família. Pai e filho na busca de um sonho, o de ser um verdadeiro campeão. Produção: Flávio Ramos Tambellini - Tambellini Filmes. Coprodução: Globo Filmes e Canal Brasil

**25/11 DOMINGO**

- 14h ▶ **CELULAPA** - Prêmio FAEL de Curta no Celular
- 15h ▶ Mostra de Curtas-Metragens Paranaenses - Classificação Indicativa: Livre / **Brasil x Holanda** (19') de Caroline Biagi

/ **Mostra Competitiva** - Classificação Indicativa: 14 anos / **Ferrugem** (95') de Aly Muritiba  
A adolescente Tati adora compartilhar sua vida nas redes sociais. Mas ela precisa amadurecer e lidar com as consequências, depois que algo que ela não queria que se tornasse público é divulgado no grupo do Whatsapp de sua turma de colégio. Produção: Credo. Audiovisual: Coprodução: Globo Filmes e Canal Brasil. Após a exibição haverá debate com a equipe e o elenco dos filmes, incluindo a presença do ator global Giovanni de Lorenzi (da novela Deus Salve o Rei).

**19h30 ▶ Cerimônia de Encerramento**  
Apresentação do Coral Vozes de Angola  
Mostra Tecnokena - Classificação Indicativa: Livre / **Pax** (14 min') de Paulo Munhoz  
Entrega do Troféu Tropeiro pelo trabalho de destaque no cinema de animação brasileiro para a produtora Tecnokena.  
Premiação **CELULAPA** - Prêmio FAEL de Curta no Celular com a exibição dos três primeiros colocados  
**Premiação da Mostra Competitiva do 11º Festival de Cinema da Lapa:**  
Entrega do Troféu Tropeiro aos melhores trabalhos em cada categoria

**PROGRAMAÇÃO DE EXPOSIÇÕES**  
Abertura dia 22 de novembro às 18 horas - Local: Sala de Exposições Lafeteiro Rocha - Praça General Carneiro - Lapa - Paraná  
**TEATRO GUARÁ** - **Nasce um Ícone** - Exposição de fotografias do acervo de Erick Nissen - Curadoria: Waltraud Sekula e Loire Nissen  
Lançamento do livro **"TEATRO GUARÁ - Nasce um Ícone"** de Erick Nissen, Loire Nissen, Waltraud Sekula, Zulmar Rubens Leardini e Claudionor Beatriz CINEMIS - Curadoria Jefferson Vaz

Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 47: Festival de Cinema Inhapim

**SELECIONADOS CATEGORIA DOCUMENTÁRIO:**

1. À luz de Bruel-Téia Werner e Sílvia Gabriela- Curitiba- PR- 00:15:00
2. Ruth- Igor Dalbone- Sao Paulo- SP-00: 15:30
3. Águas Novas- Marcelo Cesar- Belo Horizonte- MG- 00:14:32
4. Eldorado Mengele Vivo Ou Morto- Marcelo Sampaio- São Bernardo do Campo SP- 01:10:00
5. Homens Invisíveis- - Luis Carlos de Alencar Rio de Janeiro- RJ -00:25:25
6. A Semente do ler e contar- Edson Carvalho- Delmiro-AL- 00:30:00
7. Icaro- Lucas Marques- Rio de Janeiro-RJ- 00:19:00
8. Desde la Ventana de Jorge- Bernardo Silvino- Los Santos- Panamá-00:05:08
9. De vez Em Quando Sou Marrom- Nana dellagatta e Julia Bergman- São Paulo-SP-00: 15:00
10. A lenda do Cabloco Dagua- Bruno Bennec- Muriaé MG- 00:15:00

**REALIZAÇÃO:** PREFEITURA MUNICIPAL DE INHAPIM ADM 2017/2020

**COMUNICAÇÃO:** MZ

Fonte: Acervo Werner Produções.

Figura 49: Festival de Cinema Fescta

**FECSCTA**

**MOSTRA LIVRE**

**02/08 - 15h30**

**ESPERA**  
LUCAS BONINI (ES)

**QUANDO A CHUVA VEM?**  
JEFFERSON BATISTA (PE)

**CASULO**  
RAFAEL ÁGUIAR (MG)

**RISCADAS**  
KAROL MENDES (ES)

**QUANDO AS COISAS SE DESMANCHAM**  
ARISTEU ARAÚJO (PR)

**RASGA MORTALHA**  
PATRICIA DE AQUINO (PB)

**VALE DA LUJA: O MITO DE ANHANGÁ**  
DANILO CUSTÓDIO (PR)

**03/08 - 17h20**

**O PÁSSARO SEM PLUMA**  
TATI RABELO E RODRIGO LINHALES (ES)

**BICHO DO MATO**  
JULIANA SANSON (PR)

**A LUZ DE BRUEL**  
TÉIA WERNER E SILVIA GABRIELA (PR)

**GURI**  
ADRIANO MONTEIRO (ES)

**QUEM TE PENTEIA**  
NANÁ PRUDENCIO E NINA VIEIRA (SP)

**BODAS**  
ALEXIA MALTNER (RJ)

**SOLA**  
SERGIO BERTOVI (PR)

Fonte: Acervo Werner Produções.

Esses eventos foram importantes para ampliar a visibilidade e o alcance do documentário "À Luz de Bruel". Ao participar de festivais e mostras, o documentário foi exibido para um público diversificado, composto por profissionais da indústria cinematográfica, críticos, estudantes e entusiastas do cinema. Além disso, esses eventos serviram como pontos de encontro e trocas, permitindo que a equipe do documentário interagisse com outros profissionais do setor, estabelecendo contatos e pensando em parcerias futuras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, pude vivenciar o processo de pesquisa, e desenvolver as habilidades da escrita, o que me proporcionou muitas aprendizagens. Nesse processo, explorei diversas fontes de informação e aprofundei meu conhecimento sobre o universo da produção audiovisual. A análise do documentário “À Luz de Bruel” possibilitou uma maior compreensão sobre como cada elemento, desde a escolha das imagens até a trilha sonora, foi cuidadosamente pensado para transmitir a essência da obra e trajetória do iluminador Beto Bruel.

Poder relembrar o processo da criação, de produção e difusão do documentário por meio da pesquisa e da análise do documentário, deixou clara a capacidade do iluminador Beto Bruel de transformar a estética dos espetáculos. Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que Beto utiliza habilmente a iluminação como uma ferramenta poderosa para criar efeitos visuais que contribuem para o aprimoramento da narrativa e influenciam diretamente a emoção do público nas peças que ele ilumina.

Durante o processo de escrita deste trabalho, pude comprovar a veracidade de uma frase amplamente utilizada aqui no Brasil: “a teoria é fundamental, mas o verdadeiro aprendizado ocorre na prática”. Assim, destaco que todo o compilado de informações e contribuições de teóricas e teóricos sobre documentário, roteiro, produção e iluminação que foram incorporados ao texto são ilustradas por meio do trabalho de Beto Bruel. Desta maneira fica evidente que o presente trabalho não apenas confirma a importância da fundamentação e conhecimento teórico, mas também ressalta a necessidade de valorizar e enaltecer os profissionais de iluminação, que desempenham um papel fundamental na criação de uma experiência sensorial e emocionalmente envolvente

Neste memorial descritivo, também menciono alguns dos prêmios de maior relevância para contextualizar o leitor sobre o reconhecimento adquirido por Bruel em sua área de atuação ao longo dos anos. Nesse sentido, observo que no campo do audiovisual, isso se torna ainda mais relevante, porque assim como Bruel, muitos profissionais técnicos em iluminação desenvolvem seu saber por meio da experiência prática diária. Isso ilustra a importância de valorizarmos e reconhecermos o trabalho dos profissionais de iluminação, que muitas vezes são invisibilizados em um espetáculo. Afinal, sem a iluminação adequada, o público não teria a mesma experiência e o espetáculo não alcançaria seu pleno potencial.

Com relação à estrutura do trabalho, na primeira parte do memorial, apresento a biografia

e a experiência do iluminador Beto Bruel, principal personagem do documentário “À Luz de Bruel”, objeto central deste estudo. Em seguida, na primeira cena, exploro a analogia da luz teatral e da luz cinematográfica. Fica evidente que tanto no teatro quanto no cinema, a iluminação desempenha um papel crucial na arte, e a escolha adequada da linguagem luminosa pode causar um impacto significativo tanto em filmes quanto em espetáculos teatrais.

Na segunda parte deste trabalho, exploro o processo criativo do documentário, destacando a importância da elaboração do roteiro. Discorri como, em colaboração com Silvia Gabriela, chegamos ao recorte do documentário e ao roteiro, que foi levado para orientar as filmagens.

Em seguida, relatei a etapa da produção propriamente dita, na qual nos deparamos com as falas das pessoas entrevistadas, o que nos levou a realizar algumas modificações no roteiro original em função da história que estava sendo efetivamente contada. Essas alterações foram realizadas com o intuito de manter a fidelidade ao objetivo principal do documentário.

Nesta parte, também abordei a questão da direção compartilhada entre duas mulheres e pude constatar que eu e Silvia Gabriela fazemos parte de um número ainda reduzido de mulheres ocupando posições-chave em projetos cinematográficos no mercado. Tradicionalmente, os cargos de poder nesse setor são ocupados por homens, sendo a direção considerada um espaço de poder. Ainda que, evidentemente, a realização de um produto audiovisual só ocorre a partir do trabalho em equipe.

Assim, o presente trabalho também levanta questões que nos levam a refletir sobre a necessidade de implementar medidas que promovam a inclusão de mais mulheres no mercado cinematográfico e garantam igualdade de oportunidades na indústria cinematográfica.

Na terceira parte, explorei o processo de produção do documentário, abrangendo todas as etapas que percorremos ao longo do caminho. Iniciei abordando as decisões tomadas na pré-produção, que se revela como uma etapa crucial para garantir um bom desenvolvimento durante a produção. Nesse estágio, foram definidos aspectos fundamentais que impactaram diretamente o resultado final.

Posteriormente, abordei a fase da produção em si, o momento em que as gravações foram realizadas e todo o material fílmico necessário para o documentário foi captado. Esse período foi de extrema importância para a construção do documentário “À Luz de Bruel”. Em seguida, destaquei a relevância da pós-produção, na qual diversas nuances do documentário ganharam forma e foram aprimoradas, refinando assim a narrativa, a montagem, os efeitos visuais e sonoros, de forma a garantir uma obra final coesa e impactante para o público. Nessa etapa, a música desempenhou um papel fundamental, sendo criada e incorporada ao

documentário, enriquecendo ainda mais a experiência audiovisual.

É importante ressaltar que a fase de pós-produção é um momento de reflexão para as diretoras. É nesse momento que são tomadas as últimas decisões em relação ao filme. Onde surgem muitas perguntas e dúvidas. Devemos manter o recorte do roteiro? Realizamos cortes? Como essa cena contribuirá para a imagem que desejamos transmitir de Beto Bruel? A edição é, de fato, uma continuação da direção. Essa constatação ficou evidente durante minha experiência, onde tive, juntamente com Silvia Gabriela uma ótima parceria com o editor/montador, o que proporcionou e desempenhou um papel fundamental para dar o tom que almejamos, moldando assim o resultado final do documentário.

Por fim, descrevi a trajetória do documentário ao ser exibido em mostras e festivais, o momento em que o filme alcança o público. A disseminação do documentário não apenas marcou o encerramento do trabalho, mas também representou o fim da jornada de produção em si. Destaquei que, apesar de enfrentarmos desafios devido à nossa falta de experiência, o que fez com que perdêssemos alguns festivais e mostras. Procuramos profissionais experientes que nos auxiliaram e explicaram como funcionava o processo de inscrição nos eventos. Assim conseguimos inscrever o documentário em diversos festivais e mostras, o que resultou em uma ótima circulação do filme e o recebimento de diversos prêmios. Essa experiência foi profundamente enriquecedora para todos os envolvidos, proporcionando um aprendizado valioso.

A busca por embasamento teórico neste memorial descritivo me levou a reviver o início da minha carreira no audiovisual e reconhecer alguns dos acertos que obtivemos. Alguns dos acertos foram fruto de reflexão, mas também são questões que já foram exaustivamente estudadas por teóricas e teóricos do teatro e do cinema, comprovando a interconexão entre a educação e diferentes áreas do conhecimento. No contexto cinematográfico, essa interligação é igualmente relevante.

Essas reflexões reforçam ainda mais minha convicção sobre a importância da educação e da arte, e este trabalho conseguiu unir de maneira significativa essas duas dimensões fundamentais. Sendo assim, a conclusão deste trabalho vai além de ser apenas uma etapa final, pois representa um momento de profunda reflexão e reconhecimento de todo o percurso percorrido. Ao longo dessa jornada, obtive um aprendizado valioso e espero ter contribuído para valorizar o papel desempenhado por esse importante profissional da arte, o iluminador Beto Bruel, assim como toda a equipe de iluminação que trabalha incansavelmente nos bastidores de um espetáculo.

## REFERÊNCIAS

- À Luz de Bruel. Direção: Téia Werner e Silvia Gabriela. Produção: Mirna Werner. Roteiro: Silvia Gabriela. Fotografia: Mauricio Baggio. Brasil: Werner Produções, 2018. DVD. (15min.). son. color. Legendado.
- ALENCAR, Miriam. **O cinema em festivais e os caminhos do curta metragem no Brasil**. Rio de Janeiro: Artenova, 1978.
- ALVES, P.; ALVES, J. E. D.; SILVA, D. B. do N. **Mulheres no Cinema Brasileiro**. Caderno Espaço Feminino, v. 24, n. 2, Uberlândia, p. 365-394, 2011.
- ALVES, Paula; COELHO, Paloma. **Discursos, performatividades e padrões visuais no cinema**: reflexões sobre as representações de gênero, o mercado cinematográfico e o cinema de mulheres. Aceno, v. 2, n. 3, Cuiabá, p. 159-176. 2015.
- ANCINE. **Mercado Audiovisual Brasileiro**. <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/mercado-audiovisual-brasileiro>, atualizado em 11/01/2023 e acessado em 23/04/2023.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual**: Uma Psicologia da Visão Criadora. 10ª edição. São Paulo: Pioneira, USP, 1996.
- ASSIS, Rodrigo Costa. **Design da iluminação**: iluminação cênica de um espetáculo teatral. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2016.
- AUMOUNT, Jacques, **A Teoria dos Cineastas**, Papirus, Campinas, 2004
- BETO, Zé. **À Luz de Bruel**.. 2018. Ementa: Resenha crítica do documentário À Luz de Bruel. Disponível em: <https://www.zebeto.com.br/2018/10/11/a-luz-de-beto-bruel/> Acesso em 20 mar. 2023.
- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A Arte do Cinema**: Uma introdução. Campinas/São Paulo: Ed. Unicamp/Edusp, 2013.
- BRITZ, I. **Film business [recurso eletrônico]: o negócio do cinema**. Iafa Britz, Rodrigo Saturnino Braga, Luiz Gonzaga de Luca; Adriana Dias, Leticia de Souza Barbosa (organizadoras). – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- CITTI.ORG. **Site Citti.org**. Site que informa sobre o festival World Stage Design. Disponível em: [https://www.citti.org/World\\_Stage\\_Design\\_Fr.html](https://www.citti.org/World_Stage_Design_Fr.html). Acesso em: 25 maio 2023.
- COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro. Rocco, (1995).
- ESCREVENDO FUTURO. **Caderno documentário**. Site que contribui para a melhoria do ensino e aprendizagem da leitura e escrita nas escolas públicas de todo país. Disponível em: [https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/documentario/glossario](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/glossario) Acesso em: 25 maio 2023.
- FIELD, Syd. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.



FIGUEIREDO, Laura Maria de. **Iluminação cênica: espaço, luz e corpos em foco.** Urdimento, v.1, n.31, p.152-161. 2018. Acesso em 27 de abr. 2023

GAUTHIER, Guy. **O documentário: um outro cinema.** Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2011. 432 p.

GAZETA DO POVO. **Paranaense Beto Bruel ilumina ópera “Fidelio”, no Rio.** 2015. Site de notícias. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/paranaense-beto-bruel-ilumina-opera-fidelio-no-rio-aava1454qiy0y0clou645fm4c/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado. **Fazer cinema no Brasil: a visão de diretoras brasileiras.** Revista Livre de Cinema, v. 7, Dossiê Cinema Expandido, p. 105-131, dez, 2020.

GODOIS, Ivo. **Um palco iluminado: o teatro Álvaro de Carvalho em Florianópolis – SC – década de 1980 / Ivo. Godois, 2011**

GRIESON, John “Flaherty's Poetic *Moana*”, The New York Sun, 8 de fev. In Lewis Jacobs (ed.) *The documentary tradition*, W. W. Norton & Company, NYC - 2ª ed. (1979)

HOLANDA, Karla. **Da história das mulheres ao cinema brasileiro de autoria feminina.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, v. 24, n. 1, Porto Alegre, p. 1-19, 2017b.

JÚNIOR, Valsui. **À Luz de Bruel’: a poética da luz em Beto Bruel.** Escotilha - Cultura, diálogo e informação. 2018. Ementa: Resenha crítica do documentário À Luz de Bruel. Disponível em: <https://escotilha.com.br/cinema/filme-luz-bruel-teia-werner-silvia-gabriela-resenha-critica/> Acesso em 20 mar. 2023.

KAMITA, Rosana C. **Relações de gênero no cinema: contestação e resistência.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil, 2017. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v25n3/1806-9584-ref-25-03-01393.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

L’AMOUR tout court. Direção: Raphaël O’Byrne. Produção: Les Films à Lou. Interprete: Henri Cartier-Bresson, França, 2001. DVD. (70 min.), son., color. Legendado.

LEONE, Eduardo. MOURÃO, Maria. **Cinema e Montagem.** São Paulo: Editora Ática, 1993. 2ª edição.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho - televisão, cinema e vídeo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. In A Problemática da Entrevista e do Depoimento no Documentário Brasileiro Contemporâneo 1 Maíra de Brito Carlos, 2004 2 PPGCOM – UFPE

LUCENA, L. C. **Como Fazer Documentários - Conceito, Linguagem e Prática de Produção,** São Paulo: Summus Editorial, 2012.

LUCIANI, Nadia Moroz. **Iluminação Cênica: A performidade da luz como elo entre a cena e o espectador.** São Paulo: ECA/USP. 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-02032021-131705/publico/NadiaMorozLucianiVC.pdf> Acesso em: 27 de abr. 2023.



LUMET, S. **Fazendo filmes**. Rio de Janeiro: Artemídia. Rocco, 1998.

MACHADO, R. **A Luz Montagem Uma análise comparativa dos mecanismos de edição utilizados no teatro e no cinema**. Móin-Móin - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas, Florianópolis, v. 1, n. 05, p. 188-206, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701052008188>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MATTOS, T. “**Festivais pra quê?** Um estudo crítico sobre festivais audiovisuais brasileiros”. In: BAMBIA, M. (org.). **A recepção cinematográfica: teoria e estudos de caso**. Salvador: Edufba, 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Site do Gov.br**. 2021. Site oficial do governo federal brasileiro. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MOCARZEL, E. V. **Auto-mise-en-scène: ficção e documentário na cena contemporânea**, Revista Sala Preta, v. 14 n. 2, 2014

NAGIB, LÚCIA. **O cinema da retomada: depoimentos de 90 cineastas dos anos 90**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

NAGIB, LÚCIA. **Além da diferença: a mulher no Cinema da Retomada**. Devires, v. 9, n. 1, Belo Horizonte, p. 14-29, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2012.

O Sal da Terra. Direção: Wim Wenders, Juliano Ribeiro Salgado. Produção: David Rosier. Interprete: Sebastião Salgado. Brasil, França, Itália: Imovision, 2015. DVD. (110 min.), son., color. Legendado.

ORDWELL, David. THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema uma introdução**. 2014, EDUSP.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**. Da pré-produção à pós-produção. Campinas, Papyrus, 2009. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/285156/1/Soares\\_SergioJosePuccini\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/285156/1/Soares_SergioJosePuccini_D.pdf) Acesso em: 27 nov. 2022.

PENAFRIA, MANOELA. **O filme documentário em debate: John Grierson e o movimento documentarista britânico - Comunicação apresentada no III SOPCOM, VI LUSOCOM, UBI, abril 2004**. Disponível: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-filme-documentario-debate.html> . Acesso em: 2 fev. 2023.

PEQOUD. **Pequod**. Site do Grupo teatral. Disponível em: <http://www.pwquod.com.br/2015/> Acesso em: 20 maio 2023.

RABIGER, Michael. **Direção de Cinema: Técnicas e Estética**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

RABIGER, Michael. **Direção de documentário (5ª. Edição)**. São Paulo. Editora Câmpus

Elsevier, 2012.

RAMOS, Fernão Pessoa e Catani, Afrânio (orgs.). **Estudos de Cinema**, SOCINE 2000, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192/207.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.

RODRIGUES, C. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

ROSENTHAL, Alan. **Writing, directing, and producing documentary films and videos**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1996 apud Puccini, Sérgio.

SDSU. **School of Theatre, Television, and Film**. Disponível em: <https://womenintvfilm.sdsu.edu/> . Acesso em 20 mar. 2023

SILVA, A. D.; SIRINO, S. P. M. **Cinema brasileiro e educação**. Cascavel (PR): Unioeste, 2018.

SILVA, D.; MENEZES, C.; ABREU, I. **O circuito alternativo de festivais e mostras audiovisuais no Brasil**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42, 2019, Belém. Anais. Belém: Intercom, 2019.

Site. **À Luz de Bruel**. Disponível em: <https://aluzdebruelcurta.wordpress.com/>. Acesso em: 22 maio 2023.

TUDELLA, Eduardo A. da Silva. **A Luz na Gênese do Espetáculo**. Salvador: DUFBA, 2017.

UFPR. **Site da UFPR**. Disponível em: <https://ufpr.br/ufpr-lamenta-falecimento-do-professor-aposentado-hugo-mengarelli/>. Acesso em: 22 maio 2023.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540\\_por.locale=en](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por.locale=en) . Acesso em 20 mar. 2023.

WATTS, Harris. **Direção de câmera: um manual de técnicas de vídeo e cinema**. São Paulo: Summus, 1999.

WERNER PRODUÇÕES. **Á Luz de Bruel ( Trailer)**. YouTube, 2018. Disponível em: [https://youtu.be/Y69u76uFaZs?si=hA6mq19Zlqkj3o\\_Y](https://youtu.be/Y69u76uFaZs?si=hA6mq19Zlqkj3o_Y) Acesso em : 22 out.23.

XAVIER, Ismail. **O Cinema no Século**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

## APÊNDICE 1

### **Sinopse e Ficha Técnica À LUZ DE BRUEL**

Documentário | Cor | 15min | FHD | BRASIL

#### Sinopse

O documentário À Luz de Bruel retrata a trajetória do renomado iluminador paranaense Beto Bruel. Depoimentos de personalidades do teatro nacional e falas do próprio artista apresentam a importância da luz no espaço cênico.

#### Ficha técnica

Entrevistados: Beto Bruel, Luís Melo, Felipe Hirsch, Daniela Thomas, Marco Nanini e Octavio Camargo

Direção: Téia Werner e Silvia Gabriela Roteiro: Silvia Gabriela Assistentes de Direção: Sergio Bertovi e Murilo Lazarin

Pesquisa: Téia Werner Produção e Produção Executiva: Mirna Werner Direção de Produção: Téia Werner Assistente de Produção: Flávia Scholz

Direção de Fotografia: Mauricio Baggio Assistente de Câmera: Rafael Lopes Eletricista: Murilo Lazarin

Montagem e Finalização: Rafael Lopes Assistente de Montagem: Carol Souza Som Direto: Valderval de Oliveira Filho e Felipe Ribeiro

Edição de Som - Edição e Mixagem: Ulisses Galetto Trilha Sonora: Felipe Ayres e Rodrigo Stradiotto Projeto Gráfico: Pedro Giongo

Maquiagem: Flávia Scholz

Captação de Recursos: Sauí Produções

Legendagem: Graziela Bráz Camilo (espanhol), Bruno Reddin (inglês) Fotografia Cartaz: Murilo Lazarin

Motorista: Márcio José Pedroso Realização: Werner Produções Apoio: Copel, Havan e Lamenic Films

Incentivo: Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura | PROFICE da Secretaria de Estado da Cultura | Governo do Estado do Paraná.

## APÊNDICE 2

Lista das peças e espetáculos que Beto fez a luz:		
Ano	Peça	Diretor
1971	Pobre Diabo – Primeira peça – 12 de outubro de 1971 - Guairinha, Curitiba	Álvaro Taveira
1972	O Natal na Praça ou A Infância de Jesus	José Maria Santos
1972	Do Ventre de Maria Virgem	Luthero Renato de Almeida
1972	Do Ventre de Maria Virgem	Luthero Renato de Almeida
1972	É um Pequeno Mundo	Regina Bastos
1973	Abre a Janela	José Maria Santos
1973	Por falar nisso	Alberto Centurião
1973	Aventuras de um Diabo Malandro	Ione Prado
1973	Bolas de Papel	Karam
1973	Da Melhor Maneira Possível	Karam
1973	Aberto pra Balanço	Karam
1973	Hotel Luar do Sertão	Karam
1973	Chico Rei	Kraide
1973	No Mundo do Arco-Íris	Regina Bastos
1974	Banho de Lua	Alberto Centurião
1974	Recauchutagem	Alberto Centurião
1974	Na ponta dos Pés	Domingos Borges
1974	Marat Sade	Gemba
1974	Maria Bueno	Gemba
1974	Vereda da Salvação	Gemba
1974	O Cavaleiro Negro Contra Gumercindo Tavares	Karam
1974	Hombres Y Mujeres	Karam
1975	O Pagador de Promessas	Aluizio Cherobim
1975	Romão e Julinha	Armando Maranhão
1975	Aventuras de Pinóquio	Danilo Aveleda
1975	O Vendedor de Bonecos	Danilo Aveleda
1975	Bicho de Sete Cabeças	Dante Mendonça
1975	Uma Visita para Frieda	Eloá Teixeira
1975	A Casa de Bernarda Alba	Gemba
1975	Funeral para um Rei Negro	Gemba
1975	Rapazes da Banda	Gemba
1975	O Assalto	Gilbert Bastos

1975	Doce Primavera	Karam
1975	O Beijo no Asfalto	Kraide
1975	Telêmaco	Kraide
1975	Bombom no Mundo do Teatro	Kraide
1975	Caramba	Paulo de Oliveira
1975	A Guarda Cuidadosa	Zé Maria Santos
1976	Fandango e Folclore	Danilo Aveleda
1976	A Valsa do Mascarado	Dante Mendonça
1976	Greta Garbo quem diria Acabou no Irajá	Eddy Franciosi
1976	Alzira Power	Gemba
1976	O Cerco da Lapa	Gemba
1976	Carla, Gigi e Margot	Gemba
1976	Eu Sou Vida, Eu Não Sou Morte	Gilbert Bastos
1976	Diário de um Louco	Gilbert Bastos
1976	Céu da Boca	Karam
1976	O Arquiteto e o Imperador da Assíria	Kraide
1976	Hoje é dia de Rock	Kraide
1976	A Dama de Copas e o Rei de Cuba	Kraide
1976	A Viagem de um Barquinho	Kraide
1976	A Valsa do mascarado	Paulo de Oliveira
1976	Diário de Bordo	Paulo Vítola
1976	Os Faladores	Zé Maria Santos
1976	A Turma	Zé Maria Santos
1976	Lá	Zé Maria Santos
1976	Marido, Matriz e Filial	Zé Maria Santos
1977	O Cavaleiro Negro Contra Gumercindo Tavares	Ariel Coelho
1977	Acto Solemnis	Gemba
1977	A História do Zoológico	Gemba
1977	O Cavaleiro Negro Contra Gumercindo Tavares	Kraide
1977	Orquestra de Senhoritas	Menghini
1977	A Árvore dos Mamulengos	Vital Santos
1978	Viva o Leão Gaspar	Fátima Ortiz
1978	Urubu	Karam
1978	Cinderela do Petróleo	Menghini

1978	No Futuro quero verde	Regina Bastos
1978	Parceria	Zeca Leite
1979	O Avião Parte às Cinco	Dante Mendonça
1979	Patética	Eddy Franciosi
1979	A Última Noite	Gemba
1979	O Cavalo Branco de Napoleão	Karam
1979	O Abajur Lilás	Karam
1979	Baile do Pau Brasil	Karam
1979	Com o Rabo dentre as Pernas	Kraide
1979	Pão e Circo	Nautilio Portela
1979	Esquina 31 de Março com 7 de Setembro	Zé Maria Santos
1979	Quando as Máquinas Param	Zé Maria Santos
1980	A Moda da Casa	Eddy Franciosi
1980	Bastam Dois para Dançar um bom Bolero	Eddy Franciosi
1980	Veias Abertas	Fátima Ortiz
1980	Camões	Hugo Mengarelli
1980	Belos Olhos Azuis	Ivone Hoffmann
1980	Tudo Azul no Hemisfério Sul	Ivone Hoffmann
1980	Esquina 7 de Setembro com 31 de Março	Karam
1980	Drácula	Kraide
1980	Puxa Vida	Kraide
1980	Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove	Kraide
1980	Dos Seios Desta Mãe Gentil	Kraide
1980	Rock Horror Show	Kraide
1980	O Hipocampo	Menghini
1981	Campo de Pouso	Caru (Ailton Silva)
1981	De Repente no Último Verão	Eddy Franciosi
1981	Flicts, Uma Cor	Fátima Ortiz
1981	As Criadas	Gemba
1981	As Bruxas de Salém(leitura)	Kraide
1981	Interpretação de Poesias do Cancioneiro Popular Brasileiro	Kraide
1981	Horácios e os Curiácios	Paulo Exlácio
1982	Nossos Pássaros	Caru (Ailton Silva)
1982	Batimpaz	Fátima Ortiz
1982	Zumbi	Gemba

1982	Disse Adeus as Ilusões e Embarcou para Hollywood	Ivone Hoffmann
1982	Em Cima das Nuvens Nunca Chove	Kraide
1982	Eu me Cido...você sui Cida	Mauricio Távora
1983	Crimes Delicados	Caru (Ailton Silva)
1983	O Presidente	Eddy Franciosi
1983	La Traviata	Gemba
1983	A Cegonha Boa de Bico	Hugo Mengarelli
1983	A Peladinha	José Basso
1983	Fim da Caso	Luthero Renato de Almeida
1984	Colônia Cecília	Ademar Guerra
1984	No Futuro Quero Verde	Caru (Ailton Silva)
1984	Vitrais	Fátima Ortiz
1984	Moda de Viola e Bala	Fátima Ortiz
1984	Zumbi	Gemba
1984	A Cantora Careca	Marcelo Marchioro
1984	Rei Lear	Rafael Pacheco
1984	Tudo Azul no Hemisfério Sul	Zé Maria Santos
1985	Moda de Viola e Bala	Fátima Ortiz
1985	Pinha, Pinhão, Pinheiro	Fátima Ortiz
1985	Chapéuzinho Vermelho	Giovanni Cesconetto
1985	Vampirei em Você na Lua de Cetim	Nelson Di Córdova
1985	Circo Redondo	Perré
1986	Por Telefone	Chico Nogueira
1986	A História de Muitos Amores	Fátima Ortiz
1986	A Dama de Copas e o Rei de Cuba	Marcelo Marchioro
1986	O Pequeno Príncipe	Moacir Davi
1987	O Segredo das Sete Chaves	Fátima Ortiz
1987	O Menino Maluquinho	Fátima Ortiz
1987	Vereda da Salvação	Gemba
1987	A Senhora dos Afogados	Lilian Fleury
1987	No Natal a Gente vem te buscar	Lilian Fleury
1987	Morte e Vida Severina	Luiz Carlos T. da Silva
1988	Levando a Vida Na Flauta	Chico Nogueira
1988	Doce de Leite	Chico Nogueira
1988	Qorpo Santo	Onivaldo Dutra

1989	Uma Noite na Taverna	Ademar Guerra
1989	Uma Visita para Frieda	Edson Bueno
1989	Othélo	Fátima Ortiz
1989	A Fada que Tinha Ideias	Onivaldo Dutra
1989	Rocio	Raul Cruz
1990	Mistérios de Curitiba	Ademar Guerra
1990	New York por Will Eisner	Edson Bueno
1990	O Guardador de Rebanhos	Fátima Ortiz
1990	Ionesco, Ionesco	Lilian Fleury
1990	O Barbeiro de Sevilha	Marcelo Marchioro
1990	As Bruxas de Salém	Marcelo Marchioro
1990	Pelo verde que nos resta	Regina Bastos
1991	Olhares Obscenos	Cleon Jacques
1991	Werther	Cleon Jacques
1991	As Preciosas Ridículas	Cleon Jacques
1991	Pluft, o Fantasminha	Edson Bueno
1991	Adivinhe quem vem para morrer	Érica Reis
1991	Cristóvão Colombo, o Genovês alucinado	Fátima Ortiz
1991	Tiradentes, o Herói da Liberdade	Luthero Renato de Almeida
1991	O Guerrilheiro da Inconfidência	Luthero Renato de Almeida
1991	Cantos Fúnebres da Esperança	Paulo Biscaia
1991	Foz	Raul Cruz
1992	O Vampiro e a Polaquinha	Ademar Guerra
1992	O Cara de Botina	Cleide Piasecki
1992	Festa da Independência	Cleon Jacques
1992	Besame Mucho	Cleon Jacques
1992	Cain	Edson Bueno
1992	Paixão e Morte Segundo Nelson Rodrigues	Edson Bueno
1992	Espectáculo Inauguração Ópera de Arame	Fátima Ortiz
1992	Um Homem, Uma Mulher e uma Pizza	Fátima Ortiz
1992	O Menino Maluquinho	Fátima Ortiz
1992	Todas as Pessoas	Fátima Ortiz
1992	O Carrasco do Sol	Gemba
1992	Dom Casmurro	Marcelo Marchioro



1992	Sonho de uma noite de verão	Marcelo Marchioro
1992	Hamlet	Marcelo Marchioro
1992	O Fazedor de Teatro	Marcelo Marchioro
1992	Sexo dos Anjos	Paulo Maia
1992	O Planeta Azul	Raul Cruz
1993	Literatura Viva	Abelardo Figueiredo
1993	Paisagem de Meninos	Edson Bueno
1993	Óh. Que Horror Parte II	Fiani
1993	Via Crucis	Gemba
1993	Flô e o Palácio dos Urubus	Lala Schneider
1993	A Ponte	Raul Cruz
1993	A Outra	Raul Cruz
1994	Literatura Viva	Abelardo Figueiredo
1994	O Duplo	Berenice Mendes
1994	A Feia	Cleide Piasecki
1994	Gnomos	Edson Bueno
1994	Speedy	Edson Bueno
1994	Fred e Cloé	Edson Bueno
1994	No Mundo de Dança	Edson Bueno
1994	Trecentina	Felipe Hirsch
1994	Cerco da Lapa	Gemba
1994	A Ópera dos 3 vinténs	Marcelo Marchioro
1994	Rimbaud	Marco Mascarenhas
1994	A Tempestade	Paulo de Moraes
1995	Literatura Viva	Abelardo Figueiredo
1995	Dedo Volúvel do Destino	Cleide Piasecki
1995	Equus	Edson Bueno
1995	Ópera da Cidade	Edson Bueno
1995	Brasil na Ponta dos Pés	Edson Bueno
1995	A Serpente	Fiani
1995	Júlio César	José Aparecido Massi
1995	Lua Brasileira	Marcelo Marchioro
1995	Trecentina II	Mario Schoemberger
1995	A Rainha do Rádio	Tupaceretan Mateus
1996	O Vampiro e a Polaquinha	Ademar Guerra
1996	Literatura Viva	Abelardo Figueiredo

1996	Há Vaga para Moças de Fino Trato	Caru (Ailton Silva)
1996	O Tenor e a Elefanta	Chico Penafiel
1996	Maionese	Cleide Piasecki
1996	Os Argonautas	Cleide Piasecki
1996	Amhal e os Visitantes da Noite	Cleon Jacques
1996	O Tenor e a Elefanta	Danilo Aveleda
1996	O Menino Maluquinho	Fátima Ortiz
1996	Gente, Criança	Fátima Ortiz
1996	Agora é que são elas	Fiani
1996	Trecentina III	Fiani
1996	Los Bonecos no País da Gramática	Marcelo Marchioro
1996	Maldição	Tony Silveira
1997	Solte o Boi na Rua	Caru (Ailton Silva)
1997	O Cara de Botina	Cleide Piasecki
1997	Woyzeck	Edson Bueno
1997	Nos Tempos do Rock And Roll	Edson Bueno
1997	Viúva, porém, honesta	Edson Bueno
1997	A Fada que Tinha Ideias	Fátima Ortiz
1997	Estou te Escrevendo de um País Distante	Felipe Hirsch
1997	Oizintocáveis	Fiani
1997	Jak, o estripador	Fiani
1997	O Círculo de Giz Caucasiano	Lilian Fleury
1997	O Processo	Luiz Roberto Meira
1997	killer Disney	Marcelo Marchioro
1997	Seroc	Mauricio Vogue
1997	A Verdadeira História do Mágico de Oz	Sandra Pires
1998	Coração Dilacerado	Caru (Ailton Silva)
1998	As Kamikases	Cleide Piasecki
1998	Histórias Urbanas de Arrepiar	Edson Bueno
1998	Maria Pipoca	Fátima Ortiz
1998	Juventude	Felipe Hirsch
1998	Quem Matou Agatha Cristie	Fiani
1998	O Ventre do Minotauro	Marcelo Marchioro
1998	A Exceção e a Regra	Marcelo Marchioro
1998	Se Essa Rua Fosse Minha...	Mauricio Vogue
1998	Auto de Natal Noite Feliz	Mauricio Vogue

1998	O Pequeno Príncipe	Moacir Davi
1998	Paranaguá 350 anos	Romário Borelli
1998	A Pequena Sereia	Wellington
1999	O Meu Pé de Laranja Lima	Cleide Piasecki
1999	Yentl	Eliane Berger
1999	1/32	Eliane Campelli
1999	Circo de Balões	Fiani
1999	O Inimigo do Povo	José Plínio
1999	O que o Mordomo Viu	Marcelo Marchioro
1999	Trecentina 500	Mario Schoemberger
1999	O Pequeno Eyolf	Nena Inoue
1999	Literatura Viva	Romário Borelli
1999	Epifania	Sandra Pires
1999	Michelangelo	Wladimir Ponchirolli
2000	As Lágrimas Ressuscitadas de Dorian C	César Almeida
2000	Além da Lenda	Cigano – Claudio D. Ivanovitch
2000	Liberdade, Liberdade	Esmeralda Silveira
2000	Era Uma Vez Outra História	Fátima Ortiz
2000	A Vida é Cheia de Som e Fúria	Felipe Hirsch
2000	Os Incendiários	Felipe Hirsch
2000	Liberdade, Liberdade	Lala Schneider
2000	A Grega	Marcelo Marchioro
2000	Pequenos Assassinatos	Marcelo Marchioro
2000	Lá	Mauricio Vogue
2000	Além da Lenda	Neiva Camargo
2000	O Inspetor Geral	Paulo Maia
2000	Tolerância Zero	Rafael Pacheco
2000	Literatura Viva	Romário Borelli
2001	O Enterro do Cachorro	Caru (Ailton Silva)
2001	Solte o Boi Na Rua	Caru (Ailton Silva)
2001	Lágrimas Puras em Olhos Pornográficos	Edson Bueno
2001	As Loucas e os Lazarentos	Enéas Lour
2001	Bom dia, Dinossaura	Enéas Lour
2001	Memória da Água	Felipe Hirsch
2001	Jantar entre Amigos	Felipe Hirsch

2001	Nostalgia	Felipe Hirsch
2001	História Viva	Wladimir Ponchirolli
2002	Cão Coisa	Adherbal Freire
2002	Dançando Sobre o Vulcão	Ana Zétola
2002	Um Unicórnio no Jardim	Edson Bueno
2002	O Corvo	Edson Bueno
2002	Como Aprendi a Dirigir um Carro	Felipe Hirsch
2002	Os Solitários	Felipe Hirsch
2002	Confissões de um rádio	Flavio Stein
2002	O Caminho da Montanha	Marcio Mattana
2002	Eu e o meu Guarda Chuva	Mauricio Farias e Vicente Barcelos
2002	O Anjo do Pé de Gengibre	Rafael Camargo
2002	Eu e meu guarda-chuva	Vicente Barcellos e Mauricio Farias
2003	Vaqueiros e Cantadores	Caru (Ailton Silva)
2003	Rock número 7	Chico Penafiel
2003	A ponte e a água da piscina	Eberson Galiotto
2003	Vermelho Sangue Amarelo Surdo	Edson Bueno
2003	Nada de Pânico	Enrique Dias
2003	Alice	Felipe Hirsch
2003	Temporada de Gripe	Felipe Hirsch
2003	A Morte de um Caixeiro Viajante	Felipe Hirsch
2003	Grandes Esperanças	Luciano Coelho
2003	O Homem Elefante	Luiz Roberto Meira
2003	O rato no mundo	Mauricio Vogue
2003	Que absurdo!	Pagu
2003	Moby Dicky a Ahab na terra do sol	Paulo Biscaia
2003	Que Absurdo	Paulo Maia
2004	Adolescer.com	Ana Zétola
2004	Martuin	Edson Bueno
2004	Investigação Sobre o Adeus	Edson Bueno
2004	A Longa Viagem...	Enéas Lour
2004	Era uma vez...Nossas Histórias	Enéas Lour
2004	O Grande Rei Leão	Mauricio Vogue
2004	Batimpaz	Regina Bastos

2005	Capitu	Edson Bueno
2005	Metaformose	Edson Bueno
2005	Avenida Dropsie	Felipe Hirsch
2005	A gralha	Fiani
2005	Angel City	Lilian Fleury
2005	Pico na Veia	Marcelo Marchioro
2005	Aperitivos	Marcio Mattana
2005	A Navalha na Carne	Silvia Monteiro
2006	Cão, a Comédia da Arte dos Quarentões	Ana Zétola
2006	Macbeth	Edson Bueno
2006	Todo Nudez Será Castigada	Edson Bueno
2006	Tangos-Portas do Céu	Edson Bueno
2006	Rumo à Terra	Fátima Ortiz
2006	Thom Pain	Felipe Hirsch
2006	O Avarento	Felipe Hirsch
2006	Sobre o Amor	Felipe Hirsch
2006	Fando e Lis	Mauricio Vogue
2006	Nosso Lar	Rodrigo de Oliveira
2006	Manual Prático da Mulher Desesperada	Ruiz Bellenda
2006	Quero Falar, mas a Tempestade não Deixa	Silvia Monteiro
2007	Salomé	Edson Bueno
2007	O Olho D'Água	Fátima Ortiz
2007	O Amor Seja como for	Fátima Ortiz
2007	Jeito	Fátima Ortiz
2007	Colônia Cecília	Fiani
2007	Menos Emergências	Marcio Mattana
2007	Os Mensageiros	Rodrigo de Oliveira
2007	Giovani, Luigi & Montenegro	Silvia Monteiro
2008	O Evangelho Segundo São Mateus	Edson Bueno
2008	Kafka, Escrever é um Sono mais Profundo do que a Morte	Edson Bueno
2008	Psicólogos não choram	Enéas Lour
2008	Não Sobre o Amor	Felipe Hirsch

2008	Macho Não Ganha Flor	Fiani
2008	Assunto Terminado	Jaqueline Daher
2008	Diga Aonde Dói	Maíra Lour
2008	As Ruas de Bagdá ou Aranha Marrom não Usa Roberto Carlos	Marcio Mattana
2008	Bolacha Maria	Nadja Naira
2009	Kafka, Escrever é um Sono mais Profundo do que a Morte	Edson Bueno
2009	A Vida Como ela É	Edson Bueno
2009	Bilhetes	Enéas Lour
2009	Palhaço Amoroso	Fátima Ortiz
2009	Paiquere, Piquiri e Aietó	Fátima Ortiz
2009	Viver sem Tempos Mortos	Felipe Hirsch
2009	Jesus menino	Fiani
2010	Antes do Fim	Damasceno
2010	Saramago	Daniela Thomas
2010	Metaformose Leminski	Edson Bueno
2010	Arlechino	Enéas Lour
2010	Singélida	Fátima Ortiz
2010	Ptrodátalos	Felipe Hirsch
2010	Cinema	Felipe Hirsch
2010	Hell	Hector Babenco
2011	De volta pra casa	Álvaro Bittencourt
2011	Minha Vontade de Ser Bicho	Edson Bueno
2011	Serafim	Enéas Lour
2011	Trilhas Sonoras de Amor Perdidas	Felipe Hirsch
2011	O Julgamento de Otelo	José Plínio
2011	A Senhora de Dubuque	Leonardo Medeiros
2011	Vertigem	Maíra Lour
2011	Ilíada-Canto I	Octávio Camargo
2011	Murro em Ponta de Faca	Paulo José
2011	Balada e um palhaço	Regina Bastos
2011	Onde Vamos Morar	Tatiana Caltabiano
2011	Macumba Antropofágica	Zé Celso Martinez Correa
2012	Satyricon Delírio	Edson Bueno
2012	Serafim	Enéas Lour

2012	Curitiba Vestida de Noiva	Enéas Lour
2012	Paciente Estevão	Felipe Hirsch
2012	Nelson Rodrigues por ele mesmo	Fernanda Montenegro
2012	Indiazinha Apaixonada	Fiani
2012	Penso Logo Resisto	Fiani
2012	O Aumento	Guel Arraes
2012	Por Que Não Estou Onde Você Está	Maíra Lour
2012	Imprecações	Marcio Mattana
2012	Drummond	Miguel Wisnick
2012	Buraco da Fechadura	Rafael Camargo
2013	Que História é Essa	Fátima Ortiz
2013	O Caminho dos Girassóis	Fátima Ortiz
2013	Puzzle A	Felipe Hirsch
2013	Show De fala e Beijo A força	Felipe Hirsch
2013	Amores Difíceis	Maíra Lour
2013	Extraordinário Cotidiano	Maíra Lour
2013	Ha, A Humanidade	Murilo Hauser
2013	Agora	Marcos Caruso
2013	Flores Dispersas	Regina Bastos
2013	Rei Lear	Silvia Monteiro
2014	Piscina	Álvaro Bittencourt
2014	Billie	Alexandre França
2014	Eus	Alexandre Mello e Maria Adélia
2014	Beije Minha Lápide	Bel Garcia
2014	Drácula	Enéas Lour
2014	Puzzle B	Felipe Hirsch
2014	Duas Criaturas Gritando no Palco	Gorozito
2014	Palavras da Chuva	Leonardo Medeiros
2014	Câmera Escura	Maíra Lour
2014	Álbum de Figurinhas Difíceis	Nadja Naira
2014	Não Vejo Moscou da Janela do Meu Quarto	Silvana Garcia
2014	História Viva	Wladimir Ponchirolli
2015	Dora	Cleide Piasecki
2015	Artistas em Fuga	Damasceno
2015	Puzzle C	Felipe Hirsch

2015	Puzzle D	Felipe Hirsch
2015	Ensaio para um adeus inesperado	Fátima Ortiz
2015	Beijo do Vampiro	Fiani
2015	A Esposa e a Mariposa	Flavio de Souza
2015	Ideia Fixa	Henrique Tavares
2015	Ensaio Para um Adeus Inesperado	Jean Carlos Sanchez
2015	Todas as Mulheres	José Plínio
2015	T3	Maíra Lour
2015	Projeto Brasil –Iluminação parceria com Nadja Naira	Marcio Juliano
2015	Mar Paraguayo	Nadja Naira
2015	Grande Circo de Cavalinhos	Nena Inoue
2015	O Encalhe dos Trezentos	Nena Inoue
2015	Catatau	Octávio Camargo
2015	A Volta	Paulo Alves
2015	Glue Trap	Sueli Rocha
2015	Godofredo e Alice	Tatiana Caltabiano
2016	O Homem Desconfortável	Alexandre Reineck
2016	Nuon	Ana Rosa Tezza
2016	O Amor Perdoa Tudo	Ary Coslov
2016	Terceira Margem	Direção Coletiva
2016	Paixões Desenfreadas	Edson Bueno
2016	O Pequeno Príncipe	Edson Bueno
2016	Agreste	Fátima Ortiz
2016	Tragédia e Comédia Latino Americana	Felipe Hirsch
2016	Os Realistas	Guilherme Weber
2016	Lovlovlov	Isabel Teixeira
2016	Um Calcanhar Avariado	Moa Leal
2016	Dalton Cabaré	Nena Inoue
2016	Apresentação dos 24 cantos da Ilíada no Festival de Teatro de Curitiba	Octávio Camargo
2016	Tempo de Voo	Rafael Camargo
2016	Dois Velhinhos, ipês, mil passarinhos	Rafael Camargo
2016	Melancia	Victor Mendes
2016	Tchau, querida!	Wagner Moura
2017	Desnoite	Adriano Esturilho



2017	Para não morrer	Babaya e Nena Inoue
2017	Tom	Damasceno
2017	Ubu Rei	Daniel Herz
2017	Nanook	Eduardo Ramos
2017	Tragédia e Comédia Latino Americana	Felipe Hirsch
2017	Selvageria	Felipe Hirsch
2017	Gilda	Gabriel da Selvática
2017	Todas	Giorgia Conceição
2017	Outras Palavras	Maíra Lour
2017	Con la Carmen no te metas	Maíra Lour
2017	Eus	Maria Adélia e Alexandre Mello
2017	Karam – Projeto As mesmas coisas	Nadja Naira
2017	Giacomo Joyce	Octávio Camargo
2017	O Turco	Rafael Camargo
2017	Para Gilda com ardor	Ricardo Nolasco
2017	Rei da Vela	Zé Celso Martinez Correa
2018	Amanhã foi Cancelado	Ana Rosa Tezza
2018	Moliére	Diego Fortes
2018	Mona Lisa vs Adolph Hitler	Edson Bueno
2018	Joker	Edson Bueno
2018	Cérebro/Coração	Enrique Dias e Renato Linhares
2018	O Menino Quadrado	Fátima Ortiz
2018	Democracia	Felipe Hirsch
2018	Show Artur de Faria	Felipe Hirsch
2018	Heisenberg	Guilherme Piva
2018	A Peça do Casamento	Guilherme Weber
2018	Naquele dia vi você sumir	Miwa Yanagizawa
2018	Diário de um louco	Octávio Camargo
2019	Manaós/A pequena abelha e a árvore alta	Ana Rosa Tezza
2019	De esperança, suor e farinha	Amauri Ernani
2019	Mãe coragem	Daniela Thomas
2019	O homem que amava a literatura	Edson Bueno
2019	Mona Lisa vs Adolph Hitler	Edson Bueno

2019	Antes que a derradeira noite se espalhe em Latino América	Felipe Hirsch
2019	Fim	Felipe Hirsch
2019	Lázarus	Felipe Hirsch
2019	Eu Não Sou Cachorro	Gorozito
2019	People vs People	Isabel Teixeira
2019	A Filha do Palhaço	Laura Haddad
2019	Habitat –O Arquipélago	Maíra Lour
2019	Habitat –Mulher, como você se chama	Maíra Lour
2019	Habitat –Foi assim que o oceano invadiu minha casa	Maíra Lour
2019	Habitat –Pirataria	Maíra Lour
2019	Habitat - Uma história só	Maíra Lour
2019	Contos	Marcio Abreu
2019	A Espera	Mauricio Vogue
2019	Os 50ões	Octávio Camargo
2019	O que mantém um homem vivo	Renato Borghi
2020	Gaiivota	Bete Coelho
2020	Terra Nova	Don Correa
2020	Língua Brasileira	Felipe Hirsch
2020	Madame Sheila	Monique Gardenberg e Bel Teixeira
2020	Todomundo	Rodrigo Portela
2021	Ballet	Ana Rosa Tezza
2021	6 músicas	Ana Rosa Tezza
2021	Cão Vadio	Ana Rosa Tezza
2021	Fantasmagoria 2	Felipe Hirsch
2021	Elevador	Georgette Fadel
2021	O Avarento	Mauro Zanata
2021	Esperando Godot	Monique Gardenberg e Bel Teixeira
2021	Esperando Godot	Zé Celso Martinez Correa
2022	Virginia	Amir Haddad
2022	A Aforista	Daniela Thomas
2022	Manaós	Ana Rosa Tezza
2022	Vira Lata	Ana Rosa Tezza
2022	Moly Bloom	Bete Coelho
2022	Moly Bloom	Daniela Thomas

2022	Ópera da Cidade	Edson Bueno
2022	Mirandolina	Edson Bueno
2022	Mona Lisa vs Adolph Hitler	Edson Bueno
2022	Com que Roupa – Mulheres Travestidas em Shakespeare	Fátima Ortiz
2022	Língua Brasileira	Felipe Hirsch
2022	Aqui – amanhã é outra imagem	Maíra Lour
2022	Roberta- Ópera Rock	Mauricio Vogue
2022	O Universo está Vivo como um Animal	Nadja Naira
2022	Roberta- Ópera Rock	Nena Inoue
2023	A Aforista	Damasceno
2023	Morro Brasil	Olga Neneve